



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ**  
**UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR**  
**Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI**

**REBECA FERNANDES FERREIRA LIMA**

**BEM-ESTAR SUBJETIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM  
SITUAÇÃO DE RUA**

**SUBJECTIVE WELL-BEING OF CHILDREN AND ADOLESCENTS IN  
STREET SITUATION**

**FORTALEZA – CE**  
**Maió/2014**

**REBECA FERNANDES FERREIRA LIMA**

**BEM-ESTAR SUBJETIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM  
SITUAÇÃO DE RUA**

**SUBJECTIVE WELL-BEING OF CHILDREN AND ADOLESCENTS IN  
STREET SITUATION**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como exigência parcial para obtenção de título de Mestra em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Produção e Expressão Sócio-cultural da Subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes.

**FORTALEZA - CE  
Maio/2014**

---

L732b Lima, Rebeca Fernandes Ferreira.  
Bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua /  
Rebeca Fernandes Ferreira Lima. - 2014.  
137 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2014.  
“Orientação: Profa. Dra. Normanda Araújo de Moraes.”

1. Bem-estar – Aspectos psicológicos. 2. Crianças de rua. 3. Afeto  
(Psicologia). I. Título.

CDU 159.9:364.628

---



Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade

Dissertação intitulada ***“Bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua”***, de autoria da mestrandia **Rebeca Fernandes Ferreira Lima**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

*Normanda Araujo de Moraes*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes - (UNIFOR) – Orientadora

*Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel - (UNIFOR)

*Simone dos Santos Paludo*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Simone dos Santos Paludo - (FURG)

Fortaleza, 26 de maio de 2014.

*Tereza Gláucia Rocha Matos*

Visto:

Profa. Dra. Tereza Gláucia Rocha Matos  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
UNIFOR

## AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão prevalece ao fim deste ciclo. Além de conhecimento, essa caminhada, sem dúvida alguma, me trouxe experiências de afeto ao lado de pessoas tão especiais!

Agradeço à minha família por todo o amor cultivado.

Aos meus pais por estarem presentes, apoiando minhas escolhas, acreditando em seus sonhos. Cada passo meu foi olhado e cuidado por vocês. Agradeço imensamente pelo amor e dedicação à minha formação (humana e profissional). Por me fazerem ser uma pessoa melhor a cada dia, buscando meus ideais sem achá-los inatingíveis, pois mesmo quando há dificuldades, vocês impulsionam-me a seguir em frente, fortalecendo-me.

Aos meus irmãos e cunhadas pela cumplicidade, pelos sorrisos, pelo amor, pela alegria.

Ao lindo Enzo que desperta minha vontade de aprender, de ser doce e ser criança.

Ao meu amor pelo incentivo, atenção, carinho, parceria e paciência nos momentos que não estive presente.

À querida Normanda, anjo em minha vida, apareceu com toda sua sabedoria, não só sobre teorias, mas, sobretudo, sobre a vida, sobre “sermos mais humanos”. A cada palavra, a cada gesto demonstra seu prazer em ensinar e seu cuidado em garantir nosso bem-estar.

Aos queridos e queridas do Lesplexos, grupo de muito afeto que tenho o privilégio de fazer parte. O apoio, a amizade e o incentivo foram fundamentais em cada etapa desse percurso.

Aos queridos e queridas das equipes de pesquisa do projeto longitudinal, de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador. Vivemos juntos esses momentos de pesquisa. Apoiamo-nos quando as dificuldades surgiram, quando nos deparamos com a realidade de crianças e adolescentes em situação de rua que nos comoveram imensamente. As conquistas de cada um foram compartilhadas por todos, incentivando a ir além dos obstáculos, buscando diferentes estratégias para garantir a realização da pesquisa e o bem-estar dos participantes.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me recebeu durante o período sanduíche. Especialmente à Profa.

Sílvia Koller pela acolhida em Porto Alegre, por me proporcionar viver uma cultura diferente, estar próxima a quem admiro e cursar disciplinas que tanto me enriqueceram! Foi uma experiência incrível!

À Profa. Regina Maciel e à Profa. Simone Paludo por aceitarem o convite para comporem a banca de qualificação e de defesa, pela disponibilidade e atenção ao projeto de mestrado e dissertação. Suas contribuições foram preciosas para a realização deste trabalho.

À Profa. Cynthia Melo pela disponibilidade, atenção e orientações.

À bolsa de mestrado concedida pela Jacobs Foundation. Reconheço o privilégio de ser bolsista desde a iniciação científica e sinto-me responsável pelo investimento que recebi.

Às crianças e adolescentes em situação de rua que me fizeram uma pessoa diferente. A abertura, a simplicidade, a vontade de viver, os sorrisos e tantas outras demonstrações de felicidade espantaram-me. Onde reclamações, lágrimas e saudade seriam perfeitamente explicadas pelas situações vividas, esses jovens negaram-se a viver somente em lamentações. São ativos, inteligentes e construtores de suas histórias. Mesmo com a vulnerabilidade e riscos enfrentados, vivem suas vidas brincando, se amando, sendo felizes.

Sem vocês, minha conquista não teria sentido algum.

Gratidão!

*Possível Sonho!*

*Sim, serão possíveis  
se não todos, alguns...  
mesmo enfrentando tormentas e dissabores  
Com garra lutarei, vencerei!*

*Não quero nem pensar em erros  
debilitar a alma  
e com prantos apagar  
a luz das estrelas...  
Eu preciso sonhar!*

*Caminhando sempre estarei  
não importa quão longe esteja  
direitos, Paz espalharei  
jardins plantarei.*

*E não descansarei  
mesmo que minha busca seja infinita  
que o inferno esteja próximo  
ao meu sonho serei sempre fiel  
tudo, tudo enfrentarei!*

*Mesmo que não chegue ao topo  
que medalhas não receba  
sei que serei vencedora  
porque jamais desisti,  
me entreguei.*

*Se preciso for, das cinzas voltarei  
as cicatrizes apagarei, secarei  
dos trapos, das migalhas  
ressurgirei regando, adubando  
mesmo que sejam somente  
sementes dos sonhos meus!*

(Maria Thereza Neves)

## RESUMO

O bem-estar subjetivo (BES) de crianças e adolescentes em situação de rua foi investigado quantitativamente (Estudo I) com 111 participantes (9-18 anos), de ambos os sexos, de três capitais brasileiras (Fortaleza, Salvador e Porto Alegre) e, qualitativamente (Estudo II) com 6 participantes de Fortaleza (10-17 anos), todos do sexo masculino. Foram utilizados: Entrevista de Experiência de Vida, Inventário de Eventos Estressores, Mapa dos Cinco Campos, Escalas de Afeto Positivo e Negativo e Escala de Satisfação de Vida (Estudo I); e Entrevista Estruturada e Figuras representativas dos contextos - escola, família, rua, amigos e instituição (Estudo II). Os resultados do Estudo I revelam participantes com elevado nível de BES, expresso nos altos índices de satisfação de vida e de afetos positivos, os quais foram maiores que os de afeto negativo. Os participantes também evidenciaram elevado nível de eventos estressores e uma rede de apoio com contatos de boa qualidade/proximidade afetiva. No Estudo II, os participantes demonstraram satisfação com sua vida, atribuindo os afetos positivos ao relacionamento com os pares, à presença dos familiares e ao envolvimento em atividades lúdicas e de lazer; ao passo que os afetos negativos foram relacionados aos conflitos e brigas (com amigos, familiares e profissionais das instituições), preconceitos da sociedade, punições por desobedecer regras, realização de atividades domésticas e violência física e sexual. A rua e a família foram os contextos mais associados aos afetos negativos quando comparados à instituição, à escola e aos amigos. Porém, os afetos positivos não estiveram excluídos da rua e da família. Enfatiza-se a importância de estudos acerca dos processos positivos, os quais propõem uma leitura mais abrangente acerca do desenvolvimento humano em contextos de vulnerabilidade e que não estejam baseados exclusivamente no levantamento de indicadores de risco vivenciados por essas populações.

Palavras-chave: bem-estar subjetivo, situação de rua, satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo.

## **ABSTRACT**

The subjective well-being (SWB) of children and adolescents in street situation was quantitatively investigated (Study I) with 111 participants (9-18 years old), of both genre, from three Brazilian cities (Fortaleza, Salvador and Porto Alegre) and qualitatively (Study II) with 6 participants from Fortaleza (10-17 years old), all male. Life Experience Interview, Stressful Events Inventory, the Five Field Map, Positive and Negative Affect Scale and Life Satisfaction Scale (Study I); and Structured Interview and Figures representative of contexts - school, family, street, friends and institution (Study II) were used. In Study I results showed participants with high levels of SWB, expressed in high levels of life satisfaction and positive emotions, which were higher than those of negative affect. Participants also showed high level of stressful events and a network of supporting contacts with good quality/emotional proximity. In Study II, participants expressed satisfaction with their lives, attributing the positive relationships with peers, the presence of family members and the involvement in recreational and leisure activities; whereas negative affects were related to conflicts and quarrels (with friends, family and professional institutions), prejudices of society, punishment for disobeying rules, not performing household activities and physical and sexual violence. The street and the family were more associated with negative affect compared to the institution, school and friends. However, positive affect were not excluded from the street and the family. It is emphasized the importance of studies on the positive processes, which suggest a broader view of human development in contexts of vulnerability and are not based solely on survey indicators of risk experienced by these populations.

**Keywords:** subjective well-being, street situation, life satisfaction, positive affect, negative affect.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Desenho do participante A1 (10 anos).....	88
Figura 2	Desenho do participante A2 (12 anos).....	89
Figura 3	Desenho do participante A5 (17 anos).....	89

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Média e Desvio-padrão da Satisfação de Vida na Avaliação dos Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades.....	53
Tabela 2	Média e Desvio-padrão dos Afetos Positivos na Avaliação dos Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades.....	55
Tabela 3	Média e Desvio-padrão dos Afetos Negativos na Avaliação dos Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades.....	57
Tabela 4	Frequência e Porcentagem da Ocorrência dos Eventos Estressores e Média e Desvio-Padrão dos Impactos Correspondentes para os Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades.....	60
Tabela 5	Média e Desvio-padrão da Rede de Apoio (Total de Contatos e Fator de Proximidade) no Mapa Total e por Campo (Família, Amigos, Instituição, Escola e Rua) para os Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades.....	63
Tabela 6	Correlações entre Satisfação de Vida, Afeto Positivo e Afeto Negativo com Eventos Estressores (número e impacto), Rede de Apoio (contatos e fator de proximidade), Idade e Sexo.....	70
Tabela 7	Dados Sociodemográficos dos Participantes (Estudo II).....	85

## SUMÁRIO

Lista de Tabelas		8
Lista de Figuras		9
Resumo		10
Abstract		11
Capítulo I	Introdução	12
	1. Referencial Teórico	16
	1.1. Crianças e Adolescentes em Situação de Rua	16
	1.2. Fatores de Risco e Fatores de Proteção ao Desenvolvimento	20
	1.2.1 Fator de Risco – Eventos Estressores	21
	1.2.2 Fator de Proteção – Rede de apoio	23
	1.3. Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano	25
	1.4. Psicologia Positiva	33
	1.4.1. Bem-Estar Subjetivo	37
Capítulo II	2. Estudo I: Caracterização Quantitativa do Bem-Estar Subjetivo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: Um Estudo em Três Capitais Brasileiras (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador)	44
	2.1. Método	44
	2.1.1. Participantes	44
	2.1.2. Instrumentos	45
	2.1.3. Procedimentos de Coleta de Dados	47
	2.1.4. Procedimentos de Análise de Dados	49
	2.1.5. Procedimentos Éticos	50
	2.2. Resultados	51
	2.2.1. Descrições do Bem-Estar Subjetivo: Satisfação de Vida, Afetos Positivos e Afetos Negativos	51
	2.2.2. Caracterização dos Eventos Estressores (número e impacto)	58
	2.2.3. Caracterização da Rede de Apoio (total de contatos e fator de proximidade)	62
	2.2.4. Comparação dos Escores de Satisfação de	65

	Vida, Afeto Positivo, Afeto Negativo, Eventos Estressores e Rede de Apoio no que se Refere às Variáveis Sociodemográficas de Idade e Sexo	
	2.2.5. Correlações de Satisfação de Vida, Afeto Positivo e Afeto Negativo às Variáveis Eventos Estressores, Rede de Apoio, Idade e Sexo	68
	2.3. Discussão	71
Capítulo III	3. Estudo II: Caracterização Qualitativa do Bem-Estar Subjetivo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua	84
	3.1. Método	84
	3.1.1. Participantes	84
	3.1.2. Instrumentos	85
	3.1.3. Procedimentos de Coleta de Dados	86
	3.1.4. Procedimentos de Análise de Dados	87
	3.1.5. Procedimentos Éticos	87
	3.2. Resultados	87
	3.2.1. Satisfação de Vida	88
	3.2.2. Situações Relacionadas aos Afetos Positivos e Negativos	92
	3.3. Discussão	97
Capítulo IV	Considerações Finais	106
	Referências	112
Anexos	Anexo A. Entrevista de Experiências de Vida	120
	Anexo B. Inventário de Eventos Estressores	122
	Anexo C. Mapa dos Cinco Campos (Rede de Apoio)	123
	Anexo D. Escala de Afeto Positivo e Negativo	126
	Anexo E. Escala de Satisfação de Vida	127
	Anexo F. Carta de Aceite do Comitê de Ética	128
	Anexo G. Termo de Concordância para o Ministério Público	129
	Anexo H. Termo de Concordância para as Instituições	131
	Anexo I. Entrevista Estruturada	133
	Anexo J. Figuras dos Contextos	134
	Anexo L. Fichas dos Afetos Positivos e Negativos	137

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou analisar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes com experiência de vida na rua. Ela foi parte de um projeto de pesquisa mais abrangente, intitulado: “*O impacto da vida na rua em adolescentes: Um estudo longitudinal sobre risco e proteção*”, o qual está sendo desenvolvido em três capitais brasileiras: Fortaleza, Porto Alegre e Salvador, desde o início de 2012.

As crianças e adolescentes em situação de rua tornaram-se alvo de interesse social, político e acadêmico na década de 80, período de crise econômica e, conseqüente, aumento da pobreza nacional (Morais, 2009). Inicialmente, quando pouco se conhecia a respeito dessa população, esta era identificada de forma eminentemente negativa. Isto é, atribuía-se a esses jovens que viviam nas ruas características como maltrapilhos, abandonados, órfãos e delinquentes. Na atualidade, verifica-se que, em geral, os jovens em situação de rua permanecem sendo vistos a partir de uma visão limitada e revestida de preconceitos, a qual negligencia a complexidade de fatores que envolvem a realidade experienciada pelos mesmos.

Na perspectiva de que a rua não é um ambiente privilegiado ao desenvolvimento humano, as pesquisas acadêmicas e políticas públicas apresentam-se como formas de atuação na garantia de uma vida digna aos jovens. Sabe-se que quanto mais se conhece de uma realidade, mais se tem meios para intervenções adequadas. Para tanto, verifica-se que o estudo envolvendo esse segmento populacional se faz importante frente à diversidade e adversidade presentes nesse ambiente de desenvolvimento.

A realização de pesquisas envolvendo os jovens em situação de rua apresentou uma realidade para além de estereótipos. Notou-se a rua não apenas como um lugar de hostilidade, mas como uma alternativa concreta de sobrevivência (Koller, 2011). Nesse sentido, observa-se que a rua tanto poderia atuar oferecendo risco ao desenvolvimento como viabilizando oportunidades àqueles que, por vezes, haviam vivenciado a violência (física, social e emocional), negligência e miséria econômica.

Em acordo com a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano - ABDH, o indivíduo é apreendido em sua complexidade sistêmica (Bronfenbrenner, 1979/1996). Para a compreensão dos fenômenos em torno do desenvolvimento humano amplia-se o olhar para os processos biopsicológicos da pessoa em interação com o

ambiente. Assim, o indivíduo é visto como possuidor de características pessoais (intrínsecas e adquiridas) e participante ativo nas relações com as pessoas e os ambientes, seja a família, a instituição de acolhimento, a rua ou mesmo o contexto cultural ampliado da sociedade em que está inserido. Dessa forma, uma abordagem sistêmica na compreensão do desenvolvimento humano permite a percepção de fatores que podem ser tanto prejudiciais como protetivos ao desenvolvimento nos variados contextos em que os jovens em situação de rua estabelecem seus vínculos sociais e afetivos.

Contudo, não se tem verificado na base das ciências humanas e sociais uma perspectiva teórica que possibilite a reflexão sobre os aspectos positivos das pessoas. O conhecimento científico tendeu historicamente a problematizar os fatores que trazem prejuízos à vida das pessoas em detrimento dos aspectos que lhes promovem qualidade de vida. Mais recentemente, porém, sobretudo a partir dos anos 2000, a Psicologia Positiva tem contribuído para um importante passo epistemológico na medida em que incluiu nas discussões estudos sobre adaptabilidade e funcionamento positivo. Essa perspectiva favorece a compreensão do indivíduo de forma global, em seus aspectos positivos e negativos (Snyder & Lopez, 2009).

Com essa nova proposta teórica seguiram-se trabalhos refletindo temas como felicidade, criatividade, sabedoria, otimismo, entre outros. Assim, a Psicologia Positiva possui como enfoque as capacidades e habilidades humanas. Ou seja, aquilo que pertence às pessoas impulsionando e mantendo o seu funcionamento saudável. Nessa perspectiva, o bem-estar subjetivo se constitui como uma área de destaque da Psicologia Positiva, a qual tem como objetivo investigar a percepção do indivíduo sobre sua vida, em seus afetos e satisfação de vida (Snyder et al., 2009).

Numa revisão sistemática da literatura sobre o bem-estar infantil, Pollard & Lee (2003) verificaram cinco domínios do bem-estar infantil: físico, psicológico, cognitivo, social e econômico. Os indicadores positivos relacionaram-se às dimensões física, cognitiva, social e econômica, enquanto que os indicadores negativos sobressaíram-se na dimensão psicológica, tal como pode ser exemplificado num estudo envolvendo o bem-estar em adolescentes (McFarlane et al., 1995). Este utilizou como únicos indicadores de bem-estar a ausência de estresse e depressão. Os resultados encontrados nessa revisão sistemática da literatura sobre o bem-estar infantil caracterizam o panorama científico, no qual os déficits desenvolvimentais, as desordens e, de forma geral, a doença foram temas centrais na Psicologia. No entanto, diferente do constatado

na base histórica da Psicologia, nas produções científicas atuais torna-se crescente a ênfase sobre os aspectos positivos do desenvolvimento, evidenciando as capacidades e habilidades das pessoas.

A investigação sobre o bem-estar subjetivo é uma área emergente na psicologia do desenvolvimento em contextos adversos, caracterizando-se como um avanço teórico, metodológico e ético em propostas de intervenções adequadas na busca pela qualidade de vida de crianças e adolescentes em situação de rua. O bem-estar subjetivo é definido como uma categoria de fenômenos que inclui respostas emocionais, satisfações de domínios específicos da vida e julgamentos globais de satisfação de vida (Diener, Suh, & Lucas, 1999; Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Dessa forma, o bem-estar subjetivo refere-se à avaliação individual das experiências de vida, tanto de forma emocional quanto cognitiva.

A dimensão emocional, composta pelos afetos positivos e negativos compreende as respostas circunstanciais do indivíduo aos eventos de vida. Os afetos positivos representam as emoções agradáveis, tais como, alegria, gratidão e autoconfiança. Em contrapartida, os afetos negativos indicam as emoções desprazerosas, a saber, tristeza, insatisfação, raiva, entre outras. A dimensão cognitiva diz respeito ao julgamento da satisfação de vida a partir da avaliação do indivíduo com um padrão por ele escolhido ou da comparação de suas circunstâncias de vida. Assim, o bem-estar é um construto que envolve a percepção subjetiva do indivíduo e caracteriza-se por ser multidimensional, isto é, refere-se ao julgamento global de satisfação de vida além de dimensões específicas (família, escola, etc.). Nessa perspectiva ampliada e decorrente de estudos recentes, verifica-se que o bem-estar subjetivo é influenciado por indicadores próprios de cada cultura, variando, portanto, entre as sociedades (Diener, 2012). Enfatiza-se a realização de pesquisas sobre os indicadores de bem-estar subjetivo em diferentes contextos, posto que, variáveis presentes nas diferentes culturas e subculturas interferem na avaliação do bem-estar subjetivo.

Alguns estudos sobre o bem-estar subjetivo envolvendo crianças e adolescentes inseridas em contextos que apresentam riscos ao desenvolvimento foram realizados, em geral, nas escolas, instituições de acolhimento e famílias (Morais, 2009; Moraes, Neiva-Silva, & Koller, 2011; Moraes, Koller, & Raffaelli, 2012; Moraes, Raffaelli, & Koller, 2012; Poletto & Koller, 2011; Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Os resultados de comparação entre esses contextos apontam que os jovens em vulnerabilidade social apresentam altos escores de bem-estar subjetivo. Nota-se que a experiência de eventos

adversos desencadeia um alto nível de afetos negativos, mas essas circunstâncias não afetam em déficit os níveis de afetos positivos e satisfação de vida. No entanto, apenas uma pesquisa (Morais, 2009; Moraes, Koller, & Raffaelli, 2012; Moraes, Raffaelli, & Koller, 2012) foi realizada com jovens em situação de rua e esta não analisou o domínio da satisfação de vida e se deteve às crianças gaúchas. O presente estudo abrangeu os locais de pesquisa, sendo realizado em Porto Alegre e duas capitais da região Nordeste, a saber, Fortaleza e Salvador. Dessa forma, compreende-se a importância da realização de pesquisas investigando os fatores associados ao bem-estar subjetivo em caráter multidimensional e contextual. Assim, ao buscar a identificação dos indicadores desse construto possibilita-se um trabalho de prevenção e promoção de saúde com ênfase nas potencialidades das pessoas e, portanto, promotoras de desenvolvimento.

A fim de se investigar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua, foram delineados dois estudos, os quais buscam conciliar as estratégias quantitativas e qualitativas de coleta e análise de dados. No Estudo I buscou-se caracterizar o bem-estar subjetivo a partir de um estudo quantitativo sobre os indicadores de satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo de crianças e adolescentes em situação de rua de três cidades brasileiras: Fortaleza, Salvador e Porto Alegre. No Estudo II buscou-se compreender o significado de bem-estar subjetivo para crianças e adolescentes em situação de rua a partir da realização de entrevistas estruturadas com 6 participantes de Fortaleza.

Este projeto foi organizado em quatro capítulos. O primeiro tratou do referencial teórico que fundamentou o presente estudo e foi subdividido em quatro tópicos, contendo três subtópicos. Nestes, delineou-se: 1) O estado de conhecimento sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de rua; 2) Fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento com foco, respectivamente, nos eventos estressores e rede de apoio; 3) O Modelo teórico da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano – ABDH; e 4) O campo da Psicologia Positiva, com foco no bem-estar subjetivo, que alicerçam esta pesquisa. No segundo capítulo se apresentou o Estudo I, descrevendo-se o método utilizado, resultados e discussões. No terceiro capítulo se apresentou o Estudo II, descrevendo-se o método utilizado, resultados e discussões. O quarto capítulo foi composto pelas considerações finais acerca dos dois estudos.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1. Crianças e Adolescentes em Situação de Rua

A preocupação com crianças e adolescentes em contextos adversos especialmente em situação de rua, obteve visibilidade social, acadêmica e das políticas públicas na década de 80, período de agravamento da pobreza nacional frente a dívidas externas, crescimento negativo e aumento da inflação (Morais, 2009). Nesse panorama, desenvolveram-se pesquisas em torno desta problemática, buscando-se destacar os riscos pessoais e sociais enfrentados por esses jovens<sup>1</sup> e, também, as possibilidades desenvolvimentais existentes no contexto da rua.

Nessa direção, estudos identificaram o espaço da rua como alternativa de sobrevivência para a população que nesta vive, seja realizando atividades de trabalho, lazer e/ou moradia (Morais, Neiva-Silva & Koller, 2010). A aproximação estabelecida com crianças e adolescentes em situação de rua possibilitou a identificação de trajetórias de vidas que denunciam, por vezes, a miséria econômica e dificuldades afetivas, seja em relações instáveis ou vinculações empobrecidas (como em situações de abandono, negligência ou violência no ambiente familiar) vivenciadas por tantos. No entanto, cada vez mais, tem-se desenvolvido pesquisas que priorizam e identificam aspectos saudáveis no desenvolvimento desse segmento populacional, clarificando e potencializando intervenções de enfoque sobre a promoção de saúde (Alves et al., 2002; Hutz & Koller, 1996; Morais, 2005; Morais, Morais, Reis & Koller, 2010).

A denominação “jovens em situação de rua” foi proposta por Hutz e Koller (1999) a fim de estabelecer referências metodológicas para o segmento e validade comparativa de pesquisas com essa população específica. Atualmente, os jovens em situação de rua são classificados a partir de cinco critérios: 1) vinculação com a família, 2) atividade exercida, 3) aparência dos jovens, 4) local onde eles se encontram, e 5) ausência de um adulto responsável junto a eles. Posteriormente, acrescentou-se outro parâmetro para identificação de uma criança/adolescente em situação de rua, a saber,

---

<sup>1</sup> No presente estudo as nomeações adolescentes e jovens serão utilizadas de forma equiparada. Entende-se que na literatura não há consenso quanto à faixa etária destinada a essa população, variando conforme as referências utilizadas, por exemplo, em acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente ou com a Organização Mundial de Saúde. Nesta pesquisa, a utilização de ambas as denominações se justifica na ênfase sobre o contexto histórico-cultural do desenvolvimento, que compreende a adolescência nas especificidades de seus condicionantes (gênero, classe social, contexto familiar e cultural) em detrimento de uma classificação etária e *a priori* universal (Morais, Morais, Reis & Koller, 2010).

estar sozinha na rua em horários não esperados para pessoas de sua faixa etária (Koller, 2011).

A partir de uma perspectiva geral sobre o perfil das crianças e adolescentes em situação de rua descrita em estudos anteriores, verifica-se que a maioria dos jovens são: do sexo masculino; com idades entre 12 anos e 16 anos; de higiene e saúde precárias; aparentam abandono por ausência de um adulto responsável no período em que estão na rua; possuem experiência escolar; realizam atividades visando à subsistência pessoal e da família, seja por meio da mendicância, lavando carros, venda de objetos, roubos, etc.; embora trabalhem, continuam brincando e desenvolvendo atividades de lazer; utilizam substâncias psicoativas; estão envolvidos com a exploração sexual; e mesmo que a saída de casa e ida para rua possa ter sido motivada por um processo de vulnerabilização anterior (precárias condições financeiras, conflitos e violência intrafamiliar), a maioria dos jovens não rompem os vínculos familiares, mantendo relações mesmo que esporádicas com seus familiares, vizinhos e parentes (Alves et al., 2002; Arpini, Quintana & Gonçalves, 2010; Morais et al., 2010; Moura, Silva & Noto, 2009; Santana, Doninelle, Frosi & Koller, 2005; Yunes, Arrieche, Tavares & Faria, 2001).

A percepção de que as crianças e adolescentes em situação de rua possuem família desmistifica o imaginário social que atribui a estes um estereótipo de que crianças de rua são abandonadas e, portanto, não possuem família. Pesquisas nessa área descrevem que as crianças e adolescentes em situação de rua tanto possuem e mantêm laços com suas famílias de origem como também constituem novas famílias com seus pares e rede de apoio social e afetivo (Conceição & Sudbrack, 2004; Gomes & Pereira, 2003; Morais, Paludo, & Koller, 2010; Paludo & Koller, 2008).

Outro ponto de relevância é a noção de que a situação de rua faz parte de um processo anterior de vulnerabilização (Morais et al., 2010). Ou seja, no processo de vinculação dos jovens com a rua existe, concomitante, a fragilização dos vínculos afetivos com a família e a comunidade. Ao ir para a rua, os jovens percebem que podem distanciar-se de conflitos, pobreza material, desemprego, uso de drogas, violência física, psíquica e emocional vivenciadas no contexto da família. A rua configura-se, portanto, como uma alternativa concreta de sobrevivência frente às dificuldades familiares (em que os pais também se encontram em situação de vulnerabilidade social) e aos fracassos das políticas sociais, sistema educacional e de instituições da rede de apoio (Gomes & Pereira, 2003; Morais et al., 2010; Santana, 2003).

O cenário sociodemográfico de crianças e adolescentes em situação de rua sugere um contexto de vulnerabilização social. Por vulnerabilidade social compreende-se o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos indivíduos ou grupos e o acesso destes à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social das pessoas e está relacionado com maior ou menor grau de qualidade de vida delas. Assim, as adversidades vividas são percebidas como resultado de um processo social que remete à condição de vida e aos suportes sociais (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima, & Martinelli 2002; Morais, 2009; Morais et al., 2010).

As crianças e adolescentes em situação de rua constituem (apenas) uma pequena parcela de jovens de baixa renda no Brasil. Dada a situação de extremo risco vivenciado no ambiente da rua, esse segmento da população obteve maior visibilidade das políticas públicas em detrimento dos jovens que vivem com suas famílias, mas que também precisam do aporte social em serviços e programas de qualidade (Rizzini, Barker, & Cassaniga, 2000). Entretanto, os riscos que perpassam o cotidiano dos adolescentes não são específicos dos meninos e meninas em situação de rua. Em pesquisas a respeito da população jovem no Brasil, identifica-se que 20,1% (35,1 milhões) do total da população são jovens de idades entre 15 e 24 anos. Ao explorar-se a respeito da mortalidade, evidencia-se uma significativa diferença entre a população jovem e a não-jovem (pessoas de idade de 0 a 14 e mais de 25 anos). No período de 1980 até 2010 verifica-se um crescimento de 414% de mortes por armas de fogo entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Observa-se também que a mortalidade decorrente por homicídios, teve um aumento na população total de 502,8% enquanto que entre os jovens foi de 591,5% (Waiselfisz, 2013). Portanto, evidencia-se uma realidade na qual uma significativa parcela da população do Brasil é jovem e representa um segmento em alta vulnerabilidade social, visto que para além dos índices de mortalidade, também se verificam: dificuldades escolares, desemprego, baixa renda, delinquência, gravidez não desejada e dependência química como temáticas frequentemente associadas aos jovens (Morais et al., 2010; UNESCO, 2004).

Nesse contexto também se encontram os jovens em situação de rua. Como apresentado anteriormente, estão expostos a uma série de fatores de risco, além da violência, como: exploração sexual, drogas, falta de acesso aos direitos básicos, precárias condições de higiene e moradia assim como dificuldades de apoio, seja

financeiro ou afetivo. Esses fatores indicam a vulnerabilidade em que muitos se encontram, o que pode contribuir para um déficit nos níveis de saúde física e mental, resultando em DSTs, gravidez não desejada, lesões físicas, dependência química, transtorno de conduta, transtorno de humor (principalmente, depressão) e mortes por homicídios e suicídios (Morais et al., 2010).

Avanços significativos na garantia de direitos de crianças e adolescentes foram alcançados com reivindicações dos movimentos sociais da década de 1980. Por exemplo, o Movimento Nacional de Meninas e Meninos de Rua que criticou a naturalização da realidade de jovens morando nas ruas e propôs um atendimento voltado para o empoderamento dessa população (Souza, 2013). Como resultado dos movimentos sociais obteve-se a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que garante a seguridade social das crianças e adolescentes ao reconhecê-los como sujeitos de direitos em suas diretrizes. Portanto, estão apoiados na jurisprudência, que prevê como dever do Estado, da família e da comunidade assegurar apoio social e afetivo para as crianças e adolescentes.

Estudos que contextualizam o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de rua, identificando e caracterizando as adversidades e possibilidades desse ambiente, assim como as capacidades adaptativas dos jovens podem contribuir com propostas de práticas adequadas para essa população. Nessa concepção, tem-se um olhar ampliado sobre os riscos enfrentados na situação de rua vivenciada por crianças e adolescentes como também se destacam as competências sociais, habilidades pessoais e as relações de afeto, reciprocidade e solidariedade presentes ao longo do seu desenvolvimento. Embora a situação de rua seja uma realidade a ser superada, compreende-se que os jovens em situação de rua continuam a se desenvolver, com suas dificuldades, como também com suas potencialidades.

Seguindo a perspectiva complexa acerca da situação de rua, as crianças e adolescentes foram aqui tratados a partir de uma abordagem contextual, integrada e sistêmica. Enfatiza-se o entendimento dos jovens em situação de rua em suas singularidades desenvolvimentais (tanto biopsicológicas quanto contextuais) em oposição à pressuposição de que são deficientes e de que o ambiente que os cerca apenas pode ser visto do ponto de vista das adversidades. É importante frisar que compreender os jovens em situação de rua em suas especificidades não implica na consideração de que estes não estão vivenciando situações que podem vir a ser prejudiciais ao desenvolvimento. Reconhece-se que estes são cidadãos de direitos e,

portanto, defende-se que precisam viver com dignidade, com garantias de vida que minimizem os efeitos da violação de direitos. No que tange aos efeitos dos eventos negativos de vida sobre o desenvolvimento humano, a seguir discorre-se sobre os fatores de risco e os fatores de proteção.

## 1.2. Fatores de Risco e Fatores de Proteção ao Desenvolvimento

As crianças e adolescentes em situação de rua vivenciam cotidianamente situações que põem em risco sua saúde física, psíquica e emocional. As atividades desempenhadas na rua (uso de drogas, comportamento sexual de risco, trabalho infantil, etc.) se constituem como eventos que podem resultar em prejuízos ao desenvolvimento. A isto, a literatura denomina de fatores de risco. Assim, o conceito de risco é definido pela exposição dos jovens a situações que aumentam a probabilidade de resultados negativos ou indesejáveis ao desenvolvimento, isto é, que podem causar danos à saúde e ao bem-estar (Morais et al., 2010; Polleto, Koller, & Dell’Aglia, 2009; Schenker & Minayo, 2005).

Na área da Psicologia do Desenvolvimento, a partir da década de 60, desenvolveram-se estudos sobre os fatores de risco e seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento. Nesse mesmo campo de estudo, a partir da década de 70 surgiu uma nova perspectiva acerca da compreensão do desenvolvimento humano. Em pesquisas longitudinais envolvendo indivíduos em situação de risco percebeu-se que alguns indivíduos expostos a situações de adversidade continuavam a se desenvolver de forma satisfatória e bem sucedida (De Antoni, Medeiros, Hoppe, & Koller, 1999; Moraes et al., 2010).

Dessa forma, nota-se que fatores de risco não são preditores, numa relação linear de causa e efeito, de comportamentos que podem vir a ser prejudiciais ao desenvolvimento. Supera-se, portanto, uma percepção estática sobre o risco, ou seja, a exposição ao risco necessariamente traria resultados negativos no desenvolvimento. De tal modo que a partir da década de 80, começaram a ser desenvolvidos estudos sobre fatores de proteção e resiliência. Nesse novo modelo teórico, tem-se uma compreensão complexa acerca do risco. Este é percebido como processo. Isto é, aquém de considerá-lo isoladamente, o risco passou a ser analisado a partir de sua relação com as demais variáveis protetoras (Morais et al., 2010).

Ao verificar que o indivíduo exposto ao risco tanto pode responder de forma ineficaz ou encontrando alternativas de superação da situação de risco, observou-se que cada indivíduo pode responder ao risco de maneira diferenciada. Verifica-se, portanto, que diante de um mesmo evento adverso, cada indivíduo o vivencia em sua singularidade, podendo também variar suas respostas. Assim, a exposição ao mesmo risco pode resultar em diferentes respostas bem como diferentes riscos podem gerar respostas semelhantes ao longo da vida (De Antoni et al., 1999). A presença dessas variáveis acentua a importância de se compreender o desenvolvimento de forma contextualizada, verificando os processos entre as pessoas e o ambiente em detrimento de uma percepção naturalizada dos efeitos negativos de eventos estressores sobre o comportamento humano.

### 1.2.1 Fator de Risco – Eventos Estressores

A perda de familiares e/ou amigos próximos, o fracasso escolar, a violência intrafamiliar e/ou na rua, a prisão de familiares, entre outros eventos fazem parte da vida de crianças e adolescentes em situação de rua. Esses eventos são identificados como eventos estressores. Masten e Garmezy (1985) afirmam que eventos estressores são aqueles que alteram o ambiente e que provocam tensão, afetando as respostas dos indivíduos. Nesse sentido, os jovens que enfrentam os eventos estressores podem vir a se comportar de forma a resultar em prejuízos à saúde física e ao bem-estar psicológico e social. Nota-se que os eventos estressores se apresentam na vida das crianças e adolescentes de forma a trazer possíveis danos ao desenvolvimento. Para tanto, os eventos estressores são identificados como fatores de risco (Morais et al., 2010).

Um importante aspecto a ser considerado na identificação dos eventos estressores que se configuram como fatores de risco está no impacto que os eventos negativos de vida exercem sobre os indivíduos. Nesse sentido, além de verificar a ocorrência de eventos estressores também se observa como eles são percebidos. Nota-se que quando expostas a eventos estressores, algumas crianças tendem a superá-las com rapidez e outras experienciam efeitos negativos com maior severidade e duração. Considera-se, portanto, o contexto no qual a pessoa está envolvida, com suas influências e condições sociais (Polleto et al., 2009). De acordo com Koller e De Antoni (2004), as diferentes formas dos indivíduos se relacionarem com os eventos estressores relaciona-se aos diferentes graus de ocorrência, intensidade, frequência, duração e severidade.

Além disso, não se considera um evento estressor de forma isolada, mas verifica-se que um evento estressor faz parte de um contexto mais complexo e que pode, inclusive, desencadear outros eventos estressores (Morais et al., 2010).

Ao investigar a frequência e o impacto de eventos estressores em 330 adolescentes do Ensino Fundamental em escolas estaduais, Kristensen, Leon, D’Incao e Dell’Aglia (2005) utilizaram uma versão adaptada do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEAA). Obteve-se que os eventos mais frequentes eram: provas no colégio, discussão com amigos, morte de familiares, cumprir ordens dos pais e brigas com irmãos. Entre os eventos de maior impacto, destacaram-se sofrer violência sexual, ser impedido de ver os pais e ser levado para a FEBEM (unidade de atendimento socioeducativo) ou acolhimento institucional.

Morais, Koller e Raffaelli (2010) realizaram um estudo com 98 crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, sendo que 32 estavam em situação de rua (G1) e 66 moravam com suas famílias (G2). O objetivo foi caracterizar as crianças/adolescentes quanto ao risco (eventos estressores) e ao ajustamento psicossocial (número de sintomas físicos, comportamento suicida, uso de drogas, comportamento sexual de risco, afeto positivo e afeto negativo). Verificou-se um maior número de eventos estressores e piores indicadores de ajustamento (com exceção da variável afeto positivo) em G1 quando comparado a G2. Observou-se, ainda, que o número de eventos estressores esteve associado ao mau ajustamento; ou seja, quanto maior o número de eventos estressores, pior o ajustamento psicossocial.

Diante dos resultados apresentados, sintetiza-se que, no que diz respeito à frequência de eventos estressores e seus impactos, grupos que vivem institucionalizados ou em situação de rua apresentaram maiores médias de eventos estressores quando comparados aos grupos que vivem com suas famílias. Os dados revelam a importância de estudos que busquem identificar os processos que envolvem as pessoas em situação de risco, visando alternativas que facilitem a superação dos eventos estressores. Enfatiza-se que os riscos enfrentados pelos indivíduos sejam compreendidos a partir da complexidade que demandam. Ou seja, contextualizando-os às características pessoais, às condições socioeconômicas e ao aporte social disponível em detrimento de um olhar causal que prevê déficits no desenvolvimento daqueles que vivenciam situações de risco.

### 1.2.2 Fator de Proteção – Rede de apoio

A mudança paradigmática acerca dos efeitos dos eventos estressores sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social implica na percepção de que outras variáveis em conjunto com o risco estão envolvidas. Estudos que fazem referência às características positivas das pessoas no enfrentamento de situações adversas verificam que qualidades pessoais, afetivas e sociais podem atenuar os efeitos dos riscos (De Antoni et al. 1999; Hutz, Koller & Bandeira, 1996; Morais, 2009; Paludo & Koller, 2005; Rutter, 1987, 1999). Portanto, compreende-se que a influência sobre os resultados desenvolvimentais em contextos de adversidade, neutralizando ou amenizando os riscos, decorre dos fatores de proteção (Rutter, 1985).

Em acordo com Masten e Garmezy (1985), os fatores de proteção são identificados considerando três categorias: 1) características psicossociais, por exemplo, autoestima e autoeficácia; 2) relações afetivas no contexto familiar e/ou em outros contextos que forneçam apoio emocional em situações de estresse; e, 3) disponibilidade de sistemas de apoio social (instituições de acolhimento, escolas, etc.) que favoreçam capacidades e habilidades do indivíduo para lidar com as circunstâncias da vida (Morais, 2009). Essa ideia corrobora a perspectiva de que os fatores de proteção possuem a condição de processo, portanto, atuam ao longo da trajetória de vida das pessoas, em interação com os riscos, desencadeando respostas adaptativas positivas, tal como defende Rutter (1987). Esses mecanismos de proteção agem através de quatro processos principais: 1) reduzindo o impacto do risco; 2) reduzindo a sequência de efeitos negativos consequentes à exposição do indivíduo aos riscos; 3) desenvolvendo e mantendo a autoestima e autoeficácia por meio de laços de afeto e competência social; e, 4) criando oportunidades para reverter os efeitos do estresse (Haack, Vasconcellos, Pinheiro & Prati, 2012).

Nessa perspectiva, os fatores de risco e proteção influenciam-se ao longo do desenvolvimento e apresentam-se nos indivíduos tanto numa dimensão interna (autoeficácia, capacidades e habilidades sociais, por exemplo) quanto externa, no estabelecimento de relações de apoio (Fergus & Zimmerman, 2005). Dessa forma, as relações estabelecidas nos mais variados contextos de desenvolvimento desempenham funções e papéis que influenciam as respostas dos indivíduos às circunstâncias de vida.

Para tanto, verifica-se que a rede de apoio social e afetiva pode constituir-se como fonte de proteção (Polleto & Koller, 2002).

De acordo com Brito e Koller (1999), a rede de apoio é definida como conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo. Por exemplo, um adolescente em situação de rua que vivenciou violência na família pode encontrar em instituições de acolhimento, na vizinhança ou mesmo na rua um *locus* de apoio que favoreça a superação do evento estressor. Salienta-se que a rede de apoio não é estática, mas configura-se como processo e, portanto, modifica-se a cada novo contexto que o indivíduo se insere. Além disso, compreende-se que a rede de apoio influencia o desenvolvimento das pessoas assim como estas influenciam a rede de apoio. Assim, aspectos individuais como falta de habilidades sociais podem contribuir para um inapropriado suporte social assim como um menor aporte social (na família, na escola, na vizinhança, etc.) podem desfavorecer o desenvolvimento de suas habilidades sociais (Morais, 2009).

Destaca-se que a identificação da rede de apoio de crianças e adolescentes em situação de rua constitui-se como fator fundamental na promoção de ações protetivas. Nota-se que propiciar contextos de proteção favorece o desenvolvimento saudável dos indivíduos e, portanto, constitui-se como fontes potencializadoras da superação do risco. Enfatiza-se que a consideração da rede de apoio social e afetivo se constitui como um importante fator na compreensão do bem-estar subjetivo, visto que os vínculos afetivos (em número, proximidade e frequência) caracterizam este construto (Diener & Seligman, 2002). Nesse sentido, os jovens em situação de rua são percebidos para além da exposição ao risco, mas na dinâmica que envolve tanto a ocorrência de eventos estressores quanto as relações de apoio e afeto que promovem os processos de saúde.

Num estudo (Morais et al., 2012) com crianças e adolescentes em situação de rua, avaliou-se o efeito de moderação das características (tamanho e proximidade) da rede de apoio dos participantes sobre a associação entre eventos estressores e mau ajustamento psicossocial. A rede de apoio foi composta pelos campos família, instituição, escola e amigos/vizinhos/parentes. O maior número de contatos encontrou-se na instituição e em todos os campos verificou-se “grande força” no fator de proximidade. Na família, o fator de proximidade moderou o ajustamento daqueles que vivenciaram alto nível de eventos estressores. Assim, um ambiente com boa qualidade nas relações pode atuar como proteção àqueles que vivenciam riscos ao desenvolvimento.

Para melhor compreensão da abordagem que enfoca o desenvolvimento humano no contexto, apresenta-se a seguir as conceituações teóricas da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

### 1.3. Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano

A Bioecologia do Desenvolvimento Humano desenvolvida por Urie Bronfenbrenner (1979/1996) foi um marco epistemológico na tradição teórica da Psicologia do Desenvolvimento, que priorizava as características do indivíduo em si. Diferente destas, a teoria bioecológica enfatizou o desenvolvimento em suas características dinâmicas, interacionistas e processuais. Esta perspectiva compreende o desenvolvimento no contexto (do imediato ao mais remoto), investigando a influência proximal do ambiente e da pessoa sobre o desenvolvimento humano. Pontua-se que o ambiente não se define enquanto o construto central dessa teoria, visto que a problemática acerca do desenvolvimento direciona-se ao entendimento da relação funcional entre as características biopsicológicas da pessoa e os ambientes nos quais ela está envolvida. O fluxo de informações entre o contexto e o indivíduo se constitui num *continuum* de troca, no qual a pessoa ativa se desenvolve biopsicologicamente em interação com pessoas, objetos e símbolos presentes no contexto também ativo. Nesse sentido, tanto a pessoa em desenvolvimento quanto o ambiente em que esta está em atividade se constituem como dimensões complexas, os quais numa relação interdependente se transformam ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner, 2011; Koller, 2011).

A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano é originada da equação de Kurt Lewin que define comportamento como o conjunto da pessoa e do ambiente. No entanto, a abordagem bioecológica modificou a equação original, substituindo o termo comportamento por desenvolvimento. Nisto, entende-se a interação entre a pessoa e o ambiente enquanto um processo que possui mudanças e continuidades ao longo do tempo. Essa abordagem teórica também contribuiu significativamente para a análise da interação pessoa-contexto em seu ambiente natural, em detrimento de pesquisas realizadas em laboratório. Nesse sentido, tem-se uma compreensão complexa e ampliada sobre os fenômenos influentes na dinâmica pessoa-contexto ao longo do ciclo de vida (Bronfenbrenner, 2011; Koller, 2011).

A consideração da continuidade e das mudanças nas características biopsicológicas das pessoas ao longo do tempo e em interação com o ambiente se constitui enquanto uma importante metodologia de pesquisa envolvendo crianças e adolescentes em situação de rua. De tal sorte que as qualidades dos indivíduos são percebidas na interação com aspectos estruturais do ambiente ecológico, que podem inibir ou realçar as características biopsicológicas dos indivíduos, em vez de pressupor uma padronização dos comportamentos e compreendê-las como unicamente pertencentes a uma dimensão subjetiva ou mesmo natural (seja genética ou derivada de determinantes ambientais). A observação contextualizada sobre os fenômenos em torno do desenvolvimento humano supera a noção de causa-efeito, possibilitando a compreensão sistêmica das características das pessoas, associando-as à rede social e de apoio a qual estão inseridas (Bronfenbrenner, 2011).

Outro destaque da abordagem bioecológica em pesquisas envolvendo crianças e adolescentes em vulnerabilidade social refere-se à sua concepção teórica que privilegia a percepção da pessoa sobre o seu contexto de desenvolvimento em detrimento de uma realidade objetiva. Esta característica influencia o foco dado aos estudos, pois adequa-se ao enfoque sobre os aspectos saudáveis dos indivíduos (Morais, 2009). Esta qualidade acentua-se nos estudos da Psicologia Positiva (posteriormente, aqui, aprofundada), pois se ampliam as possibilidades de compreensão acerca do desenvolvimento humano que ocorre em interação com contextos em que as adversidades tanto quando a diversidade se faz presente. Tal fato decorre da percepção de que crianças e adolescentes que vivenciam cotidianamente eventos adversos, que as caracterizam como uma população em situação de risco pessoal e social continuam a se desenvolver; podendo demonstrar (em maior ou menor nível) características desenvolvimentais negativas (dificuldades escolares, uso de drogas, etc.), mas também características positivas (auto-estima, auto-eficácia, bem-estar subjetivo etc.).

Nos primeiros estudos sobre a abordagem bioecológica, esta esteve centrada nas influências do contexto sobre o desenvolvimento. Em sua reformulação, a ABDH propõe a compreensão do desenvolvimento humano por meio de quatro núcleos inter-relacionados: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT), possibilitando uma apreensão complexa e integrada sobre a dinâmica do processo de desenvolvimento, envolvendo as características da pessoa e do contexto ao longo do tempo.

#### a) Processo

O processo envolve a interação dinâmica e integrada entre a pessoa e o contexto. Esse núcleo é identificado como o mecanismo primário responsável pela produção do desenvolvimento, sendo identificado como a força motriz do desenvolvimento humano. Nessa concepção, o desenvolvimento ocorre por meio de processos de interações recíprocas, progressivamente mais complexas, entre um ser humano biopsicológico em evolução, com as pessoas, os objetos e os símbolos presentes no seu ambiente imediato. Para serem efetivas, as interações precisam ocorrer em bases regulares, ou seja, num contexto de estabilidade e durante períodos estendidos de tempo. Estas interações duradouras presentes no contexto imediato são denominadas de *processos proximais*. Dessa forma, compreende-se que a ocorrência de uma interação, tal como descrita, favorece o aprendizado de novas capacidades e habilidades (pessoais e sociais) que possibilitam a realização de atividades cada vez mais complexas. Portanto, o desenvolvimento se caracteriza por um crescente de respostas da pessoa ao contexto, as quais podem sofrer modificações ao longo do ciclo vital (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner, 2011).

Dado a relevância dos processos proximais na abordagem bioecológica, visto que são considerados os mais influentes preditores das respostas desenvolvimentais, estes podem ser definidos, com maior especificidade, a partir de cinco características: (1) para que o desenvolvimento ocorra é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade; (2) esta deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo; (3) isto está diretamente implicado na condição das atividades serem progressivamente mais complexas; (4) a efetividade dos processos proximais depende da existência de reciprocidade nas relações, não podendo ocorrer de forma unidirecional; e, (5) os processos proximais não estão limitados às relações interpessoais, mas também envolvem interações recíprocas com os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato que devem estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999).

Os processos proximais podem produzir dois tipos de efeitos que refletem variados resultados desenvolvimentais: (1) competência, que se refere à aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades para conduzir e direcionar seu próprio comportamento através de situações e domínios evolutivos (intelectuais, físicas, sócio-emocionais, etc.); e, (2) disfunção, que se refere à

manifestação recorrente de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 2006; Koller, 2011). A competência pode ser exemplificada na capacidade da criança/adolescente em situação de rua aprender comportamentos que possibilitam sua sobrevivência, como: estabelecer vínculos com instituições de apoio ou mesmo com pessoas da comunidade que podem lhe fornecer alimentação, roupas e calçados. Já a disfunção pode ser ilustrada na evasão escolar de crianças/adolescentes diante de um fracasso escolar, seja em relação a uma nota avaliativa ou por dificuldades de relacionamento com pares.

Ressalta-se que os resultados evolutivos de competência e disfunção estão relacionados aos processos de saúde dos indivíduos. Estes, por sua vez, apresentam respostas adaptativas em acordo com a intensidade e a frequência dos processos proximais, envolvendo as características biopsicológicas da pessoa, as características do contexto (do imediato ao mais remoto), o período de tempo durante o qual foi exposta ao processo proximal e ao ambiente em que ocorreu. Nesse sentido, compreende-se que os efeitos de competência possuem maior impacto em ambientes favoráveis e estáveis ao desenvolvimento enquanto que os efeitos disfuncionais são mais frequentes e severos em ambientes caóticos (Bronfenbrenner, 1999; Morais, 2009). Retomando aos exemplos, a criança/adolescente que convive com intensos conflitos familiares pode aumentar sua frequência na rua, expondo-se a diversos eventos de risco (exploração sexual, uso de drogas, etc.). No entanto, a criança/adolescente pode encontrar numa instituição o apoio necessário para potencializar o seu desenvolvimento saudável.

No que diz respeito aos sistemas caóticos, estes são percebidos como ambientes que não possuem organização em seu funcionamento. Isto é, são caracterizados pela ausência de estrutura, de rotina, atividades cotidianas imprevisíveis assim como níveis frenéticos de estimulação ambiental (Bronfenbrenner & Evans, 2000). Pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua apontam para algumas dificuldades nos procedimentos, dado a mobilidade e rotina inconsistente dos jovens. No entanto, compreende-se como superficial a afirmação de que o ambiente desordenado é causa direta de um desenvolvimento com prevalência de respostas disfuncionais, pois se verifica a complexidade e a variedade de influências afetando as trajetórias de vida das crianças e adolescentes em situação de rua. Enfatiza-se, assim, a noção de que o progresso e manutenção das sociedades estão implicados em ações de apoio social que privilegiam o conhecimento das singularidades, motivações e habilidades dos seres humanos (Bronfenbrenner, 2011).

A percepção de que o desenvolvimento ocorre, prioritariamente, por meio de inter-relações significativas aos indivíduos e que o afeto e o tempo são dimensões que interferem nas respostas adaptativas das pessoas são questões essenciais que precisam ser consideradas em pesquisas com jovens em situação de rua, pois muitos destes possuem laços familiares enfraquecidos e/ou rompidos, seja por abandono, violência intrafamiliar, uso de drogas, entre outros eventos adversos. Essas especificidades contextuais, portanto, se configuram como um frutífero campo para se compreender o desenvolvimento humano em diferentes contextos, com sua cultura e subculturas específicas.

#### b) Pessoa

A abordagem bioecológica se dedicou a tecer considerações sobre as características da pessoa, pois esta se constituía como uma lacuna nos estudos que se delineiam como um modelo ecológico. Tal modelo seguia priorizando os aspectos ambientais sobre o desenvolvimento em detrimento das características pessoais.

A pessoa é o segundo componente do modelo bioecológico, que é vista tanto em relação às características determinadas biopsicologicamente quanto àquelas características constituídas na interação com o ambiente. No modelo bioecológico, as características da pessoa (biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais) funcionam como produtoras e produto do desenvolvimento, na medida em que se considera que o desenvolvimento está relacionado com a continuidade e mudança nas características biopsicológicas da pessoa em sua relação com o contexto ao longo de seu ciclo vital. Portanto, as características da pessoa são fundamentais para uma compreensão complexa do desenvolvimento, visto que elas possuem forte influência sobre os processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

A perspectiva de que o desenvolvimento ocorre não apenas por determinantes ambientais ou pessoais, mas na sua interação é um forte argumento em pesquisas com jovens em contextos adversos, na medida em que se busca investigar quais características pessoais e sentidos advindos de processos proximais se fazem presentes no desenvolvimento humano. Esse conhecimento tende a subsidiar ações privadas e governamentais que visam à superação e minimização dos efeitos negativos sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes em contextos que envolvem riscos prolongados.

As características da pessoa estão divididas em três tipos: disposições, recursos biopsicológicos e demanda. As disposições se referem às características pessoais que tanto podem ativar e sustentar os processos proximais (refere-se a características geradoras) quanto prejudicar ou mesmo impedir o desenvolvimento (refere-se a características desorganizadoras). As forças geradoras são identificadas como orientações ativas, caracterizando-se pela capacidade de envolvimento em atividades individuais ou compartilhadas com outros, senso de auto-eficácia e curiosidade. As forças desorganizadoras são aquelas que apontam as dificuldades da pessoa em controlar seus comportamentos e emoções, sendo exemplificadas pela insegurança, apatia, timidez excessiva, comportamentos explosivos, impulsividade e distração, podendo implodir em comportamentos mais extremos envolvendo a violência e agressão. Os recursos biopsicológicos envolvem características de competência (capacidades, habilidades e conhecimentos que evoluíram em diferentes estágios do desenvolvimento) e deficiência (deficiências física ou mental, baixo peso ao nascer e defeitos genéticos). Estas influenciam a capacidade da pessoa engajar-se efetivamente nos processos proximais. Por fim, as demandas são os atributos da pessoa que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, podendo favorecer ou não o estabelecimento de processos proximais. Gênero, etnia, idade, aparência física, hiperatividade ou passividade são exemplos de características de demanda (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Koller, 2011).

Em pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua verificaram-se características que expõem tanto o funcionamento positivo dos jovens em interação com as pessoas e os ambientes quanto negativas, evidenciando possíveis prejuízos à sua saúde (Alves et al., 2002; Arpini et al., 2010; Moraes et al., 2010; Moura et al., 2009; Santana et al., 2005; Yunes et al., 2001). O uso de drogas, higiene e saúde precárias e realização de atividades visando à subsistência pessoal e familiar por meio da mendicância, trabalho informal, roubos, etc. são características que podem resultar em prejuízos ao seu desenvolvimento. Já a evidência de que os jovens em situação de rua continuam a brincar, ter atividades de lazer e em contato com suas famílias, mesmo que de forma esporádica demonstram características positivas dessa população, as quais podem favorecer o seu funcionamento saudável.

A compreensão expandida acerca das características das pessoas, envolvendo tanto aspectos positivos quanto negativos que conjuntamente constituem significativamente o desenvolvimento humano, facilitando-o ou prejudicando-o, se

configura como um ganho teórico, principalmente, em estudos do desenvolvimento em contextos de vulnerabilidade. Isso ocorre uma vez que se permite ampliar a possibilidade de percepção sobre a diversidade de influências e efeitos sobre o desenvolvimento em detrimento de uma concepção teórica que marginaliza e reduz a compreensão dos comportamentos unicamente aos seus contextos estressores. Assim, embora crianças e adolescentes em situação de rua estejam vivenciando eventos adversos em seu cotidiano, também se amplia a possibilidade de se verificar índices de bem-estar e satisfação com a vida nessa população.

### c) Contexto

O contexto, terceiro componente do modelo bioecológico, é composto pela interação de quatro níveis ambientais: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O microssistema é definido pelo conjunto de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento em relações face-a-face com características físicas, sociais e simbólicas específicas que facilitam ou inibem o engajamento da pessoa em atividades progressivamente mais complexas em seu ambiente imediato. O mesossistema compreende as inter-relações existentes no microssistema, portanto, é definido por dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. Sua configuração é ampliada ou modificada ao longo do desenvolvimento da pessoa, ao passo que esta estabelece relações com um novo ambiente. Ressalta-se que o conjunto de microssistemas presentes na vida da pessoa são interdependentes e, portanto, influenciam-se mutuamente. O exossistema consiste dos ambientes em que a pessoa não participa ativamente, mas que influenciam indiretamente o seu desenvolvimento. O macrossistema faz referência ao conjunto global de crenças, valores e ideologias presentes nas instituições sociais, em suas culturas e subculturas, que influenciam o desenvolvimento das pessoas. Independente de a pessoa estar presente ou não nos núcleos ambientais descritos enfatiza-se que estes (de forma direta ou indireta) influenciam o desenvolvimento da pessoa. Isto ocorre, pois, são considerados como pertencentes a uma teia comunicacional, na qual estão entrelaçados num constante fluxo de informações. Portanto, nota-se que a compreensão do contexto desenvolvimental envolve a análise complexa das relações estabelecidas com as pessoas, objetos e símbolos dos ambientes aqui mencionados (Bronfenbrenner, 2011).

Para exemplificar, tomamos como ilustração uma criança em situação de rua. Verifica-se que a rua se configura como seu microssistema, pois é neste ambiente em que ela cotidianamente estabelece suas relações face-a-face, envolvendo-se em atividades e desenvolvendo-se a partir de seus processos proximais. A família, a escola e demais instituições da qual, ativamente, a criança faz parte se configuram como mesossistema. O exossistema compõe-se pelas políticas de funcionamento dos serviços sociais oferecidos aos jovens em situação de rua, que podem gerir decisões que influenciam as condições de vida da criança. O macrossistema condiz com os padrões globais externos ao campo ativo em que a criança possui acesso. Ou seja, engloba as especificidades das culturas e subculturas da sociedade na qual a criança está se desenvolvendo. Este pode ser exemplificado pelas leis que perpassam a vida das crianças e adolescentes em situação de rua, tal como se verifica no Estatuto da Criança e do Adolescente.

#### d) Tempo

O tempo é o quarto componente do modelo bioecológico. Assim como as características da pessoa em seus processos e interações com o ambiente ganhou relevância nos seguimentos da abordagem bioecológica, o núcleo Tempo também possui singular importância nessa abordagem. Isto decorre da acentuação da dimensão temporal sobre o desenvolvimento, de tal forma, que a compreensão da análise do desenvolvimento não se dá num momento estático no tempo e ambiente, mas compreende as influências sobre o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades ao longo do curso de vida.

Na abordagem bioecológica, o Tempo é denominado de cronossistema. Este é um conjunto integrado constituído de três níveis de análise: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo refere-se à continuidade e descontinuidade ocorridas em pequenos episódios dos processos proximais. O mesotempo refere-se à periodicidade de ocorrência dos processos proximais, podendo se estender num intervalo maior de tempo, como dias e semanas. O macrotempo constitui as expectativas e os eventos em mudança dentro da sociedade ampliada e através de gerações. Compreende, também, a forma como estes eventos afetam e são afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2011).

A análise do desenvolvimento humano por meio da ABDH permite uma compreensão complexa e ampliada acerca dos processos e interações presentes ao longo do curso vital. De tal sorte que tanto os contextos (do mais imediato ao mais remoto) com seus símbolos e objetos, como as interações com as pessoas são englobados na abordagem bioecológica. Considera-se, portanto, esta como uma perspectiva integrada do desenvolvimento humano. Para tanto, torna-se adequada e relevante a ABDH para a realização de estudos contextualizados sobre o desenvolvimento humano.

#### 1.4. Psicologia Positiva

A Psicologia teve seu delineamento histórico centrado no estudo das psicopatologias, por meio de uma perspectiva que classifica e patologiza comportamentos e tem como objetivo o desenvolvimento de tratamentos adequados (Snyder & Lopez, 2009). Nesse sentido, a psicologia se constituiu como ciência normativa implicada na padronização de comportamentos que atendem às expectativas sociais na medida em que atribui patologias aos aspectos desviantes da linha da normalidade.

A preferência pelos aspectos negativos em detrimento aos positivos não ocorreu de forma aleatória. Uma das justificativas encontradas refere-se a uma tendência para a preocupação com os fatores que afligem a humanidade, e a expressão e experiência de emoções negativas são responsáveis pela maioria desses conflitos (Paludo & Koller, 2007). Outro motivo verifica-se na mudança no foco da ciência psicológica a partir da Segunda Guerra Mundial. Antes, a Psicologia possuía três missões: curar as doenças mentais, tornar a vida das pessoas mais produtiva e feliz, e identificar e criar talentos (Seligman, 2002). Após a guerra, a psicologia é chamada a atender aqueles que estavam sofrendo em consequência desse evento, o que trouxe vantagens econômicas, profissionais e sociais aos psicólogos e pesquisadores. Assim, a práxis em psicologia voltou-se para o reparo dos danos e prejuízos provocados pelas patologias, de acordo com um modelo de doença do funcionamento humano (Paludo et al., 2007).

A psicologia avançou na identificação e classificação das doenças mentais, oferecendo terapia e tratamentos em auxílio às pessoas doentes. Nessa concepção, a Psicologia influenciada pelo modelo biomédico, centrou-se numa compreensão cartesiana de homem e de mundo, que se fundamenta na dicotomia mente e corpo, privilegiando a dimensão física e, portanto, biológica. O uso da terminologia paciente e

a elaboração de psicodiagnósticos retratam o poderio do saber psicológico sobre o corpo que padece, caracterizando-se como uma atuação emblemática da tradicional biomedicina (Morais & Koller, 2011).

Embora se tenha desenvolvido estudos em grande e constante quantidade sobre as patologias, as qualidades e virtudes humanas foram aspectos negligenciados na ciência psicológica. Numa simples pesquisa do psicólogo Martin Seligman, quando assumiu a presidência da *American Psychological Association* (APA), ao banco de dados da *PsycInfo*, buscou-se as palavras-chave “depressão” e “felicidade” no período de 1970 a 2006. “Depressão” identificou mais da metade de artigos do que “felicidade”, evidenciando o predomínio dos estudos sobre o que não estava funcionando de forma aquedada nos indivíduos (Paludo et al., 2007).

No século XXI observou-se que os avanços da psicopatologia não significaram uma evolução na prevenção das patologias. Começou-se, então, a indagar quais elementos positivos estavam presentes nas pessoas, mantendo-as ou tornando-as saudáveis. Nesse sentido, buscou-se tirar o foco sobre a doença ao passo que se privilegiou os processos de saúde-doença, nos quais a saúde não se define pela ausência de doença. Dessa forma, a psicologia positiva surge no equilíbrio entre o sofrimento e as qualidades humanas. Esta emergente concepção científica prioriza o estudo das qualidades, das virtudes das pessoas e da promoção de seu funcionamento positivo. Enfatiza-se que o papel fundamental da Psicologia Positiva se detém na potencialização das qualidades humanas em detrimento do ajuste dos defeitos dos pacientes. Observa-se, portanto, que para além da doença mental existe também auto-eficácia, criatividade, curiosidade, otimismo, esperança, habilidades interpessoais, capacidades psicológicas entre outras características que atuam no enfrentamento de situações adversas (Snyder & Lopez, 2009).

A psicologia Positiva não pretende negar os estudos sobre as patologias ou adotar uma visão ingênua acerca dos processos pessoais e relacionais das pessoas. Ao contrário, visualiza-se a complexidade dos fenômenos humanos. Isto é, verifica-se, numa perspectiva integradora, tanto os aspetos positivos, indicando o potencial humano quanto os aspectos negativos que podem vir a ser desfavoráveis ao seu desenvolvimento. Atenta-se ao conhecimento global da vida dos seres humanos, reconhecendo a saúde e a doença enquanto estados de um processo contínuo em detrimento de uma condição estável. A partir desse pressuposto consideram-se as

discussões e práticas de saúde tanto em caráter emergencial como numa práxis prospectiva.

Segundo Morais et al. (2010), a promoção de saúde está relacionada a todas as práticas e condutas que procuram melhorar o nível de saúde da população por meio de medidas que não se restringem a resolver problemas de doenças ou qualquer desordem orgânica, mas sim que visam a aumentar a saúde e o bem-estar geral. Além disso, as autoras fazem duas considerações acerca da promoção de saúde. A primeira implica tanto na compreensão do paradigma da produção social do processo saúde-doença, isto é, a saúde de cada indivíduo, grupos sociais e comunidades depende das ações humanas, interações sociais, políticas públicas e sociais, modelos de atenção à saúde, intervenções sobre o meio ambiente etc. A segunda refere-se ao reforço da capacidade dos indivíduos e da comunidade de atuarem no controle, implementação e manutenção do seu bem-estar, visto nas suas múltiplas dimensões (física, mental, social e espiritual). A promoção de saúde, portanto, verifica a saúde deslocada da função biológica ou psíquica do indivíduo. Diferente, aponta-se para o indivíduo em comunicação com seus sistemas pessoais e sociais mais amplos, sendo estes promotores de saúde. Destarte, a Psicologia Positiva ao estabelecer como prioridade o conhecimento do funcionamento positivo das pessoas considerando-as em sua globalidade, contribui para o avanço de pesquisas e, conseqüentemente, de práticas que atuem na prevenção e promoção de saúde. A partir dessa leitura, as crianças e adolescentes em situação de rua são consideradas além dos riscos e prejuízos ao seu desenvolvimento. Mas, acentua-se o bem-estar, as capacidades e habilidades nas situações cotidianas da vida, que trazem tanto experiências negativas quanto positivas.

Como exemplo de uma perspectiva complexa dos indivíduos em seus processos de interação com as pessoas e os contextos nos quais estão inseridos observa-se os estudos fundamentados na Psicologia Positiva a respeito das pesquisas que têm enfatizado a importância da família no desenvolvimento saudável de seus membros (Wagner et al., 1999). Segundo essas autoras, uma família facilitadora do crescimento emocional e promotora de saúde não implica em ausência de conflitos. O potencial de saúde está na possibilidade que as famílias têm de encontrar alternativas para a solução dos seus problemas e conseguir conter os seus efeitos destrutivos. Bons níveis de saúde familiar, muitas vezes, encontram-se associados a núcleos que favorecem tanto a expressão de agressividade, de raiva e hostilidade, quanto de carinho, ternura e afeto. Portanto, verifica-se que a flexibilidade, isto é, a capacidade da família modificar-se em

resposta a necessidades ou estímulos ao qual é exposta em diferentes situações indica uma relação dinâmica que oscila entre os melhores ou piores níveis de saúde, superando a dicotomia doente e saudável (Wagner et al., 2011).

A concepção ampliada dos processos humanos permite uma compreensão condizente com a realidade de crianças e adolescentes em situação de rua. A literatura aponta que a motivação da ida para a rua para muitos jovens se encontra numa situação anterior de conflitos na família (Koller & Hutz, 1996). No entanto, os sentimentos advindos de experiências negativas no ambiente familiar são ambivalentes. Num estudo (Arpini et al., 2010) sobre as relações familiares de adolescentes em situação de rua verificou-se que os adolescentes identificaram o uso de álcool e outras drogas estando relacionado a situações de violência intrafamiliar. Este aspecto esteve relacionado com maior frequência ao pai, sendo a mãe identificada como uma pessoa central e importante em suas vidas. Considerar *a priori* a família de jovens em situação de rua como um ambiente limitado a experiências negativas reduz as possibilidades de resolução de conflitos existentes na família. Em contrapartida, a Psicologia Positiva ao priorizar as forças humanas semeia um campo de conhecimento que empodera as populações em vulnerabilidade e risco.

O estudo positivo das experiências humanas possibilita uma nova epistemologia de pesquisa ao passo em que se destitui um olhar sobre o que precisa ser ajustado para a potencialização das qualidades e virtudes humanas. Esta perspectiva é fundamental em pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua, pois desmistifica que este segmento populacional está fadado ao fracasso e à doença. Ao enfatizar a atenção sobre os aspectos positivos dos jovens amplia-se o foco dado a estes, centrando-se na motivação e potencialização dos seus atributos saudáveis. Nessa perspectiva, surge um campo de estudo que pode atuar (mais ativamente) subsidiando políticas públicas na garantia dos direitos humanos.

A Psicologia Positiva está em concordância com a consideração de que os indivíduos são sujeitos ativos de suas histórias. Nota-se que quanto mais resistente a condições desfavoráveis e estressantes estiver uma criança, mais ativamente ela desenvolverá estratégias que beneficiam seu desenvolvimento e atuará sobre seu ambiente (Poletto, Wagner & Koller, 2004). Outra contribuição é a compreensão subjetiva do bem-estar, ou seja, a análise sobre a felicidade está baseada na percepção que o sujeito possui sobre a própria vida, isto é, sobre seus afetos e satisfação com a vida.

#### 1.4.1. Bem-Estar Subjetivo

O bem-estar subjetivo também denominado de bem-estar emocional e felicidade foi proposto por Diener e seus colaboradores (Diener, 1984; Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999). Tais autores avaliam as percepções dos indivíduos acerca de suas próprias experiências de vida como definidoras da essência do bem-estar (Snyder & Lopez, 2009). Ou seja, a concepção de bem-estar está diretamente ligada à percepção que o indivíduo possui de sua vida, a uma avaliação individual e subjetiva, portanto.

Outras concepções teóricas afirmam que se obtêm melhor compreensão de bem-estar por meio de descrições objetivas, sendo estas fundamentadas pelo bem-estar psicológico e social. Nesse sentido, a autoaceitação, crescimento pessoal, propósito de vida, domínio do ambiente e relações positivas com outras pessoas constituem os elementos do funcionamento positivo. Diante de ambas as perspectivas, o conjunto do bem-estar subjetivo (ou bem-estar emocional) e as descrições objetivas de bem-estar (bem-estar psicológico e social) constituem uma compreensão mais completa da saúde mental. Essa compreensão decorre da combinação de altos níveis de bem-estar emocional, psicológico e social e a ausência de doença mental recente (Snyder & Lopes, 2009). No presente estudo, focam-se as descrições subjetivas de bem-estar (felicidade e satisfação de vida).

A felicidade é aqui tratada como sinônimo de bem-estar subjetivo. A felicidade é definida como o reflexo espontâneo de sentimentos agradáveis (afeto positivo) e desagradáveis (afeto negativo) sobre a experiência imediata da pessoa (Snyder & Lopez, 2009). Alguns estudos sobre o bem-estar subjetivo diferenciam o afeto positivo do negativo e definem a felicidade como o equilíbrio entre os dois. Numa outra perspectiva, o bem-estar subjetivo é identificado pela soma dos componentes afetivos (afeto positivo e negativo) e cognitivos (satisfação de vida). Nesta concepção, a satisfação de vida é o principal indicador de bem-estar subjetivo (Giacomoni, 2004). Enfatiza-se que a busca da felicidade não é o único objetivo da Psicologia Positiva, uma vez que concomitante, se verifica a concretização dos potenciais e a busca de resultados desejados em suas relações interpessoais e interesses próprios. Estas variáveis contribuem para uma compreensão positiva da vida. Dessa forma, a felicidade e satisfação de vida (sensação de contentamento e paz resultante de diferenças pequenas entre desejos e necessidades) constituem o bem-estar subjetivo. Este pode ser

mensurado através da conjunção dos afetos positivos, afetos negativos e satisfação de vida (Snyder & Lopez, 2009).

Os níveis de bem-estar subjetivo são verificados nos indicadores de afeto positivo, negativo e satisfação de vida. Diener (1996) afirma que a prevalência dos afetos positivos sobre os afetos negativos é caracterizada como balança hedônica. O alto sentimento de bem-estar pode ser encontrado em pessoas que apresentam satisfação com a vida, presença frequente de afeto positivo e relativa ausência de afeto negativo (Giacomoni, 2004). Dessa forma, a frequência dos afetos possui maior relevância do que sua intensidade. Ressalta-se que a investigação sobre o bem-estar subjetivo perpassa a avaliação do indivíduo sobre a sua vida como um todo, tanto no aspecto afetivo (nível hedônico) quanto cognitivo (satisfação de vida). Ou seja, consideram-se os sentimentos de felicidade (bem-estar) em conjunto com a avaliação do indivíduo sobre a satisfação de suas aspirações (Strack, Argyle & Schwarz, 1991). Assim, para a compreensão do bem-estar subjetivo, Diener (1984) destaca três aspectos: 1) subjetividade, isto é, o bem-estar está na avaliação de como as experiências individuais afetam a pessoa; 2) o bem-estar é definido pela presença de afetos positivos e negativos, não sendo limitado à ausência de afetos negativos; e 3) o bem-estar inclui a avaliação global de satisfação de vida para além do julgamento de uma dimensão específica da vida.

O afeto pode ser medido através da Forma Ampliada da Escala de Afeto Positivo e Negativo (PANAS-X) e refere-se ao tipo de experiência dentro do estado de afeto positivo ou negativo. O afeto positivo pode ser ilustrado pela alegria, gratidão, jovialidade, postura atenciosa e autoconfiança e o afeto negativo pode ser exemplificado pela angústia, insatisfação, raiva, tristeza e medo. Diferente do afeto, a satisfação de vida está baseada em respostas avaliativas cognitivas. Ou seja, relaciona-se ao julgamento intelectual e racional que o indivíduo faz de sua própria vida, seja global (da vida na totalidade) ou em dimensões específicas (escola, família, etc.). A avaliação da satisfação de vida ocorre por meio de um padrão escolhido pelo indivíduo ou a partir de uma comparação entre as circunstâncias de vida da pessoa (Diener, 2009; Snyder & Lopez, 2009). A satisfação de vida pode funcionar como um regulador das emoções, sejam positivas ou negativas, aumentando ou diminuindo cada uma delas em acordo com a dimensão cognitiva da pessoa (Diener, Suh, & Oishi, 1997).

Há duas principais teorias sobre o bem-estar subjetivo: *bottom-up* e *top-down*. Os modelos teóricos iniciais (*bottom-up*) possuem como foco a identificação da influência de fatores externos, situações e variáveis demográficas sobre a felicidade.

Essa concepção é construída a partir da ideia de que existem necessidades humanas básicas e universais, e que a satisfação destas possibilitam a felicidade (Diener et al., 1999). Apesar da consideração de que o bem-estar pode ser influenciado por variáveis sócio-demográficas, tais como idade, gênero, nível sócio-econômico e cultura, observou-se que esses fatores não possuem expressiva influência para explicar a variância do bem-estar subjetivo (Giacomoni, 2004).

Pesquisas na área apresentam que as variáveis demográficas possuem maior influência quando analisadas em determinados grupos (Diener et al., 1999). Por exemplo, a renda é preditor de bem-estar subjetivo dos grupos em que as necessidades básicas não estão satisfeitas, sendo estas supridas, a renda não obtém significativo efeito sobre o bem-estar subjetivo. Outro exemplo pode ser obtido na variável casamento, em que a qualidade deste pode influenciar no bem-estar como preditor de satisfação de vida. No entanto, a influência do casamento sobre o bem-estar subjetivo varia em cada cultura. Em culturas coletivistas que valorizam o casamento, pessoas solteiras e divorciadas apresentam mais emoções negativas enquanto que em culturas individualistas que valorizam o prazer pessoal, os divorciados apresentam mais emoções positivas e satisfação com a vida do que os solteiros e casados. Nesse sentido, reconhecendo a relativa influência das variáveis demográficas e a importante contextualização cultural na análise dos indicadores de bem-estar subjetivo, as teorias passaram a questionar se o impacto dessas variáveis demográficas seria mediado por processos psicológicos como metas e habilidades de coping (Giacomoni, 2004). Este tem sido definido pelo conjunto de estratégias utilizadas pelos indivíduos na busca de adaptarem-se a situações adversas ou estressantes (Antoniazii, Dell'Aglio & Bandeira, 1998). Dessa forma, buscou-se estudar quais aspectos intrínsecos explicariam com maior força a variabilidade do bem-estar subjetivo (Giacomoni, 2004).

Na perspectiva *top-down* do bem-estar subjetivo, os indivíduos possuem uma predisposição para interpretar as situações, as experiências de vida, de forma tanto positiva quanto negativa, e esta qualidade influencia a avaliação de vida. Nota-se, portanto, uma interpretação subjetiva dos eventos de vida em detrimento da influência de fatores externos. Os processos de interpretação das pessoas sobre os eventos e suas relações com a avaliação da vida são investigadas por três concepções teóricas. São elas: as teorias da personalidade e seus diferentes modelos, as teorias da discrepância e as teorias relativas aos processos de adaptação e *coping* (Giacomoni, 2004).

As teorias da personalidade apresentam-na como um forte preditor de bem-estar subjetivo. Nesse modelo teórico, investigam-se os traços de personalidade que mais se correlacionam com o bem-estar subjetivo e como a personalidade se relaciona com as circunstâncias de vida para influenciar o bem-estar subjetivo. Esses estudos verificam a existência de uma predisposição genética influenciando os níveis de bem-estar subjetivo. Isto é, algumas pessoas teriam uma predisposição genética para ser feliz ou infeliz na medida em que processos biológicos hereditários estariam influenciando o comportamento de experienciar níveis de bem-estar subjetivo (Diener et al., 1999). No entanto, pesquisas na área apontam para a importante função da contextualização dos indicadores de bem-estar subjetivo. Observa-se que as características da personalidade e suas relações com o bem-estar subjetivo podem variar em acordo com as culturas, pois estas possuem valores, regras e normas singulares. Nota-se, por exemplo, que a auto-estima é um preditor mais forte da satisfação de vida em culturas individualistas do que nas coletivistas (Diener, 2012).

As teorias da discrepância afirmam que os indivíduos comparam a si mesmos com variados padrões pertencentes a outras pessoas, condições passadas, aspirações e níveis ideais de satisfação e necessidades ou metas. O julgamento de satisfação envolve as discrepâncias verificadas entre as condições atuais e esses padrões de comparação (Diener et al., 1999). Assim, a discrepância relaciona-se com os níveis de satisfação do indivíduo. Na medida em que a sua comparação envolve padrões superiores, ocorrerá a diminuição da satisfação, ao passo que uma comparação com padrões inferiores resultará no aumento da satisfação. As teorias da discrepância centram-se na investigação sobre comparação social, aspirações modestas e discrepâncias nas metas influenciando os níveis de bem-estar subjetivo.

Os processos de adaptação ou habituação e a forma como o indivíduo lida com as situações geradoras de estresse (*coping*) são apresentados como componentes centrais nas teorias sobre o bem-estar subjetivo (Diener et al., 1999; Giacomoni, 2004). Os processos de adaptação envolvem a esfera biológica do organismo humano, em que diante de situações estressoras (mudanças na temperatura, pouca água, altas atitudes, etc.), o indivíduo desenvolve mecanismos de adaptação. Dessa forma, tem-se também que o indivíduo tende a se ajustar aos eventos externos que propiciam experiências boas ou ruins, não sendo possível a permanência indefinida num estado de euforia ou desespero. O sistema emocional reage de forma intensa a novos eventos e amortece suas

reações ao longo do tempo. Os eventos recentes possuem maior impacto sobre o bem-estar do que os que ocorreram no passado (Diener et al., 1999).

Resultados de pesquisas anteriores sugeriram que as pessoas se adaptavam às novas circunstâncias num período de três meses (Diener et al., 1999). No entanto, estudos atuais apresentam que os processos de adaptação ou habituação, por vezes, não ocorrem de forma completa e que as circunstâncias, em alguns casos, podem ter um grande e duradouro efeito sobre o bem-estar subjetivo (Diener, 2012). Esse resultado é fundamental para enfatizar a necessidade de pesquisas com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social e, em específico, em situação de rua, uma vez que se verifica que esses jovens vivenciam situações de extremo risco e por longos períodos de tempo. Salienta-se, portanto, a interlocução dos variados setores, por exemplo, no desenvolvimento de pesquisas (no âmbito acadêmico) e de políticas públicas (esfera governamental) que atuem não apenas de forma emergencial sobre os problemas, mas também na prevenção e promoção de saúde. Compreende-se, portanto, que o estudo sobre o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua pode vir a subsidiar discussões e, efetivamente, políticas públicas para o desenvolvimento humano e social.

A seguir são relatados alguns estudos que tiveram como objetivo investigar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Verifica-se que a maioria das pesquisas possuem como participantes jovens em vulnerabilidade social que vivem com suas famílias ou em acolhimento institucional. Apenas um estudo foi desenvolvido com crianças e adolescentes em situação de rua.

Num estudo sobre o bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes investigou-se dois grupos: um que frequentava a escola e vivia com a família e outro que viviam em instituições de acolhimento (Poletto & Koller, 2011). Participaram dessa pesquisa 297 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com idades entre 7 e 16 anos ( $M = 11,22$  anos), sendo que 155 eram do sexo masculino (52,2%) e 142 do sexo feminino (47,8%). Como instrumento utilizou-se entrevista estruturada, escalas de afeto positivo e negativo e a escala multidimensional de satisfação de vida. Obteve-se como resultado que em relação aos contextos de desenvolvimento, as crianças institucionalizadas experienciam mais afetos negativos. Porém, os dois grupos não se diferenciam quanto ao afeto positivo e satisfação de vida. Estes resultados corroboram a perspectiva teórica que afirma o afeto positivo e negativo são relativamente

independentes um do outro como também a concepção de que os fatores demográficos não contribuem para a variância do bem-estar subjetivo.

Em outra pesquisa sobre bem-estar subjetivo em crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, foram investigadas as características de jovens institucionalizados e suas famílias (Siqueira & Dell’Aglia, 2010). Participaram 155 crianças e adolescentes, de 7 a 16 anos, de instituições da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Foram utilizados como instrumentos a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida (EMSV) e o Mapa dos Cinco Campos, para avaliar rede de apoio. A análise da EMSV apontou médias próximas de 4 (cujo valor máximo é 5), indicando boa satisfação de vida. Esse resultado pode sugerir que as condições de vida atuais desses jovens estão lhes proporcionando bem-estar e satisfação de vida, e também podem indicar que as condições de vida oferecidas no acolhimento institucional apresentam-se superiores às oportunidades obtidas na família. Assim, o bom funcionamento das instituições, a experiência de violência anterior e condições sócio-econômicas desfavorecidas da família podem contribuir para a percepção de satisfação de vida na instituição de acolhimento. A análise do Mapa dos Cinco Campos apresentou maior quantidade de contatos e fator de proximidade de grande força no campo Abrigo. Esse resultado associado ao alto escore de satisfação de vida indica que o abrigo pode estar atuando como importante componente da rede de apoio social e afetiva, promovendo desenvolvimento.

Apenas um estudo sobre o bem-estar subjetivo de crianças/adolescentes em situação de rua foi identificado (Morais, 2009; Moraes et al., 2010, 2012). Participaram 98 adolescentes, com idades entre 11 e 18 anos, sendo 32 em situação de rua (G1) e 66 adolescentes que viviam com suas famílias (G2). Aplicaram-se as Escalas de Afeto Positivo e Negativo (Giacomoni, 2002; Laurent et al. 1999). Como resultado obteve-se que G1 tendia a sentir com menor frequência os afetos negativos quando comparados aos positivos. Na análise comparativa entre os grupos, G1 apresentou maiores médias de afeto positivo e negativo quando comparado a G2. Os altos níveis de afetos positivos e negativos dos adolescentes em situação de rua podem estar associados à satisfação de vida, porém, esta não foi verificada nesse estudo.

No seguimento dos estudos, observa-se que as pesquisas com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social têm buscado uma visão complexa do desenvolvimento. Em detrimento de um enfoque sobre aspectos negativos, nota-se a busca por identificar os aspectos saudáveis dos indivíduos. Essa nova perspectiva rompe

com a ideia de que crianças e adolescentes que se desenvolvem num contexto de adversidade possuem apenas déficits. Assim, acentuam-se as características positivas dos jovens, como as estratégias de sobrevivência que estes encontram como alternativas frente a situações de risco. Nota-se que o estudo sobre o bem-estar subjetivo tem sido referência nessas pesquisas. No entanto, apenas um estudo ocorreu com crianças e adolescentes em situação de rua, verificando as maiores médias de afetos positivos e negativos. Logo, acentua-se a necessidade de mais estudos com crianças e adolescentes em situação de rua abordando o bem-estar subjetivo, tanto em seus aspectos circunstanciais (afeto positivo e negativo) quanto cognitivos (satisfação de vida).

Nesse sentido, este trabalho buscou caracterizar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua, identificando os fatores de afeto positivo, afeto negativo e satisfação de vida. Tratou-se de um estudo descritivo, transversal e de delineamento multimétodos. Para tanto, foram realizados dois estudos, sendo o Estudo I de abordagem quantitativa e o Estudo II numa perspectiva qualitativa.

A estratégia de pesquisa multimétodos esteve de acordo com os objetivos e condições práticas de lugar, tempo e disponibilidade de pessoas deste trabalho. O uso de múltiplos métodos, decorrente dos paradigmas quantitativo e qualitativo, permitiu ao pesquisador identificar e caracterizar a realidade objetiva assim como aproximar-se dos significados e representações subjetivas do fenômeno em estudo (Creswell, 1994). A combinação de metodologias de coleta e análise de dados busca diminuir ao máximo os vieses inerentes às informações particulares ao pesquisador e aos métodos (Robson, 1993). Portanto, tem-se a que a mensuração do bem-estar subjetivo, sendo tratada pela associação de diferentes métodos, assegurou que as variâncias são reflexos próprios das características investigadas em detrimento dos métodos utilizados.

## CAPÍTULO II

### 2. Estudo I: Caracterização Quantitativa do Bem-Estar Subjetivo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: Um Estudo em Três Capitais Brasileiras (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador)

Buscou-se caracterizar o bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo) de crianças e adolescentes em situação de rua de três cidades brasileiras: Fortaleza, Porto Alegre e Salvador.

Com maior especificidade buscou-se:

- Descrever satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo em adolescentes em situação de rua de três capitais brasileiras (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador);
- Caracterizar os eventos estressores (número e impacto) e a rede de apoio (total de contatos e fator de proximidade) dos adolescentes em situação de rua das três capitais (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador) e comparar seus escores entre as cidades;
- Comparar os escores de satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo, eventos estressores e rede de apoio no que se refere a variáveis sociodemográficas (idade, sexo);
- Correlacionar bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo) às variáveis de eventos estressores, rede de apoio, idade e sexo.

#### 2.1. Método

##### 2.1.1. Participantes

Os participantes do estudo foram crianças e adolescentes com experiência de vida na rua que se encontravam em acolhimento institucional ( $n = 89$ ; 80,18%), serviço aberto ( $n = 18$ ; 16,22%) e rua ( $n = 4$ ; 3,6%). Participaram do estudo 111 adolescentes, de ambos os sexos (Masculino:  $n = 90$ ; 81,1% e Feminino:  $n = 21$ ; 18,9%), com idades que variam entre 09 e 18 anos ( $M = 14,18$  anos;  $DP = 2,4$ ). No total, 45 foram entrevistados em Fortaleza (40,5%), 40 em Salvador (36%) e 26 em Porto Alegre

(23,4%), não havendo diferença significativa entre os grupos no que se refere ao sexo e à idade.

### 2.1.2. Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos: Entrevista de Experiência de Vida (Anexo A), Inventário de Eventos Estressores (Anexo B), Mapa dos Cinco Campos (Anexo C), Escalas de Afeto Positivo e Negativo (Anexo D) e Escala de Satisfação de Vida (Anexo E).

#### a) Entrevista de Experiência de Vida

A fim de caracterizar o perfil dos participantes, aplicou-se a Entrevista de Experiência de vida (Raffaelli, Koller, & Moraes, 2007). Esta abordou temas, tais como: a) história pessoal e familiar; b) saída de casa (ou ficar muito tempo na rua ou ainda ter uma experiência de risco na rua); c) vida nas ruas (atual ou anterior); d) experiência escolar e de trabalho; e, d) histórico de institucionalização.

#### b) Inventário de Eventos Estressores

Esse instrumento, adaptado por Raffaelli, Koller, e Moraes (2007), é composto por 22 itens que se referem aos domínios individual, socioeconômico, familiar e violência, como por exemplo: dormir em um lugar novo, ter problema grave de saúde, começou a realizar alguma atividade para conseguir dinheiro, morte do pai ou da mãe, ter sofrido violência sexual, etc. Nesse instrumento, obtiveram-se os eventos adversos de vida (0 – ausência do evento e 1 – presença do evento) e, a partir disso, a avaliação do participante quanto ao impacto (5 pontos; 1- nada estressante a 5 – totalmente estressante). A associação entre a ocorrência do evento adverso de vida e sua avaliação quanto ao estresse percebido compuseram a identificação dos eventos estressores. A análise dos eventos estressores foi realizada tendo como base o realizado por Kristensen et al. (2004). Desse modo, foram realizadas análises separadas para os escores de frequência e de impacto do Inventário de Eventos Estressores. A frequência foi calculada para cada participante a partir da soma do número de respostas “sim” aos 22 itens do inventário. A média do impacto total do inventário foi calculada através da divisão da soma total dos valores de impacto atribuídos para cada evento já ocorrido (ou seja, aqueles que os participante responderam “sim”) pelo número total de eventos com

impacto válido. Isto é, a divisão foi realizada considerando apenas aqueles itens em que os participantes atribuíram valores ao impacto. Foram excluídos os itens em que o impacto não foi avaliado pelos participantes, pois o evento não havia ocorrido na vida deles.

c) Mapa dos Cinco Campos

Esse instrumento, desenvolvido por Samuelsson, Thernlund, e Ringström (1996) e, no Brasil, adaptado por Hoppe (1998), é utilizado para avaliar a rede de apoio social e afetiva dos participantes. O mapa consiste num quadro de 60x80 cm, com cobertura de feltro verde e as pessoas são representadas por fichas, que são manipuladas pelos participantes. Essas fichas representam três fases do ciclo vital (crianças, adolescentes e adultos) e indicam o sexo feminino ou masculino. O quadro é composto por cinco círculos concêntricos divididos em partes iguais, cada fatia corresponde a uma dimensão da rede de apoio do adolescente (família, escola, instituições, amigos e rua). O círculo central corresponde ao próprio participante enquanto que os círculos adjacentes são utilizados para mensurar a qualidade do vínculo. O mapa dos cinco campos possibilita a avaliação do tamanho da rede de apoio (número de contatos) e fator de proximidade, a qual representa a qualidade dos vínculos estabelecidos (1 – muito próximo a 5 – totalmente distante). Para o cálculo desse score, o número de pessoas colocadas no primeiro nível foi multiplicado por oito; no segundo nível, por quatro; no terceiro nível, por dois; no quarto nível, por um e no quinto nível, por zero. O somatório desse cálculo foi dividido pelo número total de pessoas citadas no Mapa, para a média de proximidade no instrumento, ou pelo número total de pessoas citadas no campo, para a média de proximidade no campo. De acordo com a interpretação proposta por Siqueira et al. (2009), os valores do fator de proximidade variariam de zero a oito, sendo que os scores entre zero e 2,6 foram considerados de pequena força; entre 2,7 e 5,3, média força; e entre 5,4 e 8,0, grande força de proximidade.

d) Escalas de Afeto Positivo e Negativo

As Escalas de Afeto Positivo e Negativo (*Positive and Negative Affect Schedule for Children – PANAS – C*; Giacomoni, 2002; Laurent et al., 1999) utilizadas neste estudo foram adaptadas por Raffaelli, Koller e Morais (2007). Esse instrumento é composto por 32 itens, a saber, a Escala de Afeto Positivo (17 itens; 1 – nem um pouco

a 5 - muitíssimo) e a Escala de Afeto Afeto Negativo (17 itens; 1 – nem um pouco a 5 – muitíssimo), sendo considerados com consistência interna satisfatória. A pergunta “*o quanto você tem se sentido?*” foi realizada para os 32 afetos investigados. Tem-se como exemplo as seguintes questões: “*o quanto você tem se sentido feliz?*”, “*o quanto você tem se sentido irritado?*”, “*o quanto você tem se sentido divertido?*”. No presente estudo, as escalas obtiveram adequada consistência interna (Escala de Afeto Positivo: *alpha de Cronbach* = 0,86; Escala de Afeto Afeto Negativo: *alpha de Cronbach* = 0,86).

#### e) Escala de Satisfação de Vida

Foi utilizada para acessar a satisfação de vida global dos participantes. Esse instrumento consiste numa versão adaptada por Koller et al. (1996) de *Satisfaction with life* (Diener et al., 1985), composta por 5 itens (1 – discordo fortemente a 5 – concordo fortemente). Tem-se como exemplo as seguintes questões: “a sua vida está próxima do seu ideal?”, “as suas condições de vida são excelentes?”, “você está satisfeito com sua vida?”. No presente estudo, a escala obteve uma adequada consistência interna (*alpha* = 0,72).

### 2.1.3. Procedimentos de Coleta de Dados

Dado a dificuldade de obter amostras randomizadas em pesquisas envolvendo crianças e adolescentes em situação de rua, vista a dinamicidade própria dessa população, estudos anteriores desenvolveram procedimentos de pesquisa que permitem a identificação de uma amostra suficientemente semelhante (Campos, Raffaelli et al., 1994; Stueve et al., 2001). Essa abordagem constitui-se em três passos: 1) identificação de lugares onde os jovens se reúnem; 2) seleção de locais de recrutamento de participantes; e 3) inserção ecológica. Esse procedimento foi adotado no presente estudo, sendo apresentadas a seguir suas especificidades.

Na primeira etapa, a rede de apoio socioassistencial de crianças e adolescentes em situação de rua foi mapeada nas três capitais (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador) e, depois, contatada através de seus coordenadores e dirigentes. Foram marcadas reuniões, nas quais o projeto foi apresentado assim como o serviço disponibilizado e o perfil dos adolescentes atendidos nas instituições. Num processo de bola-de-neve, as instituições visitadas foram indicando outras que atendiam o perfil buscado na pesquisa. Na segunda

etapa, foram selecionadas as instituições que ofereciam serviços à população-alvo desse estudo. Dentre elas estavam diferentes espaços: acolhimento institucional, serviço aberto e rua.

O acolhimento institucional é oferecido em uma unidade institucional semelhante a uma residência. Nesta, aconselha-se que os educadores sociais trabalhem em horários fixos para garantir estabilidade das tarefas do cotidiano. Também é garantido às crianças e adolescentes com vínculos de parentesco que possam residir na mesma instituição. De forma diferente, os serviços abertos funcionam em caráter provisório. Os jovens possuem a liberdade de transitar por esses espaços, utilizando-os, por exemplo, por três dias ou uma semana e ao deixar esses locais, podem retornar quando desejarem. No entanto, havendo o descumprimento de normas e regras, os adolescentes ficam privados da utilização desses serviços por 72 horas. Assim, os serviços abertos se constituem como casas de passagens, nas quais os jovens encontram proteção, podendo ser encaminhados para acolhimento institucional, suas famílias ou retornando para as ruas. As ruas também foram espaços de coleta de dados ao passo que ao contatar as instituições de atendimento aos jovens em situação de rua, alguns educadores sociais faziam abordagem nas ruas e, portanto, facilitaram a vinculação entre os pesquisadores e os adolescentes que estavam nas ruas.

Na terceira etapa, a equipe de pesquisa se inseriu nos espaços selecionados, tendo início a inserção ecológica. Este método privilegiou a inserção do pesquisador no ambiente de pesquisa, a fim de favorecer a proximidade com o seu objeto de estudo e, assim, responder às questões de pesquisa (Ceconello & Koller, 2003; Eschiletti-Prati et al., 2008; Moraes, Koller, & Raffaelli, in press). Visando a vinculação entre o pesquisador, os adolescentes e o contexto de pesquisa, a equipe de pesquisa esteve durante 6 meses frequentando de duas a três vezes por semana os locais selecionados para o recrutamento dos participantes. Nesse período, os pesquisadores participaram de todas as atividades formais e informais dos adolescentes. Dessa forma, foi possível coletar dados através de diários de campo que traziam informações das relações estabelecidas entre pesquisador-adolescente, adolescente-adolescente, adolescente-funcionário, pesquisador-funcionário assim como do funcionamento, organização e estrutura dos espaços.

Após seleção e aceite dos participantes, mediante explanação dos objetivos da pesquisa, possibilidade de desistência/recusa do adolescente em qualquer momento da pesquisa e sua livre concordância, a aplicação dos instrumentos foi realizada em

entrevistas individuais, posteriormente, gravadas e transcritas. A autora deste trabalho participou ativamente da coleta de dados em Fortaleza e os dados de Porto Alegre e Salvador foram cedidos por tratar-se de um projeto em conjunto.

O número de encontros para aplicação dos instrumentos de pesquisa variou de dois a três, visto que são instrumentos que demandam tempo e geram cansaço se aplicados no mesmo dia. Logo, em acordo com a disponibilidade, paciência e interesse do participante os instrumentos eram aplicados. Quando o participante demonstrava cansaço, indisposição ou precisava retornar a alguma atividade de seu cotidiano (hora do almoço, por exemplo), eram marcados outros encontros para finalizar a aplicação.

#### 2.1.4. Procedimentos de Análise de Dados

Utilizou-se o *Statistical Package for Social Sciences* – SPSS (versão 19) para análise de dados. Adotou-se um  $p < 0,05$  como nível de significância crítico para todas as análises. Foram calculadas estatísticas descritivas univariadas (frequência, porcentagem, média e desvio-padrão) para análise das variáveis sociodemográficas, satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo, eventos estressores (número e impacto) e rede de apoio (total de contatos e fator de proximidade).

Para comparar as variáveis sociodemográficas (idade, sexo e cidade do participante) com as demais variáveis investigadas (satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo, eventos estressores e rede de apoio), a normalidade de cada variável foi avaliada através do teste Shapiro-Wilk, visto que se verificou a normalidade para cada subamostra por cidade. No que se refere a análises com até duas amostras, para aquelas com distribuição normal, realizou-se análises estatísticas paramétricas através do Teste *t* de Student e as que obtiveram rejeição da normalidade foram realizadas análises não-paramétricas pelo Mann-Whitney. Para análises com mais de duas amostras, com distribuição normal, realizou-se análises de comparação através de ANOVA e as que obtiveram rejeição da normalidade foram analisadas pelo Kruskal-Wallis. Quando se verificou diferença significativa, foram realizadas análises *post hoc* pelo *Scheffé* (para estatísticas paramétricas) e Mann-Whitney com correção de Bonferroni (para estatísticas não-paramétricas).

Para análise de correlação entre bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo) e as variáveis de eventos estressores, rede de apoio, idade e sexo verificou-se a normalidade de cada variável através do teste Shapiro-Wilk.

Utilizaram-se os testes de correlação de Pearson e de Spearman, respectivamente, para variáveis com distribuição normal e para aquelas que pelo menos uma das variáveis não obteve distribuição normal.

#### 2.1.5. Procedimentos Éticos

Conforme mencionado na Introdução dessa Dissertação, a presente pesquisa foi parte integrante de um projeto maior, intitulado: “*O impacto da vida na rua em adolescentes: Um estudo longitudinal sobre risco e proteção*”. Este foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza (Protocolo 2011023) em Dezembro de 2011 (Anexo F). Os procedimentos de consentimento utilizados nesta pesquisa obedeceram aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, pautados na Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (vigente à época de aprovação do referido projeto), ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e às diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (Resolução n. 016/2000).

Dado as especificidades dos estudos com crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, a pesquisa teve início com um treinamento teórico, metodológico e ético com estudantes de psicologia e profissionais da área. Com isto, objetivou-se a capacitação da equipe para entrevistar e aplicar os instrumentos com a população-alvo do estudo. Dessa forma, foram realizados seminários teóricos, leituras especializadas e discussões éticas com os grupos de pesquisa das três cidades (Fortaleza, Salvador e Porto Alegre). O treinamento possibilitou a aproximação dos grupos com as temáticas de investigação e a contextualização da realidade dos participantes. Após isto, aqueles estudantes identificados e envolvidos com a problemática da pesquisa foram convidados a iniciar a primeira etapa de pesquisa: mapear a rede socioassistencial de atendimento aos jovens em situação de rua. Salienta-se que durante todo o processo de pesquisa foram realizadas reuniões sistemáticas. Estas foram cruciais para a continuidade do diálogo entre o grupo de pesquisa, sendo possível esclarecer dúvidas e compartilhar experiências.

A população-alvo desta pesquisa se caracteriza por ter vínculos familiares fragilizados e/ou rompidos, seja por relações conflituosas ou abusos. Nesses casos, o Ministério Público Estadual torna-se o responsável pela proteção integral das crianças e adolescentes. Assim, o consentimento parental foi desconsiderado e o projeto foi apresentado ao Ministério Público (Anexo G) que concedeu sua autorização. Além

disto, foram realizadas reuniões de apresentação do projeto e assinatura do Termo de Concordância (Anexo H) para cada instituição em que ocorreu a inserção da equipe de pesquisa. Por fim, buscou-se o assentimento de cada adolescente recrutado para participar da pesquisa. Para estes, explicou-se o objetivo da pesquisa, a natureza voluntária do estudo, a não existência de recompensa material pela participação e a autonomia do adolescente em participar ou recusar, ou mesmo desistir ao longo do processo. Enfatiza-se que o bem estar dos participantes foi priorizado.

## 2.2. Resultados

Nesta seção apresentam-se os resultados encontrados no presente estudo. Estão organizados de acordo com a sequência dos objetivos citados anteriormente. Assim, verificam-se: 1) Descrição do bem-estar subjetivo: satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos; 2) Caracterização dos eventos estressores (número e impacto); 3) Caracterização da rede de apoio (total de contatos e fator de proximidade) no mapa total e por campo. Todas as análises estatísticas foram realizadas nas três cidades. Verificaram-se os dados de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador, isoladamente. Assim como, se analisou os dados das três cidades em conjunto para resultados gerais e comparações. Seguiu-se com: 4) Comparação dos escores de satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo, eventos estressores e rede de apoio no que se refere às seguintes variáveis sociodemográficas (idade e sexo); e 5) Correlações de satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo às variáveis eventos estressores, rede de apoio, idade e sexo.

### 2.2.1. Descrições do Bem-Estar Subjetivo: Satisfação de Vida, Afetos Positivos e Afetos Negativos

#### a) Satisfação de Vida

A Tabela 1 apresenta as médias e desvios-padrão de todos os itens da Escala de Satisfação de Vida e da Escala Total. Estão dispostos por cidade (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador), assim como no total das três capitais. Verifica-se que a Escala teve Alpha de Cronbach igual a 0,72. Avaliando-se o resultado geral da escala, verificou-se que os participantes tenderam a apresentar uma média geral de 3,22 ( $DP = 1,05$ ).

Por cidade, os participantes tenderam a atribuir médias gerais de 3,41 ( $DP = 0,92$ ) em Fortaleza; 2,84 ( $DP = 1,22$ ) em Porto Alegre e 3,26 ( $DP = 1,02$ ) em Salvador para cada item avaliado. Quando feita a comparação por cidade através das médias da escala, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,96$ ;  $p = 0,03$ ), verificou-se uma tendência das médias mais altas encontrarem-se em Fortaleza, com diferença não significativa entre cidades apresentada pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 108) = 3,53, p = 0,17$ ]. Salienta-se que a Escala possui valores que variam de 1 – discordo fortemente a 5 – concordo fortemente. Diante dos resultados, apreende-se que as médias apresentadas nas cidades de Fortaleza e Salvador podem ser avaliadas como altas. Isto é, entende-se que os participantes dessas duas capitais brasileiras tendem a avaliar com satisfação suas vidas.

No que se refere à análise dos itens em separado, no total das cidades, o item 3 “*you are satisfied with your life?*” obteve a média mais alta ( $M = 3,71$ ;  $DP = 1,52$ ), enquanto que o item 5 “*if you could live your life over again you would change almost nothing*” teve a média mais baixa ( $M = 2,27$ ;  $DP = 1,53$ ). Para comparação por cidade através das médias de cada item pelo teste Shapiro-Wilk obteve-se rejeição da normalidade ( $W = 0,79$ ;  $p < 0,001$ ) para item 1, ( $W = 0,81$ ;  $p < 0,001$ ) para item 2, ( $W = 0,76$ ;  $p < 0,001$ ) para item 3, ( $W = 0,85$ ;  $p < 0,001$ ) para item 4 e ( $W = 0,75$ ;  $p < 0,001$ ) para item 5. Através do teste Kruskal-Wallis verificou-se diferença significativa entre as cidades para item 1 [ $\chi^2(2, N = 108) = 7,98, p = 0,01$ ] e item 3 [ $\chi^2(2, N = 108) = 9,34, p < 0,01$ ]. Realizaram-se testes *post hoc* Mann-Whitney com correção de Bonferroni ( $p < 0,01$ ) para explorar as diferenças entre os grupos. Verificou-se que Fortaleza apresentou médias mais altas quando comparada a Porto Alegre no item 1 ( $U = 348,5, z = -2,64, p < 0,01$ ) e item 3 ( $U = 327,5, z = -2,96, p < 0,01$ ), indicando que os participantes de Fortaleza sentem-se mais satisfeitos com suas vidas do que os de Porto Alegre. Nos demais itens da escala não se constataram diferenças significativas, a saber, [ $\chi^2(2, N = 108) = 7,98, p = 0,18$ ] para item 1, [ $\chi^2(2, N = 108) = 1,56, p = 0,45$ ] para item 2, [ $\chi^2(2, N = 108) = 0,38, p = 0,82$ ] para item 4 e [ $\chi^2(2, N = 108) = 0,59, p = 0,74$ ] para item 5.

Tabela 1

*Média e Desvio-padrão da Satisfação de Vida na Avaliação dos Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades*

Itens	Cidades			
	Fortaleza <i>M (DP)</i>	Porto Alegre <i>M(DP)</i>	Salvador <i>M(DP)</i>	Total <i>M(DP)</i>
A sua vida está próxima do seu ideal	3,68 (1,56)	2,52 (1,8)	3,36 (1,59)	3,30 (1,68)
As suas condições de vida são excelentes	3,52 (1,5)	3,20 (1,55)	3,69 (1,52)	3,51 (1,51)
Você está satisfeito com a sua vida	4,09 (1,34)	2,88 (1,74)	3,82 (1,41)	3,71 (1,52)
Até agora você tem conseguido as coisas importantes na vida	3,50 (1,22)	3,16 (1,74)	3,31 (1,57)	3,35 (1,48)
Se pudesse viver a vida de novo não mudaria quase nada	2,27 (1,48)	2,44 (1,66)	2,15 (1,54)	2,27 (1,53)
Escala Total	3,41 (0,92)	2,84 (1,22)	3,26 (1,02)	3,22 (1,05)

## b) Afetos Positivos

A Tabela 2 está composta pelas médias e desvios-padrão de todos os afetos positivos da Escala, assim como da Escala Total. Estão expostos por cidade (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador) e no total das três capitais. Verifica-se que a Escala obteve índice de consistência interna (Alpha de Cronbach) igual a 0,86. Os participantes apresentaram uma média geral de 3,49 ( $DP = 0,83$ ) para os afetos avaliados. Por cidade, os participantes atribuíram médias gerais de 3,7 ( $DP = 0,72$ ) em Fortaleza; 3,46 ( $DP = 0,81$ ) em Porto Alegre e 3,1 ( $DP = 0,94$ ) em Salvador para os afetos avaliados. Verifica-se uma tendência das médias mais altas encontrar-se em Fortaleza e na comparação por cidade através das médias da escala, com normalidade evidenciada pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,13$ ), não se observou diferença significativa entre cidades apresentada pelo ANOVA ( $F = 3,48$ ,  $p = 0,08$ ). Nota-se que a Escala possui valores que variam de 1 – nem um pouco a 5 – muitíssimo. Como é possível verificar, pode-se avaliar as médias como altas, demonstrando que os participantes tenderam a indicar uma alta frequência de afetos positivos no seu cotidiano.

Tabela 2

*Média e Desvio-padrão dos Afetos Positivos na Avaliação dos Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades (n = 80)*

Itens	Cidades			
	Fortaleza <i>M (DP)</i>	Porto Alegre <i>M (DP)</i>	Salvador <i>M (DP)</i>	Total <i>M (DP)</i>
Divertido	3,57 (1,48)	3,65 (1,3)	3,45 (1,3)	3,54 (1,37)
Contente	4,79 (6,32)	3,09 (1,34)	3,08 (1,3)	3,78 (4,23)
Carinhoso	3,41 (1,32)	3,3 (1,57)	3,03 (1,54)	3,24 (1,46)
Feliz	3,64 (1,42)	3,43 (1,16)	3,36 (1,38)	3,49 (1,35)
Animado	3,4 (1,43)	3,22 (1,34)	3,49 (1,48)	3,39 (1,42)
Alegre	3,71 (1,17)	3,39 (1,43)	3,18 (1,43)	3,44 (1,34)
Participativo	3,64 (1,34)	3 (1,38)	3,39 (1,55)	3,41 (1,43)
Satisfeito	3,33 (1,22)	2,52 (1,67)	2,92 (1,36)	3 (1,4)
Esperto	4,07 (1,29)	3,43 (1,5)	3,54 (1,36)	3,74 (1,38)
Forte	3,79 (1,37)	3,61 (1,34)	3,47 (1,44)	3,63 (1,38)
Amoroso	3,52 (1,21)	3,19 (1,64)	2,86 (1,16)	3,24 (1,45)
Corajoso	3,79 (1,24)	3,35 (1,36)	3,53 (1,2)	3,59 (1,25)
Decidido	3,5 (1,23)	3,26 (1,38)	3,38 (1,38)	3,40 (1,31)
Esforçado	3,65 (1,36)	3,52 (1,62)	3,33 (1,63)	3,51 (1,52)
Cuidadoso	3,64(1,41)	4 (1,08)	3,45 (1,46)	3,65 (1,37)
Delicado	3,33 (1,4)	2,83 (1,37)	3,13 (1,58)	3,15 (1,46)
Interessado	3,8 (1,18)	4,09 (1,08)	3,74 (1,46)	3,84 (1,27)
Escala Total	3,7 (0,72)	3,46 (0,81)	3,1 (0,94)	3,49 (0,83)

De acordo com a tabela 2, os participantes das três capitais atribuíram médias mais altas para os afetos positivos: interessado, contente, esperto, cuidadoso e forte. Em Fortaleza, as médias mais altas foram encontradas nos afetos positivos: contente, esperto, interessado, forte, corajoso e alegre. Em Porto Alegre foram apresentadas médias mais altas nos afetos positivos: interessado, cuidadoso, divertido, feliz e esperto. Em Salvador, os afetos positivos com médias mais altas foram: interessado, esperto, corajoso, animado e cuidadoso. Já aqueles que obtiveram médias mais baixas, no total das três cidades, foram: satisfeito, delicado, carinhoso, amoroso e animado. Em Fortaleza, as médias mais baixas foram obtidas nos afetos positivos: satisfeito, delicado,

animado, carinhoso e decidido. Em Porto Alegre, as médias mais baixas foram encontradas nos afetos positivos: satisfeito, delicado, participativo, amoroso e animado. Em Salvador, os afetos positivos que obtiveram médias mais baixas foram: amoroso, satisfeito, carinhoso, contente e delicado.

### c) Afetos Negativos

A Tabela 3 está composta pelas médias e desvios-padrão de todos os afetos negativos da Escala, assim como da Escala Total. Estão expostos por cidade (Fortaleza, Porto Alegre e Salvador) e no total das três capitais. A Escala obteve índice de consistência interna (Alpha de Cronbach) igual a 0,86. Os participantes apresentaram uma média geral de 2,81 ( $DP = 0,9$ ) para os afetos avaliados. Por cidade, os participantes atribuíram médias gerais de 2,75 ( $DP = 0,79$ ) em Fortaleza; 2,83 ( $DP = 0,91$ ) em Porto Alegre e 2,87 ( $DP = 1,04$ ) em Salvador para os afetos avaliados. Quando realizada a comparação por cidade através das médias da escala, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,03$ ), verificou-se uma tendência das médias mais altas encontrarem-se em Salvador, com diferença não significativa entre cidades apresentada pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 99) = 0,04$ ,  $p = 0,98$ ]. Verifica-se que as médias atribuídas aos afetos negativos, por cidade e no total das três capitais, sugerem que os participantes tendem a sentir com menor frequência os afetos negativos quando comparados aos afetos positivos.

Tabela 3

*Média e Desvio-padrão dos Afetos Negativos na Avaliação dos Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades (n = 99)*

Itens	Cidades			
	Fortaleza <i>M (DP)</i>	Porto Alegre <i>M (DP)</i>	Salvador <i>M (DP)</i>	Total <i>M (DP)</i>
Irritado	2,64 (1,37)	3,26 (1,57)	2,92 (1,62)	2,88 (1,52)
Perturbado	2,48 (1,48)	2,57 (1,67)	3,21 (1,72)	2,77 (1,63)
Nervoso	2,57 (1,46)	2,91 (1,5)	3,72 (1,62)	3,08 (1,60)
Triste	3 (1,51)	3,22 (1,41)	3,08 (1,36)	3,08 (1,42)
Furioso	2,48 (1,43)	2,83 (1,77)	3,08 (1,57)	2,78 (1,57)
Culpado	2,43 (1,39)	2,78 (1,67)	2,64 (1,58)	2,59 (1,52)
Preocupado	2,38 (1,43)	3,35 (1,43)	3,41 (1,48)	3,38 (1,43)
Chateado	2,64 (1,2)	3 (1,5)	2,84 (1,62)	2,80 (1,43)
Humilhado	2,45 (1,48)	2,26 (1,63)	2,68 (1,57)	2,50 (1,54)
Deprimido	2,55 (1,32)	2,22 (1,34)	2,42 (1,57)	2,43 (1,41)
Desanimado	2,50 (1,36)	2,96 (1,49)	2,89 (1,46)	2,74 (1,43)
Incomodado	2,76 (1,39)	3,26 (1,54)	2,89 (1,52)	2,92 (1,47)
Assustado	3,52 (6,54)	2,39 (1,53)	2,84 (1,49)	3,02 (4,33)
Impaciente	3,21 (1,42)	3,09 (1,47)	2,92 (1,6)	3,08 (1,49)
Amedrontado	2,33 (1,26)	2,09 (1,44)	1,92 (1,36)	2,13 (1,34)
Envergonhado	2,64 (1,22)	3,26 (1,54)	2,41 (1,42)	2,7 (1,39)
Magoado	3,29 (1,55)	2,74 (1,42)	3,36 (1,46)	3,19 (1,49)
Escala Total	2,75 (0,79)	2,83 (0,91)	2,87 (1,04)	2,81 (0,9)

No total das três capitais, os afetos negativos que tiveram médias mais altas foram: preocupado, magoado, nervoso, triste, impaciente, irritado e chateado. Em Fortaleza, as médias mais altas encontradas foram nos afetos negativos: assustado, magoado, impaciente, triste e incomodado. Em Porto Alegre foram obtidas médias mais altas nos afetos negativos: preocupado, irritado, incomodado, envergonhado, impaciente, chateado e desanimado. Em Salvador, os afetos negativos com médias mais altas foram: nervoso, preocupado, magoado, perturbado, triste e furioso. Já aqueles que obtiveram as médias mais baixas, nas três cidades, foram: amedrontado, deprimido, humilhado, culpado e envergonhado. Em Fortaleza, as médias mais baixas foram

obtidas nos afetos negativos: amedrontado, preocupado, culpado, humilhado, perturbado e furioso. Em Porto Alegre, as médias mais baixas foram encontradas nos afetos negativos: amedrontado, deprimido, humilhado, assustado e perturbado. Em Salvador, os afetos negativos com as médias mais baixas foram: envergonhado, deprimido, culpado, humilhado e nervoso.

### 2.2.2. Caracterização dos Eventos Estressores (número e impacto)

A Tabela 4 compõe-se por frequências e porcentagens de respostas afirmativas para todos os eventos apresentados no Inventário de Eventos Estressores. Concomitante, têm-se as respectivas médias e desvio-padrão do impacto atribuído a cada evento pelos participantes, em cada cidade e no total das três capitais. Dentre os 23 eventos estressores indicados no inventário, os 111 participantes apresentaram uma média geral de 9,16 eventos ( $DP = 4,11$ ), cuja amplitude variou de zero a dezenove eventos estressores. No que se refere à avaliação do impacto verificada apenas nos eventos estressores que ocorreram com cada adolescente, verificou-se média geral igual a 3,55 ( $DP = 0,72$ ). Isto demonstra que em média os participantes das três cidades avaliaram os eventos estressores pelos quais passaram de “mais ou menos estressantes” a “muito estressantes”.

Na análise por cidade, em Fortaleza ( $n = 38$ ), os participantes apresentaram média geral de 10,28 ( $DP = 4,61$ ), com amplitude de ocorrência que variou de zero a 17 eventos. Em Porto Alegre ( $n = 23$ ), os participantes atribuíram média geral de 9,82 ( $DP = 3,6$ ), com amplitude que variou de 2 a 19 eventos. Em Salvador ( $n = 37$ ), os participantes apresentaram média geral de 7,5 ( $DP = 3,41$ ), com amplitude de ocorrência que variou de zero a 14 eventos. No que tange a avaliação do impacto por cidade, em Fortaleza ( $n = 36$ ), obteve-se média geral de 2,93 ( $DP = 0,71$ ). Em Porto Alegre ( $n = 23$ ), verificou-se média geral de 2,97 ( $DP = 1,04$ ). Já em Salvador ( $n = 36$ ), encontrou-se média geral de 2,85 ( $DP = 0,9$ ). Para comparação entre cidades através das frequências e médias de impacto dos eventos estressores, com evidência de normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,97; p = 0,1$ ) e ( $W = 0,99; p = 0,7$ ), respectivamente, para frequência e impacto. Observou-se diferença significativa entre cidades apresentada pela ANOVA ( $F = 4,75, p = 0,01$ ) para frequência dos eventos. Enfatiza-se através do *post hoc Scheffé* que Fortaleza apresenta maior ocorrência de eventos quando comparada a Salvador. Verificou-se diferença não significativa entre cidades

apresentada pela ANOVA ( $F = 0,13$ ,  $p = 0,87$ ) para média de impacto dos eventos estressores.

Tabela 4

*Frequência e Porcentagem da Ocorrência dos Eventos Estressores e Média e Desvio-Padrão dos Impactos Correspondentes para os Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades*

Eventos	Fortaleza		Porto Alegre		Salvador		Total	
	<i>f</i> (%)	<i>M</i> ( <i>DP</i> )						
Começou a dormir em um lugar novo	34 (81%)	2,35 (1,45)	20 (80%)	1,8 (1,39)	31 (77,5%)	2,68 (1,66)	85 (79,4%)	2,34 (1,54)
Cumpriu medida socioeducativa em privação de liberdade	8 (19%)	4,29 (1,49)	8 (32%)	3,38 (1,84)	7 (17,5%)	3,57 (1,27)	23 (21,5%)	3,73 (1,54)
Começou a viver/morar com novas pessoas (familiares, amigos)	29 (72,5%)	2,41 (1,45)	20 (80%)	2,50 (1,67)	28 (70%)	2,61 (1,81)	77 (73,3%)	2,51 (1,62)
Hospitalizado por acidente/doença	14 (35%)	4 (1,41)	5 (20%)	4 (1,73)	8 (20%)	3,75 (1,48)	27 (25,7%)	3,93 (1,43)
Voltou a morar na casa da família	27 (65,9%)	2,15 (1,43)	9 (36%)	3,30 (2)	11 (27,5%)	2 (1,61)	47 (44,3%)	2,35 (1,64)
Teve problema grave de saúde	11 (26,8%)	3,73 (1,42)	1 (4%)	3 (-)	5 (12,5%)	3,8 (1,09)	17 (16%)	3,71 (1,26)
Morte de um amigo próximo ou parceiro romântico	21 (50%)	3,50 (1,63)	12 (48%)	5 (0)	12 (30%)	4,67 (0,65)	45 (42,1%)	4,21 (1,33)
Terminou com o namorado/namorada	20 (47,6%)	2,63 (1,60)	18 (72%)	2,78 (1,89)	17 (43,6%)	3,18 (1,51)	55 (51,9%)	2,85 (1,66)
Começou a sair com novo namorado (a)	13 (31%)	1,64 (1,2)	9 (36%)	1,56 (1,33)	14 (35%)	1,86 (1,35)	36 (33,6%)	1,71 (1,26)
Foi vítima da violência física	23 (56,1%)	4,04 (1,29)	6 (24%)	3,67 (2,06)	13 (32,5%)	4,46 (0,77)	42 (39,6%)	4,12 (1,29)
Foi vítima de violência sexual	5 (11,9%)	5 (0)	0 (0%)	0 (0)	1 (2,5%)	2 (0)	6 (5,6%)	4,50 (1,22)

Tabela 4

*Frequência e Porcentagem da Ocorrência dos Eventos Estressores e Média e Desvio-Padrão dos Impactos Correspondentes para os Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades (continuação)*

Eventos	Fortaleza		Porto Alegre		Salvador		Total	
	<i>f</i> (%)	<i>M</i> (DP)						
Foi ameaçado de morte	18 (43,9%)	3,78 (1,59)	9 (36%)	4,11 (1,53)	14 (35%)	4,77 (0,43)	41(38,7%)	4,18(1,35)
Morte do pai ou da mãe	2 (4,9%)	3 (2,82)	6 (25%)	5 (0)	2 (5%)	4 (0)	10(9,5%)	4,38(1,4)
Morte de membro da família (sem serem os pais)	18 (42,9%)	4 (1,41)	10 (41,7%)	4 (1,34)	7 (17,5%)	3,29 (1,38)	35(33%)	3,86(1,37)
Parou de ver um amigo próximo ou grupo de amigos	33 (78,6%)	3,24 (1,37)	19 (76%)	4,16 (1,34)	24 (60%)	4,09 (1,08)	76(71%)	3,73(1,33)
Parou de estudar	26 (61,9%)	3,15 (1,54)	13 (54,2%)	2,58 (1,73)	18 (45%)	4,18 (1,07)	57(53,8%)	3,35(1,55)
Começou (recomeçou) a estudar	25 (59,5%)	2,44 (1,63)	7 (29,2%)	1,57 (1,51)	19 (47,5%)	1,89 (1,28)	51(48,1%)	2,12(1,5)
Teve um filho	2 (4,8%)	2 (1,41)	2 (8%)	3 (2,82)	1 (2,5%)	4 (0)	5(4,7%)	2,80(1,78)
Começou a frequentar uma instituição	32 (76,2%)	2,06 (1,36)	18 (72%)	2,71 (1,82)	26 (66,7%)	2,24 (1,71)	76(71,7%)	2,27(1,59)
Deixou de frequentar uma instituição	22 (52,4%)	1,95 (1,39)	12 (48%)	1,73 (1,27)	13 (32,5%)	3,38 (1,85)	47(43,9%)	2,31(1,63)
Começou a realizar alguma atividade para conseguir dinheiro	30 (71,4%)	2,55 (1,57)	14 (56%)	2,64 (1,73)	13 (32,5%)	2,08 (1,56)	57(53,3%)	2,47(1,59)
Outros eventos principais da vida	4 (9,5%)	3 (2,3)	5 (20,8%)	3,20 (2,04)	5 (12,8%)	2,4 (1,94)	14(13,3%)	2,86(1,95)

Na avaliação geral das três cidades, as maiores frequências de eventos foram: começar a dormir em um lugar novo e a viver/morar com novas pessoas (familiares, amigos), parar de ver um amigo próximo ou grupo de amigos, começar a frequentar uma instituição, parar de realizar alguma atividade através da qual conseguia dinheiro e parar de estudar. As maiores médias de impacto no total das capitais foram: ser vítima de violência sexual, morte do pai ou da mãe ou de um amigo próximo ou parceiro romântico, ser vítima de violência física e ser hospitalizado por acidente/doença.

Em Fortaleza, os eventos mais frequentemente citados foram: começar a dormir em um lugar novo, parar de ver um amigo próximo ou grupo de amigos, começou a frequentar uma instituição, começou a realizar alguma atividade para conseguir dinheiro e começou a viver/morar com novas pessoas (familiares, amigos). As maiores médias de impacto foram: ser vítima de violência sexual, cumprir medida socioeducativa em privação de liberdade, sofrer violência física, morte de membro da família (sem serem os pais) e ser ameaçado de morte.

Em Porto Alegre, a maiores frequências de eventos foram: começar a dormir em um lugar novo, começar a viver/morar com novas pessoas (familiares, amigos), parar de ver um amigo próximo ou grupo de amigos, terminar com o(a) namorado(a) e começar a frequentar uma instituição. As maiores médias de impacto foram atribuídas aos eventos: morte de amigo próximo ou parceiro romântico ou pai ou mãe, parar de ver amigo próximo ou grupo de amigos, ser ameaçado de morte, ser hospitalizado e ser vítima de violência física.

Em Salvador, os eventos com maior frequência foram: começar a dormir em um lugar novo, começar a viver/morar com novas pessoas (familiares, amigos), começar a frequentar uma instituição, parar de ver um amigo próximo ou grupo de amigos e começar/recomeçar a estudar. As maiores médias de impacto foram: ser ameaçado de morte, morte de um amigo próximo ou parceiro romântico, ser vítima de violência física, parar de estudar e parar de ver um amigo próximo ou grupo de amigos.

### 2.2.3. Caracterização da Rede de Apoio (total de contatos e fator de proximidade)

A caracterização da rede de apoio ocorreu com análise da soma do número total de contatos (satisfatórios e insatisfatórios) e fator de proximidade do mapa em sua totalidade e por campo em separado (família, amigos, instituição, escola e rua). O Mapa dos Cinco Campos foi respondido por 82 participantes. A tabela 5 apresenta as médias e

desvios-padrão para o total de contatos e nível de proximidade verificados, tanto do mapa como um todo como para cada um dos cinco campos individualmente.

Tabela 5

*Média e Desvio-padrão da Rede de Apoio (Total de Contatos e Fator de Proximidade) no Mapa Total e por Campo (Família, Amigos, Instituição, Escola e Rua) para os Participantes de Fortaleza, Porto Alegre e Salvador e no Total das Três Cidades*

Rede de apoio	Cidades			
	Fortaleza <i>M (DP)</i>	Porto Alegre <i>M (DP)</i>	Salvador <i>M (DP)</i>	Total <i>M (DP)</i>
<b>Mapa Total</b>				
Total de contatos	27,34 (10,03)	21,08 (9,14)	17,68 (18,94)	22,65 (14,66)
Fator de Proximidade	5,13 (1,7)	5,58 (1,51)	5,51 (1,85)	5,34 (1,73)
<b>Família</b>				
Total de contatos	8,51 (3,82)	5,71 (2,94)	4,75 (3,16)	6,63 (3,84)
Fator de Proximidade	5,59 (1,89)	5,51 (2,04)	5,22 (2,4)	5,44 (2,1)
<b>Amigos</b>				
Total de contatos	5,68 (4,79)	5,66 (3,17)	4,06 (7,79)	5,07 (5,9)
Fator de Proximidade	5,4 (2,12)	5,58 (2,1)	5,32 (2,5)	5,41 (2,23)
<b>Instituição</b>				
Total de contatos	6,33 (4,18)	4 (2,97)	4,06 (7,79)	4,97 (3,68)
Fator de Proximidade	5 (2,04)	4,06 (2,12)	6,22 (2,39)	5,34 (2,3)
<b>Escola</b>				
Total de contatos	3,71 (2,91)	3,92 (2,78)	2,06 (2,01)	3,11 (2,69)
Fator de Proximidade	4,98 (2,28)	6,2 (1,97)	5,95 (2,59)	5,51 (2,36)
<b>Rua</b>				
Total de contatos	3,23 (2,38)	2,23 (1,96)	3,09 (7,91)	3,02 (5,16)
Fator de Proximidade	4,46 (2,53)	4,82 (2,85)	5,12 (2,98)	4,75 (2,72)

Na análise do mapa total, os participantes das três cidades atribuíram média geral de 22,65 ( $DP = 14,66$ ) contatos em sua rede de apoio. Por cidade, a média geral foi de 27,34 ( $DP = 10,03$ ) em Fortaleza, 21,08 ( $DP = 9,14$ ) em Porto Alegre e 17,68 ( $DP = 18,94$ ) em Salvador. Foi realizada a comparação por cidade através das médias dos contatos do mapa total, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W =$

0,84;  $p < 0,01$ ), verificou-se que as médias mais altas foram encontradas em Fortaleza, com diferença significativa entre cidades apresentada pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 82) = 19,77, p < 0,01$ ]. Enfatiza-se através do *post hoc* Mann-Whitney ( $U = 238,5, z = -4,36, p < 0,001$ ) que Fortaleza apresenta maior média geral de contatos na rede de apoio na análise do mapa total quando comparada a Salvador. Quanto ao fator de proximidade, os participantes das três cidades apresentaram média geral de 5,34 ( $DP = 1,73$ ) na análise do mapa total. Por cidade, verificaram-se médias gerais de 5,13 ( $DP = 1,7$ ) em Fortaleza, 5,58 ( $DP = 1,51$ ) em Porto Alegre e 5,51 ( $DP = 1,85$ ) em Salvador. Essas médias podem ser avaliadas como de “média força” a “grande força” de acordo com a análise do Mapa proposta por Siqueira et al. (2009). Quando se comparou as médias gerais do fator de proximidade do mapa total entre as cidades, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,95; p = 0,04$ ), verificou-se uma tendência das médias mais altas encontrarem-se em Porto Alegre, com diferença não significativa entre cidades apresentada pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 82) = 1,32, p = 0,51$ ].

Ao se verificar as médias gerais de contatos por campo apresentadas pelos participantes no total das três capitais, obteve-se 6,63 ( $DP = 3,84$ ) na família, 5,07 ( $DP = 5,9$ ) nos amigos, 4,97 ( $DP = 3,68$ ) na instituição, 3,11 ( $DP = 2,69$ ) na escola e 3,02 ( $DP = 5,16$ ) na rua. Comparando-se as médias, houve uma tendência das médias mais altas serem encontradas no campo família. Verificou-se uma diferença significativa no total de contatos nesse campo quando comparado entre cidades conforme apresentado pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 85) = 18,08, p < 0,01$ ]. Observa-se que Fortaleza obteve as médias mais altas no total de contatos no campo família quando comparada a Salvador conforme verificado no *post hoc* Mann-Whitney com correção de Bonferroni ( $U = 269,5, z = -4,11, p < 0,001$ ). No que se refere ao fator de proximidade analisando-se por campo no total das três cidades obteve-se médias gerais de 5,44 ( $DP = 2,1$ ) na família, 5,41 ( $DP = 2,23$ ) nos amigos, 5,34 ( $DP = 2,3$ ) na instituição, 5,51 ( $DP = 2,36$ ) na escola e 4,75 ( $DP = 2,72$ ) na rua. As médias gerais apresentadas são avaliadas como de “grande força”, com exceção do campo escola com avaliação de “média força”. Comparando-se as médias, houve uma tendência do campo escola apresentar as maiores médias no fator de proximidade, com diferença não significativa apresentada pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 64) = 3,34, p = 0,18$ ].

Em Fortaleza, as médias gerais de cada campo foram: 8,51 ( $DP = 3,82$ ) na família, 5,68 ( $DP = 4,79$ ) nos amigos, 6,33 ( $DP = 4,18$ ) na instituição, 3,71 ( $DP = 2,91$ ) na escola e 3,23 ( $DP = 2,38$ ) na rua. Em Porto Alegre obteve-se médias gerais de 5,71

( $DP = 2,94$ ) na família, 5,66 ( $DP = 3,17$ ) nos amigos, 4 ( $DP = 2,97$ ) na instituição, 3,92 ( $DP = 2,78$ ) na escola e 2,23 ( $DP = 1,96$ ) na rua. Já em Salvador, verificam-se médias gerais de 4,75 ( $DP = 3,16$ ) na família, 4,06 ( $DP = 7,79$ ) nos amigos, 4,06 ( $DP = 7,79$ ) na instituição, 2,06 ( $DP = 2,01$ ) na escola e 3,09 ( $DP = 7,91$ ) na rua. Quanto ao fator de proximidade, as médias gerais obtidas em Fortaleza na análise por campo foram: 5,59 ( $DP = 1,89$ ) na família, 5,4 ( $DP = 2,12$ ) nos amigos, 5 ( $DP = 2,04$ ) na instituição, 4,98 ( $DP = 2,28$ ) na escola e 4,46 ( $DP = 2,53$ ) na rua. Em Porto Alegre apresentaram-se médias gerais de 5,51 ( $DP = 2,04$ ) na família, 5,58 ( $DP = 2,1$ ) nos amigos, 4,06 ( $DP = 2,12$ ) na instituição, 6,2 ( $DP = 1,97$ ) na escola e 4,82 ( $DP = 2,85$ ) na rua. Já em Salvador verificam-se médias gerais de 5,22 ( $DP = 2,4$ ) na família, 5,32 ( $DP = 2,5$ ) nos amigos, 6,22 ( $DP = 2,39$ ) na instituição, 5,95 ( $DP = 2,59$ ) na escola e 5,12 ( $DP = 2,98$ ) na rua.

#### 2.2.4. Comparação dos Escores de Satisfação de Vida, Afeto Positivo, Afeto Negativo, Eventos Estressores e Rede de Apoio no que se Refere às Variáveis Sociodemográficas de Idade e Sexo

Efetuiu-se a comparação das médias gerais de satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo, eventos estressores (número e impacto) e rede de apoio (contatos e fator de proximidade) do mapa total e por campo em relação à idade e sexo.

Quando se comparou satisfação de vida relacionada à idade, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,95$ ;  $p = 0,09$ ), verificou-se diferença significativa conforme apresentado pelo ANOVA ( $F = 15,39$ ,  $p < 0,01$ ). Enfatiza-se através do *post hoc* Scheffé que os participantes com menor idade tenderam a apresentar médias mais altas de satisfação de vida. Os afetos positivos e afetos negativos não apresentaram níveis de significância quando comparados à variável idade, com aprovação da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,98$ ;  $p = 0,25$ ) e ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,13$ ), respectivamente, e conforme se verificou pelo ANOVA ( $F = 2,19$ ,  $p = 0,11$ ) para afeto positivo e ANOVA ( $F = 0,36$ ,  $p = 0,69$ ) para afeto negativo.

Ao comparar-se a média geral de número de eventos estressores referente à idade, com aprovação da normalidade pelo Shapiro-Wilk ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,1$ ), verificou-se diferença não significativa através do ANOVA ( $F = 1,13$ ,  $p = 0,32$ ). Na análise comparativa entre a média do impacto dos eventos estressores que ocorreram à idade,

com aprovação da normalidade pelo Shapiro-Wilk ( $W = 0,99$ ;  $p = 0,7$ ), verificou-se diferença não significativa apresentada pelo ANOVA ( $F = 0,43$ ,  $p = 0,65$ ).

Comparou-se o número de contatos do mapa total e por campo à idade. No que se refere ao número de contatos do mapa total em relação à idade, com rejeição da normalidade pelo Shapiro-Wilk ( $W = 0,8$ ;  $p \geq 0,0$ ), verificou-se diferença não significativa apresentada pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 82) = 2,46$ ,  $p = 0,29$ ]. Na análise do número de contatos por campo teve-se rejeição da normalidade pelo Shapiro-Wilk para todos os campos analisados ( $W = 0,95$ ;  $p \geq 0,00$ ) na família, ( $W = 0,92$ ;  $p < 0,01$ ) na instituição, ( $W = 0,91$ ;  $p < 0,01$ ) na escola, ( $W = 0,62$ ;  $p < 0,01$ ) nos amigos e ( $W = 0,43$ ;  $p < 0,01$ ) na rua. Seguiu-se com o teste de comparação Kruskal-Wallis que apresentou diferença não significativa para os seguintes campos investigados: [ $\chi^2(2, N = 85) = 4,88$ ,  $p = 0,08$ ] na família, [ $\chi^2(2, N = 84) = 0,82$ ,  $p = 0,66$ ] na instituição, [ $\chi^2(2, N = 85) = 0,1$ ,  $p = 0,95$ ] nos amigos e [ $\chi^2(2, N = 84) = 0,92$ ,  $p = 0,63$ ] na rua. Apenas o campo escola apresentou diferença significativa reconhecida pelo Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 84) = 12,72$ ,  $p < 0,01$ ] na escola. Verificou-se através do *post hoc* Mann-Whitney ( $U = 231,0$ ,  $z = 3,54$ ,  $p < 0,01$ ) que os participantes de maior idade tenderam a apresentar médias mais baixas de contatos no campo escola.

Efetou-se comparação do fator de proximidade no mapa total e por campo em relação à idade. Na análise comparativa do fator de proximidade no mapa total em relação à idade, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,95$ ;  $p < 0,01$ ), verificou-se diferença não significativa através do teste Kruskal-Wallis [ $\chi^2(2, N = 82) = 0,18$ ,  $p = 0,91$ ]. Na comparação do fator de proximidade por campo em relação à idade, todos os campos possuem rejeição da normalidade pelo Shapiro-Wilk ( $W = 0,91$ ;  $p < 0,05$ ) na família, ( $W = 0,92$ ;  $p < 0,05$ ) na instituição, ( $W = 0,86$ ;  $p < 0,05$ ) na escola, ( $W = 0,91$ ;  $p < 0,05$ ) nos amigos e ( $W = 0,88$ ;  $p < 0,05$ ) na rua. Através do Kruskal-Wallis, todas as comparações realizadas obtiveram diferença não significativa, a saber, [ $\chi^2(2, N = 84) = 0,22$ ,  $p = 0,89$ ] na família, [ $\chi^2(2, N = 74) = 1,58$ ,  $p = 0,45$ ] na instituição, [ $\chi^2(2, N = 64) = 2,19$ ,  $p = 0,33$ ] na escola, [ $\chi^2(2, N = 73) = 0,85$ ,  $p = 0,65$ ] nos amigos e [ $\chi^2(2, N = 63) = 0,73$ ,  $p = 0,69$ ] na rua.

No que se refere às análises comparativas relacionadas à variável sociodemográfica sexo, verificou-se que quando comparada à satisfação de vida, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,96$ ;  $p < 0,01$ ), obteve-se diferença significativa pelo Mann-Whitney ( $U = 601,5$ ,  $z = -1,97$ ,  $p = 0,04$ ). Este

resultado sugere que os participantes do sexo masculino tenderam a apresentar maiores médias de satisfação de vida quando comparadas às do sexo feminino.

Quando comparado afeto positivo a sexo, com aprovação da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,13$ ), obteve-se diferença não significativa apresentada pelo Teste  $t$  de Student ( $t = -1,02$ ;  $df = 78$ ;  $p = 0,31$ ). Comparou-se afeto negativo a sexo, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,03$ ), verificou-se diferença não significativa pelo Mann-Whitney ( $U = 591,5$ ,  $z = -1,24$ ,  $p = 0,21$ ).

Ao comparar-se o número de eventos estressores a sexo, com aprovação da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,97$ ;  $p = 0,1$ ), obteve-se diferença não significativa apresentada pelo Teste  $t$  de Student ( $t = 0,44$ ;  $df = 96$ ;  $p = 0,65$ ). Quando se comparou a média do impacto apenas dos eventos estressores que ocorreram, com aprovação da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,99$ ;  $p = 0,7$ ), verificou-se diferença significativa apresentada pelo Teste  $t$  de Student ( $t = 2,67$ ;  $df = 93$ ;  $p < 0,01$ ). Este resultado sugere uma tendência das participantes do sexo feminino apresentarem maiores médias de impacto quando comparadas aos do sexo masculino.

Comparou-se o número de contatos no mapa total e por campo a sexo. No que se refere aos contatos do mapa total, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,8$ ;  $p < 0,01$ ), verificou-se maiores médias de contato no sexo masculino com diferença não significativa pelo Mann-Whitney ( $U = 295,5$ ,  $z = -1,29$ ,  $p = 0,19$ ). Em cada campo observou-se rejeição da normalidade pelo Shapiro-Wilk ( $W = 0,95$   $p < 0,01$ ) na família, ( $W = 0,92$ ;  $p < 0,01$ ) na instituição, ( $W = 0,91$ ;  $p < 0,01$ ) na escola, ( $W = 0,62$ ;  $p < 0,01$ ) nos amigos e ( $W = 0,43$ ;  $p < 0,01$ ) na rua. Verificou-se que o sexo feminino apresenta maiores médias de contato no campo rua e nos demais campos o sexo masculino possui as maiores médias de contato. Não há diferença significativa em nenhum dos campos analisados, a saber, ( $U = 367,0$ ,  $z = -1,23$ ,  $p = 0,21$ ) na família, ( $U = 428,5$ ,  $z = -0,45$ ,  $p = 0,96$ ) na instituição, ( $U = 354,0$ ,  $z = -1,01$ ,  $p = 0,31$ ) na escola, ( $U = 365,5$ ,  $z = -0,92$ ,  $p = 0,35$ ) nos amigos e ( $U = 447,0$ ,  $z = -0,18$ ,  $p = 0,85$ ) na rua.

Realizaram-se comparações das médias do fator de proximidade no mapa total e por campo à variável sexo. No mapa total, com rejeição da normalidade pelo teste Shapiro-Wilk ( $W = 0,95$ ;  $p < 0,01$ ), identificou-se maiores médias no sexo feminino com diferença não significativa ( $U = 276,0$ ,  $z = -1,55$ ,  $p = 0,11$ ). Por campo obteve-se rejeição da normalidade ( $W = 0,91$ ;  $p < 0,01$ ) na família, ( $W = 0,92$ ;  $p < 0,01$ ) na instituição, ( $W = 0,86$ ;  $p < 0,01$ ) na escola, ( $W = 0,91$ ;  $p < 0,01$ ) nos amigos e ( $W = 0,88$ ;

$p < 0,01$ ) na rua. As participantes do sexo feminino tenderam a apresentar maiores médias no fator de proximidade na escola quando comparadas aos do sexo masculino, com diferença não significativa ( $U = 239,5, z = -0,15, p = 0,87$ ). Nos demais campos, os participantes do sexo masculino tenderam a apresentar maiores médias no fator de proximidade quando comparados ao sexo feminino. Esta tendência obteve diferença significativa no campo instituição ( $U = 197,0, z = -2,29, p = 0,02$ ). Nos demais campos, os resultados apresentam-se com diferença não significativa, a saber, ( $U = 334,5, z = -1,58, p = 0,87$ ) na família, ( $U = 294,5, z = -0,33, p = 0,73$ ) nos amigos e ( $U = 163,5, z = -1,6, p = 0,1$ ) na rua.

#### 2.2.5. Correlações de Satisfação de Vida, Afeto Positivo e Afeto Negativo às Variáveis Eventos Estressores, Rede de Apoio, Idade e Sexo

A Tabela 6 apresenta os resultados das análises bivariadas entre as variáveis satisfação de vida, afeto positivo, afeto negativo, eventos estressores (número e impacto), rede de apoio (contato e fator de proximidade), idade e sexo.

Verificaram-se cinco correlações significativas nas análises efetuadas em relação aos componentes do bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo) e as demais variáveis (eventos estressores, rede de apoio, idade e sexo). Satisfação de vida correlacionou-se negativamente com idade, indicando que participantes mais velhos apresentaram menores escores de satisfação de vida. Nota-se também que satisfação de vida teve correlação positiva com sexo, ou seja, os participantes do sexo masculino tenderam a apresentar maiores médias de satisfação de vida. O afeto positivo correlacionou-se positivamente com número de contatos da rede de apoio, isto é, quando maior número de contatos, maiores médias de afeto positivo são observadas. O afeto negativo teve correlação positiva com número e impacto dos eventos estressores, indicando que quanto maior a ocorrência de eventos estressores assim como suas médias de impacto, maiores são as médias de afeto negativo.

No que se refere às correlações entre as variáveis do estudo (eventos estressores, rede de apoio, idade e sexo), identificou-se duas correlações. Número de eventos estressores correlacionou-se positivamente com contatos da rede de apoio, indicando que quanto maior o número de contatos, maior o número de eventos estressores. Pontua-se que o número de contatos da rede de apoio é composto pela soma de contatos satisfatórios e insatisfatórios. Ou seja, a rede de apoio também é constituída por

contatos em que não há laços de afetividade. O impacto dos eventos estressores teve correlação negativa com sexo, isto é, as participantes do sexo feminino apresentaram maiores médias de impacto.

As correlações entre os componentes do bem-estar subjetivo confirmam o apontado na literatura da área. Satisfação de vida se correlacionou positivamente com afeto positivo e negativamente com afeto negativo. Afeto positivo e negativo não teve correlação significativa. Esses resultados indicam que quanto maior as médias de satisfação de vida, maiores médias são apresentadas nos afetos positivos, enquanto que menores médias são encontradas nos afetos negativos. Assim como afeto positivo e afeto negativo são componentes independentes.

Tabela 6

*Correlações entre Satisfação de Vida, Afeto Positivo e Afeto Negativo com Eventos Estressores (número e impacto), Rede de Apoio (contatos e fator de proximidade), Idade e Sexo*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Satisfação de Vida <sup>b</sup>	-----	0,24*	-0,2*	-0,11	-0,9	0,2	0,13	-0,46**	0,19*
2. AfetoPositivo <sup>a</sup>	0,24*	-----	0,09	0,08	0,1	0,33*	-0,07	-0,07	0,06
3. AfetoNegativo <sup>a</sup>	-0,2*	0,09	-----	0,2*	0,43**	0,02	-0,2	0,03	-0,12
4. Número <sup>a</sup>	-0,11	0,08	0,2*	-----	0,05	0,43**	0,07	0,12	-0,02
5. Impacto <sup>a</sup>	-0,09	0,1	0,43**	0,05	-----	-0,03	-0,21	0,02	-0,23*
6. Contatos <sup>b</sup>	0,02	0,33**	0,02	0,43**	-0,03	-----	-0,12	-0,16	0,14
7. Fator de Proximidade <sup>b</sup>	0,13	-0,74	-0,2	0,07	-0,21	-0,12	-----	0,02	0,17
8. Idade <sup>b</sup>	-0,46**	-0,07	0,03	0,12	0,02	-0,16	0,02	-----	0,05
9. Sexo <sup>c</sup>	0,19*	0,06	-0,12	-0,02	-0,23*	0,14	0,17	0,05	-----

Nota: <sup>a</sup> Utilizou-se Pearson para correlações nas quais as duas variáveis apresentavam distribuição normal (por exemplo, afeto positivo, afeto negativo, número e impacto de eventos estressores); <sup>b</sup> Correlações de Spearman foram utilizadas quando pelo menos uma das variáveis apresentou distribuição não normal (por exemplo, satisfação de vida, contatos, fator de proximidade, idade e sexo); <sup>c</sup> Sexo (Feminino = 1; Masculino = 2); \* $p < 0,05$  \*\* $p < 0,01$

### 2.3. Discussão

O objetivo deste estudo foi caracterizar o bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo) de crianças e adolescentes em situação de rua de três cidades brasileiras: Fortaleza, Salvador e Porto Alegre. Outras variáveis foram incluídas a fim de verificar possíveis influências destas sobre os componentes do bem-estar subjetivo. Assim, têm-se eventos estressores (número e impacto), rede de apoio (contatos e fator de proximidade) e variáveis sociodemográficas (idade e sexo).

Estudos anteriores com crianças e adolescentes em situação de rua confirmam o predomínio de adolescentes do sexo masculino (Alves et al., 2002; Hutz & Koller, 1997; Morais, 2009; Morais et al., 2010). Entende-se que o maior número de meninos em situação de rua encontrados em pesquisas com essa população relaciona-se ao papel social exercido pelas meninas. Nesse contexto, as jovens são responsáveis por realizar tarefas domésticas, auxiliam no cuidado das crianças mais novas, prestam serviços domésticos em outras casas e ao seu maior envolvimento com a exploração sexual (Raffaelli, 1999; Santana et al., 2005).

O levantamento das informações sociodemográficas apresentou uma população composta por jovens do sexo masculino com experiência de vida na rua. Destes, quatro participantes de Fortaleza estavam vivenciando uma situação de moradia na rua. Os demais se encontravam em instituições de acolhimento ou em serviço aberto<sup>2</sup>.

A heterogeneidade encontrada nos jovens em situação de rua, utilizando-a seja como espaço para moradia, lazer e/ou trabalho confirma estudos anteriores (Lucchini, 2003; Koller, 2011) que identificam diferentes perfis e trajetórias de vinculação com a rua, tal como aponta Morais (2009). Na presente pesquisa, identificou-se um maior número de jovens em instituições do que propriamente morando nas ruas. Essa ocorrência pode ser justificada com base no trabalho realizado pela rede de atendimento socioassistencial destinado a crianças e adolescentes em situação de rua que se pôde verificar através da inserção ecológica pelas equipes de pesquisa nas três capitais. Dados dessa inserção ecológica mostraram que, mesmo os adolescentes que eram contatados primeiramente nas ruas pela equipe de pesquisa, em outros dias era possível encontrá-los nos serviços abertos. Além disso, o envolvimento com o tráfico de drogas

---

<sup>2</sup>Chama-se serviço aberto, aqui, a modalidade de atendimento na qual crianças e adolescentes são acolhidos em caráter provisório.

influenciou a dinâmica desses jovens, visto que quando ameaçados de morte (38,7% do total de participantes) por dívidas, eles buscavam as instituições.

A partir da caracterização dos eventos estressores verificou-se a dinamicidade presente na vida desses jovens conforme descrito em pesquisas anteriores (Morais, 2005). Os eventos com maior frequência (começar a dormir em um lugar novo, viver/morar com novas pessoas (familiares/amigos), parar de ver um amigo próximo ou grupo de amigos e começar a frequentar uma instituição) apresentados pelos adolescentes retratam a transitoriedade e dinâmica de seus percursos. Esses eventos estressores não possuem as maiores médias de impacto. Foram avaliados de “um pouco” a “mais ou menos” estressantes.

Esses resultados podem indicar que a dinamicidade característica dos jovens em situação de rua pode ocorrer como estratégia de sobrevivência, na medida em que se transita por diferentes espaços em busca de melhores condições de vida (Koller, 2011). Enfatiza-se que a avaliação do impacto sugere que essa dinamicidade não se configura limitada a uma experiência positiva. Esta constatação pode ser confirmada através do relato do diário de campo que apresenta o percurso de vida de uma criança de Fortaleza que busca em diferentes espaços possibilidades de vivenciar bem-estar frente a situações de adversidade.

Sávio<sup>3</sup> [11 anos] conta que seu tio batia muito nele. Ele diz passar seus dias pelo terminal do Siqueira, roubando celulares, carteiras, bolsas e pedindo dinheiro. Quando rouba, desce para “boca” (local de venda de drogas) para trocar por drogas. Ele conta que sua mãe não lhe pede dinheiro para ajudar na renda da família, mas às vezes pede o dinheiro para “*uma cervejinha*”. Questionado [pela pesquisadora] sobre sua mãe, ele diz que ela bebe apenas nos finais de semana e que presta serviços domésticos. A todo o momento Sávio deixa claro que prefere viver na rua a morar em sua casa. Ele já esteve outras vezes no albergue [serviço aberto] e também já morou numa instituição de acolhimento. Mas fugiu porque um educador o agrediu. Ele conta que foi tomar banho de piscina no dia em que estava proibido e como punição, o educador o trancou sozinho no quarto. Sávio revidou com agressões e ameaças verbais. O educador exaltado “*deu uma chave de fenda*” [usou o antebraço envolta do pescoço do menino]. Sávio fez um gesto de enforcamento. Depois, ele procurou o diretor da instituição para falar sobre o acontecido, porém, o diretor não quis escutá-lo. (Diário de Campo, 28/02/2012)

Diante da diversidade de trajetórias de vida de jovens em situação de rua que buscam neste ambiente alternativas de sobrevivência, a vivência na rua pode vir a potencializar a ocorrência e impacto dos eventos estressores, assim como pode

---

<sup>3</sup>Todos os nomes utilizados nessa sessão são fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes.

proporcionar experiências positivas. Ou seja, a rua pode oferecer liberdade e fuga de contextos adversos como também uso de drogas, violência física, sexual, emocional, entre outras. As crianças e adolescentes que vivenciam a rua ou desenvolvem estratégias de enfrentamento ou tornam-se vulneráveis (Paludo et al., 2005). Na presente dissertação, a vulnerabilidade pode ser observada nos eventos estressores (ser vítima de violência física, por exemplo) e as estratégias de enfrentamento pode-se verificar na circulação dos jovens por diferentes contextos em busca de apoio. Estas situações são observadas no relato exposto abaixo.

Erico [17 anos] conta que nunca roubou, sobrevive pedindo esmolas e, por vezes, quando muito necessitado, vai à casa do tio. Diz não gostar de ficar muito tempo na casa dele porque ele tem mulher e filha. Erico diz se sentir incomodado de o tio ter que dividir o pouco espaço da família com o adolescente. Erico fala que não tem um lugar fixo para dormir. Diz dormir pelas calçadas, “*qualquer lugar que tenha um abrigo*”. Ele conta ser muito ruim estar em situação de rua. Diz que às vezes fica nas paradas de ônibus, mas cada viatura da polícia que passa vai revistá-lo e por vezes apanhou da polícia. (Diário de Campo, 01/03/2012)

Apresenta-se a seguir pesquisas que utilizaram o Inventário de Eventos Estressores (IEEA) com adolescentes em vulnerabilidade social a fim de expor as médias das frequências de eventos estressores encontradas. Num estudo (Kristensen et al., 2004) com 330 estudantes, de 12 a 17 anos, de escolas estaduais, utilizou-se o IEEA (versão adaptada; 64 itens) e verificou-se uma frequência média de 17,03 eventos ( $DP = 9,4$ ). Em outro estudo (Poletto et al., 2009) com 297 adolescentes em vulnerabilidade social, utilizou-se o IEEA (versão adaptada; 60 itens) e obteve-se ocorrência média de 22,96 eventos ( $DP = 9,79$ ). Numa única pesquisa (Morais et al., 2010) realizada com crianças e adolescentes em situação de rua, utilizou-se IEEA (versão adaptada; 61 itens) e verificou-se uma frequência média de 28,22 eventos ( $DP = 14,35$ ) no grupo base-rua. Os participantes em situação de rua apresentaram uma maior média de eventos estressores do que os sem vivência de rua.

No presente estudo, obteve-se frequência média de 9,16 eventos ( $DP = 4,11$ ) para o total de 22 eventos estressores. Ao realizar um cálculo de porcentagem para facilitar a visualização das comparações expostas, no que se refere ao número de eventos estressores, os estudantes do primeiro estudo tiveram 26,60%; no segundo estudo, os participantes apresentaram 38,26%; no terceiro estudo o grupo base-rua teve 46,26%; e, no presente estudo, obteve-se 39,83% de número de eventos estressores.

Os resultados apresentados das pesquisas anteriores e desta sugerem que crianças e adolescentes em vulnerabilidade experienciam com frequência os eventos estressores. Além disso, evidencia-se que jovens em situação de rua vivenciaram com maior frequência os eventos estressores quando comparado a outras populações. Essa realidade expõe a violação de direitos em que esses jovens e suas famílias estão sofrendo, visto que a situação de rua constitui-se a partir de um *continuum* de vulnerabilidade social (Morais et al., 2012). Ao passo que a rua se configura como alternativa de sobrevivência identifica-se uma vivência anterior de negligência, violência, precariedade material, entre outros estressores (Koller & De Antoni, 2004). Assim, a rua retrata uma atitude explícita de crianças e adolescentes que escolhem romper com esse processo de vitimização visando seu bem-estar (Paludo et al., 2008).

Nesta pesquisa, as maiores médias de impacto foram atribuídas a ser vítima de violência sexual ( $M = 4,50$ ;  $DP = 1,22$ ), morte do pai ou da mãe ( $M = 4,38$ ;  $DP = 1,4$ ), morte de um amigo próximo ou parceiro romântico ( $M = 4,21$ ;  $DP = 1,33$ ) e ser vítima de violência física ( $M = 4,12$ ;  $DP = 1,29$ ). Esses resultados tiveram equivalência aos apresentados num estudo anterior com crianças e adolescentes em situação de rua (Morais, 2009). Neste, as maiores médias de impacto foram atribuídas aos seguintes eventos: rodar de ano na escola ( $M = 3,65$ ;  $DP = 1,74$ ); morte de outro familiar ( $M = 3,59$ ;  $DP = 1,96$ ); discutir com amigos ( $M = 3,57$ ;  $DP = 1,45$ ) e ter dormido na rua ( $M = 3,52$ ;  $DP = 1,60$ ). Já os resultados do presente estudo aproximaram-se aos encontrados no estudo com adolescentes em vulnerabilidade social (Poletto et al., 2009). Neste, entre as maiores médias de impacto de eventos estressores estiveram morte dos pais ( $M = 4,21$ ;  $DP = 1,23$ ), ser estuprado ( $M = 4,14$ ;  $DP = 1,56$ ), morte de amigos ( $M = 4,06$ ;  $DP = 1,78$ ) e ter sofrido algum tipo de violência ( $M = 4,03$ ;  $DP = 1,69$ ). Verifica-se que as médias de impacto de eventos estressores são maiores nos jovens em situação de rua do que àqueles que vivem em instituições ou com suas famílias.

As análises estatísticas entre eventos estressores e sexo corroboram estudos anteriores (Kristensen et al., 2004; Polleto, 2011) que verificaram as meninas com maiores médias de impacto do que os meninos. No entanto, a literatura não parece ser consensual quanto aos níveis diferentes do impacto dos eventos estressores entre os sexos. Alguns estudos (Paludo, 2008; Polleto et al., 2009) não encontraram diferenças em relação às médias de impacto dos eventos estressores entre os sexos. Apesar dos estudos de Polleto et al. (2009/2011) serem realizados com crianças e adolescentes em vulnerabilidades social, os resultados diferentes quanto à correlação entre impacto de

eventos estressores e sexo pode ter ocorrido pelo delineamento do segundo estudo (Poletto et al., 2011) ser longitudinal, o qual apresentou um panorama diferente do estudo (Polleto et al., 2009) transversal. Porém, foi identificado que as meninas percebem mais o impacto de um evento estressor do que os meninos no estudo de Paludo (2008). Teoricamente, tal fato pode ser explicado pela perspectiva de que elas possuem maior facilidade para se comunicar e reconhecer seus sentimentos e suas manifestações (Poletto, 2011). Outra explicação refere-se a uma maior frequência de meninas sofrerem negligência, violência doméstica e abuso sexual (Dell’Aglia, 2000).

Na presente dissertação, os participantes atribuíram aos afetos negativos a frequência de “um pouco” a “mais ou menos”. Esta mesma média foi verificada em outro estudo com crianças e adolescentes em situação de rua (Morais, 2009). Verifica-se que quando comparado a outros grupos sem vivência de rua, as médias de afetos negativos dos jovens em situação de rua foram maiores (Arteche, 2003; Moraes, 2009). Nota-se que o afeto negativo teve correlação positiva com número e impacto de eventos estressores, indicando que o afeto negativo pode manifestar-se mais fortemente quando os eventos estressores são vividos com maior frequência e o impacto do evento estressor for avaliado com maior intensidade, tal como se verifica neste estudo. A correlação positiva de afeto negativo com o impacto dos eventos estressores também foi encontrada em Moraes (2009) e Poletto (2011). As crianças e adolescentes em situação de rua participantes do presente estudo vivenciaram situações de violência física, sexual, emocional, precariedade material entre outros eventos estressores que podem explicar os níveis maiores de afeto negativo. Esse resultado corrobora a perspectiva de que a intensidade como são sentidos e percebidos os eventos de vida estressores aumentam os níveis de afeto negativo (Paludo, 2008).

Ao contrário de estudos (Paludo, 2008; Poletto, 2011, por exemplo) que demonstram que meninas apresentam maiores médias de afeto negativo do que meninos, o presente estudo verificou diferença não significativa de afeto negativo entre os sexos. Este resultado também foi encontrado em outros estudos (Arteche, 2003; Giacomoni, 2002; Moraes, 2009). Apesar de não se constatar consenso na literatura acerca da diferença de afetos negativos entre os sexos, sabe-se que o acúmulo de eventos adversos tende a ocasionar maiores dificuldades de ajustamento (Moraes et al., 2012). Observa-se que as meninas perceberam mais o impacto dos eventos estressores. Assim, ressalta-se a necessidade de intervenções protetivas para ambos os sexos, assim

como se considerando as diferenças de gênero e suas implicações no contexto sociocultural a fim de minimizar a ocorrência e impacto dos eventos estressores.

De acordo com os resultados deste estudo, os participantes apresentam médias mais altas de afetos positivos do que negativos. Esses resultados corroboram a literatura que se reporta a uma tendência das médias de afetos positivos apresentarem-se maiores do que de afetos negativos (Arteche, 2003; Morais, 2009; Paludo, 2008). Diferente de preconceitos e estereótipos que permeiam o imaginário social, os jovens em situação de rua dizem-se contentes, espertos, interessados, fortes, corajosos e alegres. Estes foram os afetos positivos com as cinco maiores médias. Em outro estudo (Morais, 2009) com adolescentes em situação de rua, os afetos positivos “forte” e “corajoso” também foram apresentados dentre aqueles com maiores médias. A autora enfatiza a ida para a rua como uma alternativa saudável a um contexto estressor anterior, indicando a capacidade que essas crianças e adolescentes possuem de auto-governo e de enfrentamento diante das adversidades. Segundo Paludo (2008), as emoções positivas não só ajudam as pessoas a sentirem-se bem e felizes, como também contribuem para superar e encontrar significados positivos nas situações estressoras e adversas. Nas crianças e adolescentes em situação de rua participantes deste estudo, os níveis de afeto positivo indicam que não houve prejuízo de expressão de emoções positivas, mesmo diante dos eventos estressores vividos.

Constatou-se diferença não significativa dos afetos positivos entre os sexos e idade. Verifica-se discordância num estudo com crianças no qual indicou menores níveis de afeto positivo em meninas e naqueles de maior idade (Giacomoni, 2002). Outra especificidade encontra-se na indicação de que jovens em situação de rua tendem a sentir com maior frequência os afetos positivos do que os que viviam com suas famílias (Morais, 2009). A autora salientou que há uma tendência dos adolescentes em situação de rua serem extremistas na expressão de seus afetos. Assim como a auto-percepção poderia funcionar como uma “ficção”, exercendo o papel de “ilusão” que traria um benefício em vista de compensação do sofrimento advindo de adversidades. Não há indicações de que essa estratégia seja positiva ou não, mas tanto no estudo de Morais (2009) quanto no presente, verificam-se situações cotidianas (através da inserção ecológica) que retratam com frequência os afetos positivos.

No presente estudo, os resultados relacionados à satisfação de vida apresentam crianças e adolescentes em situação de rua que avaliam positivamente suas vidas. Observou-se altas médias de satisfação de vida, com correlação significativa entre idade

e sexo. Os meninos tenderam a atribuir maiores médias de satisfação de vida. Essas médias tenderam a ser menores, para ambos os sexos, ao longo das faixas etárias. À semelhança desta dissertação, numa pesquisa com jovens institucionalizados, a média geral de satisfação de vida foi menor quanto maior a idade (Siqueira & Dell’Algio, 2010). No entanto, há divergências quanto à influência de variáveis sociodemográficas no que se refere à satisfação de vida, por exemplo, Giacomoni (2002) não verificou diferença significativa entre os sexos.

A literatura defende que as variáveis sociodemográficas não possuem expressa variância sobre o bem-estar subjetivo (Giacomoni, 2004). Confirmando pesquisas americanas com estudantes, Giacomoni (2002) verificou que a satisfação de vida infantil foi influenciada pelas características de personalidade, pois correlações significativas foram encontradas entre todas as medidas de personalidade e satisfação de vida. Neste, idade e sexo não se correlacionaram. Entretanto, considerando uma perspectiva complexa do desenvolvimento humano (abordagem bioecológica), este é compreendido como um processo que ocorre em interação com as pessoas e os ambientes. Nesse sentido, torna-se incongruente afirmar que características pessoais isoladamente são determinantes dos níveis de bem-estar subjetivo. Não se pretende negar os estudos de personalidade na área, mas pontua-se que esse construto merece contextualização em vista de esclarecer possíveis diferenças nas culturas. Conforme afirma Diener (2012), os contextos culturais de cada sociedade interferem na expressão de bem-estar.

No que se refere à rede de apoio, os resultados deste estudo apresentam um bom número de contatos ( $M = 22,65$ ;  $DP = 14,66$ ) e fator de proximidade de “grande força”. Ou seja, a rede de apoio das crianças e adolescentes em situação de rua compõe-se por pessoas nas quais os jovens sentem-se próximos afetivamente. Enfatiza-se que a qualidade dos vínculos obteve diferença significativa entre sexos no campo instituição, indicando que os meninos sentem-se mais próximos afetivamente das pessoas na instituição do que as meninas. Esse resultado pode sugerir que o contexto da instituição funciona como proteção, considerando resultados anteriores que indicam boa satisfação de vida de adolescentes institucionalizados (Siqueira et al., 2010). Possivelmente, as instituições oferecem melhores condições quando comparadas a situações anteriores de violência doméstica, condições socioeconômicas desfavorecidas na família, entre outros eventos estressores. Relatos dos diários de campo refletem as adversidades vividas no contexto familiar.

Fábio [16 anos] contou que aos 8 anos começou a usar crack e a vir para a Beira Mar [de Fortaleza]. Sua família reside no Pirambú, mas ele não pode voltar por estar devendo R\$ 500,00a um traficante. Ao ser questionado se morava perto de “boca” [local de tráfico de drogas], ele riu e disse: “*se o marido da minha irmã vende*”. (Diário de Campo, 16/02/2012)

Carla conta que aos 9 anos de idade foi embora do Rio de Janeiro com a mãe e seus irmãos para vir morar em Fortaleza. A família de origem da mãe é do interior do Ceará e a família de origem do pai é do Rio de Janeiro. Seu pai morreu e era traficante. Carla fala gostar muito de sua família do Rio de Janeiro, mas que não quer voltar para lá, pois sua avó a trata como “patricinha” (menina rica) e ela ressalta: “*tenho mesmo é que ser traficante*”. Ela diz não gostar nem um pouco da família da mãe. Pergunto [pesquisadora] o motivo e ela diz não saber. Depois conta o quanto seu relacionamento com a mãe era conflituoso. Chama a mãe de “satanás” e diz que quando a encontrou morta em sua casa, riu da cara dela. Sua mãe era prostituta, traficava e era dependente química. Carla revela o nojo que sente de sua mãe por ela ter se prostituído. Falou repetidas vezes do seu desprezo pela mãe por ela “*ganhar dinheiro sem fazer nada*” e “*ganhar dinheiro usando o xininim*[nome utilizado para se referir ao órgão sexual feminino]”. Carla diz que prefere traficar, pois assim ela ganha o “dinheirinho” dela. (Diário de Campo, 26/04/2012)

Neste estudo, o campo família obteve as maiores médias no número de contatos e o segundo maior fator de proximidade, perdendo apenas para o fator de proximidade da escola, com diferença não significativa. Isto é, verifica-se que jovens em situação de rua percebem a família composta por contatos de boa qualidade, mesmo que a vivência anterior nesse contexto revele situações de conflito e violência. Segundo Siqueira et al., (2010) muitas crianças e adolescentes institucionalizados apresentam uma percepção otimista e positiva da família, atribuindo-lhe qualidades, minimizando os pontos negativos e os fatores que levaram à institucionalização.

Nos demais campos e no mapa total não foi identificada diferença de fator de proximidade entre os sexos. A grande força de proximidade na rede de apoio corrobora estudos anteriores com adolescentes institucionalizados (Siqueira et al., 2010). Neste, apenas o campo escola para as meninas não foi avaliado como de grande força. No presente estudo, o campo escola diferenciou-se no número de contatos entre idades, sugerindo que o número de contatos nesse campo diminuiu ao longo das faixas etárias.

No estudo com adolescentes em situação de rua (Morais, 2009) verificou-se que a vinculação com a rua ocorreu de forma processual, relacionando-se simultaneamente à fragilização dos vínculos familiares e com a escola e ao maior envolvimento com a rua. Através do período de inserção ecológica deste estudo constata-se que os jovens com

vivência de rua apresentam dificuldades em permanecer na escola, como pode ser observado no trecho do diário de campo a seguir.

Fábio [16 anos] parou de estudar na 6ª série, na mesma época em que começou a ir para a Beira Mar [em Fortaleza]. Ele diz sentir falta de estudar e dos colegas de escola. Ele conta que foi expulso da escola por estar brincando de “briga de galo” com uns amigos, pois no momento em que o outro menino consegue derrubá-lo, Fábio levanta e dá um murro no rosto do colega. (Diário de Campo, 16/02/2012)

A literatura verifica que as crianças e adolescentes em situação de rua têm ou tiveram experiência escolar (Koller, 2011). No entanto, nota-se que a vinculação com a rua ocorre na medida em que a escola não exerce seu papel protetivo enquanto componente da rede de apoio desses jovens (Morais, 2009; Santana, 2003). Os jovens em situação de rua não se sentem atraídos pelo ambiente escolar, resultando numa baixa vinculação com este. Essa precária relação é reflexo do fracasso da escola tradicional na recepção de alunos em situação de rua, abordando-os com preconceitos e estereótipos. Além disso, os adolescentes em situação de rua têm dificuldades cumprir os horários estabelecidos pelas instituições escolares, não possui material didático, tem dificuldade em realizar a higiene pessoal diariamente, entre outros desafios cotidianos da vida na rua, tal como aponta Paludo et al. (2005).

Salienta-se que os contextos da rede de apoio dos participantes deste estudo (família, escola, instituição, amigos e rua) tanto podem funcionar de forma a proteger e a promover experiências positivas assim como podem envolver situações de violência, negligência, entre outras adversidades. Os relatos dos diários de campo a seguir retratam o contexto da instituição promovendo bem-estar e em outro evidenciando suas limitações.

Tiago [14 anos] diz querer ir para o albergue (serviço aberto), pois suas irmãs estão muito viciadas no *crack* e, por isto, estão roubando muito. Tiago diz usar maconha, cocaína e, com menos frequência, mesclado (cigarro de maconha com *crack*). Pergunto [pesquisadora] o que ele gosta de fazer no albergue e, imediatamente, ele diz: comer e dormir. Depois acrescenta que gosta de jogar bola, ver filmes e usar a internet. (Diário de Campo, 07/08/2012)

Gustavo [18 anos] conta que é antigo frequentador do albergue (serviço aberto). Diz que há uns 10 anos frequenta o albergue e outros abrigos. Ele diz que gostava muito da antiga diretora do albergue, pois ela escutava os adolescentes e fazia passeios com eles. Gustavo conta de um passeio ao SESC Itarema [parque ecológico] em que todas as crianças e adolescentes de Fortaleza que estivessem

na rua ou no albergue foram convidados para o evento. Gustavo diz que os novatos, diretora e educadoras, são muito ruins para os adolescentes. Ele diz não compreender como eles preferem deixar os adolescentes na rua do que abrigar no albergue, pois por qualquer motivo eles acusam os adolescentes de ter feito algo errado e deixa-os restritos [proibidos de acessar o serviço]. Gustavo diz que a diretora não fala nem bom dia com os adolescentes e se acontece alguma confusão, ela nunca escuta o lado do adolescente, sempre acreditando no educador social. (Diário de Campo, 03/05/2012)

Essas considerações são corroboradas em Morais (2009) ao verificar a trajetória de vida de quatro adolescentes com diferentes níveis de ajustamento psicossocial. A autora afirmou que os riscos vivenciados na rua não são motivadores isolados de mau ajustamento. Este varia em acordo com o grau de vinculação do adolescente com diferentes dimensões da vida (relação com a família, uso de drogas, escola, instituição, recursos pessoais, rede de apoio, entre outros). Conforme exposto anteriormente, considera-se que o comportamento do indivíduo *per si* como ameaça ao bem-estar constitui-se numa visão extremamente limitada acerca dos processos de saúde. Além disso, a constatação *a priori* de que um contexto proporcione experiências positivas ou negativas reitera uma percepção restrita de um todo, que abrange uma rede de apoio composta por diferentes relações entre as pessoas e os ambientes.

Nas análises estatísticas deste estudo verificou-se que o número de eventos estressores e afeto positivo correlacionaram-se positivamente com contatos. Isto é, quanto mais contatos na rede de apoio, os eventos estressores e os afetos positivos foram vivenciados com maior frequência. A análise da rede de apoio incluiu tanto contatos satisfatórios quanto contatos insatisfatórios. Estes podem ter influenciado para a relação do maior número de contatos com o aumento de eventos estressores, visto que são compostos por pessoas que os participantes não possuem qualidade afetiva. Essa afirmação corrobora a concepção de a rede de apoio necessita ser contextualização a partir da história de vida de cada adolescente, pois os diferentes ambientes podem se configurar como motivadores de experiências positivas e/ou negativas.

O resultado que aponta para o aumento de afeto positivo na medida em que há um aumento no número de contatos da rede de apoio reforça a compreensão da rede de apoio como potencializadoras de experiências agradáveis e, portanto, de emoções positivas. Esse resultado confirma estudos anteriores com jovens em vulnerabilidade social que verificou a rede de apoio social e afetiva como fator de proteção para crianças e adolescentes (Dell'Aglio et al., 2010; Paludo et al., 2005). Embora se

evidencie que a constatação da rede de apoio como risco ou proteção precisa ser contextualizada, de modo a que cada pessoa com suas estratégias de enfrentamento, dinâmica familiar, escolar, entre outras características pessoais e relacionais próprias revelam o processo de influência entre os fatores de risco e proteção (Morais, 2009).

Nas análises estatísticas entre cidades, verificou-se que os participantes de Fortaleza vivenciaram com maior frequência os eventos estressores quando comparado a Salvador. Não houve diferença significativa entre as cidades para satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo, indicando que mesmo Fortaleza com alta ocorrência de eventos estressores não se diferencia quanto aos níveis de satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo. No que se refere à análise do Mapa dos Cinco Campos, obteve-se diferença significativa para contato entre as cidades. Verifica-se que os participantes de Fortaleza apresentaram maior número de contatos na rede de apoio. Constata-se essa diferença entre Fortaleza e Salvador no campo família.

A respeito da realidade de Fortaleza, com diferença significativa entre cidades, observa-se maior número de eventos estressores, de contatos na rede de apoio, evidenciado no campo família, assim como as altas médias de satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo (com diferença não significativa entre cidades apenas para as três variáveis componentes do bem-estar subjetivo). Esses resultados podem sugerir que os participantes de Fortaleza apresentam os piores indicadores de vivência de violência física, sexual, emocional, morte dos pais, entre outros eventos estressores. No entanto, essas adversidades não influenciaram negativamente a capacidade de estabelecer relações significativas em quantidade de contatos e qualidade afetiva nas interações, assim como a percepção de bem-estar subjetivo que esses jovens em situação de rua têm de suas vidas. Embora experienciem com intensidade adversidades em seu cotidiano, esses jovens em situação de rua continuam a avaliar positivamente suas vidas. Esta consideração ressalta-se no contexto de Fortaleza, no entanto, pode ser ampliada para as crianças e adolescentes de Porto Alegre e Salvador. Visto que os participantes destas cidades também tiveram altas médias de eventos estressores, satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos.

Esse resultado corrobora a literatura que apresenta jovens em situação de rua descrevendo suas vidas de forma positiva (Paludo et al., 2005; Moraes, 2009; Moraes et al., 2012). Apresenta-se a justificativa pela comparação da situação atual de vida com uma anterior de intensa vulnerabilidade (Raffaelli et al., 2013). As estratégias de enfrentamento e a rede de apoio também se configuram como possibilidades de

reconhecimento de experiências de bem-estar que favorecem a expressão de emoções e avaliações positivas de suas vidas (Arteche, 2003; Paludo et al., 2005; Del'Aglio et al., 2010).

Os resultados deste estudo indicaram correlação de satisfação de vida com afeto positivo e afeto negativo, indicando que à medida que as médias de satisfação de vida aumentaram, as médias de afeto positivo tenderam a elevar-se e as médias de afeto negativo diminuíram. Isto corrobora a literatura que aponta a função reguladora da satisfação de vida sobre as emoções positivas ou negativas, atuando de forma a aumentar ou diminuir cada uma delas em acordo com a dimensão cognitiva da pessoa (Diener et al., 1997). De acordo com o esperado, os afetos positivos e negativos não se correlacionaram, confirmando que os afetos são componentes independentes (Snyder et al., 2009).

A partir dos resultados deste estudo, verifica-se que satisfação de vida não apresentou correlação significativa com eventos estressores (número e impacto) nem com rede de apoio (contatos e fator de proximidade). Isto sugere que essas variáveis não estão relacionadas à avaliação cognitiva dos participantes a respeito de suas vidas. O afeto positivo se correlacionou positivamente com contatos da rede de apoio e o afeto negativo com impacto dos eventos estressores. Ou seja, os afetos estão relacionados às variáveis apresentadas, confirmando a perspectiva de que a rede de apoio pode favorecer experiências positivas e que eventos estressores podem indicar experiências negativas. Além disso, satisfação de vida teve correlação significativa com afeto positivo e negativo. Ao se considerar que satisfação de vida exerceu sua função de reguladora das emoções, tal como define Diener et al. (1997), pontua-se que a vivência de eventos estressores não foi um determinante negativo para a percepção do bem-estar de crianças e adolescentes em situação de rua. Diferente de preconceitos e estereótipos destinados a essa população, os jovens com vivência de rua, mesmo vítimas de situações estressoras, consideram-se felizes.

A consideração de que crianças e adolescentes em situação de rua apresentam altos níveis de bem-estar subjetivo não minimiza o fato de que intervenções são necessárias para atuar sobre a violação de direitos. A violência física, sexual, emocional, a negligência, as drogas, entre outras adversidades foram vivenciadas nos mais diversos contextos em que esses jovens em situação de rua se inseriram. Políticas públicas que atuem no enfrentamento dos riscos ao desenvolvimento das crianças e adolescentes fazem-se necessárias e urgentes, tanto em caráter emergencial quando de prevenção e

promoção de saúde. Para tanto, a valorização dos recursos pessoais e relacionais assim como dos contextos nos quais os jovens em situação de rua estão inseridos e das pessoas com quem convivem também precisam ganhar seus lugares de destaque. A elucidação dos aspectos positivos dos jovens em situação de rua pode ser uma forma de contribuir para um trabalho que vise à superação das adversidades.

Nota-se que compreender o bem-estar subjetivo a partir de uma perspectiva qualitativa, que privilegia a percepção dos participantes em seu ambiente natural e através de relatos sobre suas experiências de vida acrescenta um novo olhar ao construto investigado. As análises qualitativas e quantitativas integram-se de forma a caracterizar o bem-estar subjetivo em sua complexidade, apresentando informações nas dimensões estatísticas e pessoais, a fim de um conhecimento substancial sobre o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua.

## CAPÍTULO III

### 3. Estudo II: Caracterização Qualitativa do Bem-Estar Subjetivo de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua

Este estudo teve como objetivo compreender o significado de bem-estar subjetivo para crianças e adolescentes em situação de rua a partir da realização de estudos de casos múltiplos. Esta estratégia de pesquisa, de acordo com Yin (2010), consiste no relato dos casos escolhidos sem descrevê-los individualmente com profundidade, mas utilizando-os como ilustrações na discussão dos tópicos de investigação. Assim, a análise cruzada das situações e comportamentos dos casos múltiplos serve para retratar as categorias, eixos ou perguntas de análise. Essa metodologia foi útil para a verificação do fenômeno no contexto, no caso, o sentido de bem-estar subjetivo para os jovens em situação de rua.

Especificamente, buscou-se:

- Descrever a satisfação de vida e quais fatores estavam relacionados a esta;
- Investigar quais situações estavam relacionadas, na percepção das crianças e adolescentes em situação de rua, aos afetos positivos e negativos;
- Identificar quais contextos (família, escola, instituições, amigos e rua) estavam relacionados aos afetos positivos e negativos;
- Comparar a percepção sobre o bem-estar subjetivo nos diferentes locais de coleta de dados (acolhimentos institucional, serviço aberto e rua).

#### 3.1. Método

##### 3.1.1. Participantes

Participaram desse estudo seis adolescentes, do sexo masculino, com idades que variaram entre 10 a 17 anos ( $M = 14$  anos;  $DP = 3,03$ ). Três deles foram entrevistados em uma instituição de acolhimento, dois em um serviço aberto e um na rua da cidade de Fortaleza - CE. A Tabela 7 a seguir apresenta cada um dos participantes, sua idade e o local em que cada um foi entrevistado.

Tabela 7

*Dados Sociodemográficos dos Participantes (Estudo II)*

Identificação	Idade	Local de Coleta
A1	10 anos	Acolhimento Institucional
A2	12 anos	Acolhimento Institucional
A3	12 anos	Acolhimento Institucional
A4	16 anos	Serviço Aberto
A5	17 anos	Serviço Aberto
A6	17 anos	Rua

## 3.1.2. Instrumentos

Utilizou-se uma entrevista estruturada (Anexo I). Esta foi elaborada, em específico, para esse estudo pela autora deste projeto em conjunto com sua orientadora. A entrevista foi elaborada em três tópicos, os quais abordam dados sociodemográficos (nome, data e local de coleta), percepções sobre satisfação de vida e percepções sobre afetos positivos e negativos.

Baseando-se na Escala de Satisfação de Vida (Diener et al., 1985; Koller et al., 1996), conforme descrita no Estudo I, adaptou-se uma entrevista na qual foram abordadas questões, tais como: “*você está satisfeito com sua vida?*”, “*você está próximo do ideal?*”, “*quais diferenças existem entre o seu ideal e sua vida de hoje?*”. As perguntas foram adaptadas da técnica tridimensional utilizada no *Family System Test* (FAST; Gehring, 1993) que avalia a percepção do indivíduo sobre a coesão e hierarquia na família em situações típicas, ideais e conflituosas. Por fim, em conjunto com a entrevista estruturada, solicitou-se ao participante um desenho de sua “vida ideal”, a fim de motivar a avaliação de sua satisfação de vida.

Os afetos foram acessados a partir das questões: “*como você se sente a maior parte do tempo?*” e “*conte-me uma situação que aconteceu nos últimos dias em que você se sentiu...*”, seguida de itens contendo os afetos positivos (divertido e animado, por exemplo) e negativos (incomodado e humilhado, por exemplo). A escolha desses afetos fundamentou-se na *Positive and Negative Affect Scale for Children – PANAS-C8* (Anexo G; Damásio, Pacico, Polleto & Koller, 2013), a qual é derivada da PANAS-C34, utilizada no Estudo 1 dessa dissertação (Giacomoni & Hutz, 2006). A escala

reduzida PANAS-C8 contém uma estrutura bifatorial com 4 itens por fator, a fim de mensurar os afetos positivos e negativos. São esses: divertido, contente, animado, incomodado, humilhado, magoado, irritado e alegre. Damásio et al. (2013) buscou refinar a PANAS-C34 ao visar as vantagens no uso de instrumentos reduzidos quando comparados a longas escalas. Nota-se que a utilização de escalas reduzidas resulta em: 1) menor tempo e custo da pesquisa; 2) diminui a probabilidade de conter itens redundantes na escala; 3) possibilita o uso de outros instrumentos sem sobrecarregar os participantes; 4) facilitam estudos multiculturais, pois as escalas são confiáveis, fatorialmente estáveis e favorecem o uso de outras medidas. A versão reduzida PANAS-C8 apresentou excelentes propriedades psicométricas. Para esse estudo, de natureza qualitativa, optou-se por utilizar a escala reduzida, visto o objetivo de aprofundar os significados de cada afeto.

A fim de verificar os contextos (família, escola, instituições, amigos e rua) que estão relacionados aos afetos positivos e negativos, foram utilizadas figuras (Anexo J) representativas desses espaços. A partir destas, os participantes escolheram quais afetos estavam presentes nos determinados contextos. Para cada afeto (divertido, contente, animado, incomodado, humilhado, magoado, irritado e alegre) foram feitas cinco fichas (Anexo L) que nomeavam esses afetos, visando à possibilidade do participante sentir cada um dos afetos em todos os diferentes contextos ou apenas naqueles selecionados por eles. A partir desse material exposto, foi solicitado aos adolescentes que escolhessem, primeiramente, um afeto e colocasse-o nos contextos nos quais ele sentia aquele afeto. Assim procedeu-se com cada um dos oito afetos.

### 3.1.3. Procedimentos de Coleta de Dados

Os dados foram coletados em três contextos: instituição de acolhimento, serviço aberto e rua. Os locais foram selecionados por conveniência e a partir dos participantes do Estudo I com quem ainda mantínhamos contato na cidade de Fortaleza. Nessas condições, foi realizada uma seleção aleatória dos participantes para o Estudo II. Os adolescentes foram convidados a participar desse estudo e, mediante assentimento, foram realizadas entrevistas estruturadas e individuais nos contextos naturais dos participantes. Todas as entrevistas foram conduzidas pela mestranda, gravadas e transcritas para análise de dados. Em média cada entrevista teve a duração de 45 minutos.

### 3.1.4. Procedimentos de Análise de Dados

Os dados coletados nas entrevistas foram transcritos e analisados através do levantamento de categorias temáticas *a posteriori*, de acordo com a Análise de Conteúdo (Bardin, 1979). Segundo a autora, a Análise de Conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens. Nesta metodologia, tem-se o foco sobre o conteúdo relatado, entendendo que o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras, frases, personagens, etc.) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (Caregnato & Mutti, 2006). Na análise qualitativa, a inferência sobre os conteúdos realiza-se fundamentada na presença das unidades de texto em cada comunicação individual e não sobre sua frequência, tal como se propõe na análise quantitativa (Bardin, 1979). Para a autora, a Análise de Conteúdo é composta por três fases, sendo: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e, 3) o tratamento dos resultados e interpretação. A primeira consiste na organização das temáticas através de leitura flutuante, hipóteses, formulação de hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores. Na segunda, os dados são codificados a partir de unidades de registro. Na terceira é realizada a categorização das temáticas a partir de classificações dos dados em acordo com suas semelhanças e por diferenciação. Portanto, trabalha-se as temáticas apresentadas no material do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação.

### 3.1.5. Procedimentos Éticos

Este estudo segue os mesmos procedimentos éticos do Estudo I.

## 3.2. Resultados

A descrição dos resultados e análise dos dados será apresentada em dois blocos, a saber: 1) satisfação de vida; e 2) situações relacionadas aos afetos positivos e negativos. A satisfação de vida foi avaliada através da percepção sobre as condições de vida atual e de uma “vida ideal”, apontando as diferenças existentes e os fatores que contribuem para uma avaliação geral da satisfação de vida. Já os afetos positivos e negativos foram pesquisados a partir de situações em que os participantes sentiam cada afeto estudado. Também pode ser observada a percepção sobre o bem-estar subjetivo

em relação aos locais de coleta (ver Tabela 7), visto que os diferentes níveis de vinculação com a rua, por exemplo, podem influenciar os resultados.

### 3.2.1. Satisfação de Vida

A satisfação de vida foi avaliada positivamente pela maioria dos participantes. Apenas um jovem disse não estar satisfeito com sua vida. Ele relata: “*eu não tenho apoio da minha família*” (A5, 17 anos). Os demais tenderam a relacioná-la a conseguir coisas importantes na vida, à satisfação com condições atuais de vida, aspirações futuras e por ter saído da rua e estar num lugar melhor.

Porque eu saí da rua e vim pra um lugar melhor. (A2, 12 anos)

Antigamente eu era de rua... não tinha o que fazer. Aí agora eu tô satisfeito de tá aqui [instituição]. Porque eu tenho um bocado de coisa pra fazer. Estuda, brinca, joga bola, escuta *funk*. (A3, 12 anos)

Sim. Muito. Porque assim... tô indo atrás do que eu quero e tô gostando do que eu tenho e do que eu vou conseguir ainda... arrumar trabalho o mais rápido possível e juntar dinheiro pra conseguir comprar ou alugar uma casa, um *kitnet* pra mim ficar morando. (A4, 16 anos)

Num estudo de revisão de literatura sobre o bem-estar subjetivo de jovens em situação de rua na América Latina (Raffaelli, Koller & Morais, 2013), verificou-se que a rua constitui-se como uma alternativa concreta de sobrevivência. Ou seja, muitas vezes, os jovens saem de suas casas pelo contexto familiar ser perpassado por conflitos, violência e pobreza. Dessa forma, a rua é vista como uma possibilidade na busca de melhores condições de vida. Assim, os jovens avaliam positivamente suas vidas nas ruas quando comparado a situações anteriores de vulnerabilidade e risco. As dificuldades de atender às necessidades básicas nas famílias motivam os jovens a buscar nas ruas alternativas para garantir alimentação, lazer, complementar a renda familiar, entre outras. Essa situação também é exposta pelo participante (A4, 16 anos), que tendeu a relacionar o contexto familiar a afetos negativos. Ele relata: “*Aqui [na família] é quase a mesma coisa, porque eles passam a maior necessidade do que passa na rua. Porque aqui [na família] não tem comida. Aí fica muito humilhado na família*”.

Quando questionados sobre uma “vida ideal”, a totalidade do grupo relacionou a vida idealizada com a família de origem ou constituída e a possuir uma casa. Independente da própria configuração e proximidade familiar, os participantes

remeteram-se à família nuclear (mãe, pai e filho). Como se observa nos desenhos e relatos usados para descrevê-los.



Figura 1. Desenho do participante A1 (10 anos). Ele descreve: “*Minha casa e aqui é a coisa das galinhas. Minha mãe, eu, meu pai, meu irmão... meu irmão grande e meu irmãozinho pequeno*”.



Figura 2. Desenho do participante A2 (12 anos). Ele descreve: “*Aqui é minha casa, meu pai, minha mãe e aqui nós três se divertindo, tomando banho de chuva*”.



Figura 3. Desenho do participante A5 (17 anos). Ele descreve: “*Minha casa, jardim... moro bem pertinho de uma praia... vou pra praia pescar... se deitar, tomar águazinha de coco e depois vou pra casa. Eu, minha namorada que é de lei [indispensável] e um comedorzim de rapadura [filho]*”.

O imaginário social é perpassado pela noção de que a definição de família se restringe ou se delimita exclusivamente pelos laços consanguíneos e/ou ao espaço do domicílio (Gomes & Pereira, 2005). Numa pesquisa que investigou a percepção de crianças e adolescentes em situação de rua sobre suas famílias foram verificados sentimentos de afeto e aceitação alternados por histórias de maus tratos e rejeição dos familiares. Dessa forma, constatou-se que a percepção sobre a família oscila entre uma família pensada (relacionada ao ideal social da família nuclear) e aquela vivida no cotidiano (Paludo & Koller, 2008; Morais et al., 2010; Yunes et al., 2001).

A satisfação de vida relacionada à família também foi verificada na pergunta que se seguiu sobre *o que os jovens fariam de diferente em suas vidas*. Apenas um participante (A6, 17 anos) disse que não faria nada de diferente em sua vida. Porém, sua associação também esteve relacionada à família, como se pode observar: “*Mudaria não. Minha mãe tá viva ainda. Meu pai, meu irmão*”. Estar com a família e não ter saído de casa para a rua foram respostas associadas a atitudes no passado que poderiam

modificar as condições atuais de vida, tal como diz o participante: “*Se eu não tivesse saído de casa*” (A2, 12 anos).

Estudar, trabalhar, não se envolver com o tráfico de drogas e não usar droga estiveram relacionados à satisfação de vida quando questionado aos participantes se eles estão conseguindo as coisas importantes que querem na vida. Como diz o participante: “*Macho, só era ruim mesmo com o diabo dessa pedra aí. Mas, taí, num consegui sair também?!*” (A6, 17 anos). Dessa forma, o fracasso escolar, consumir drogas e voltar para a rua foram relacionados como experiências negativas que prejudicariam alcançar suas aspirações.

Queria ir pro terceiro ano. Ir lá pra outra escola. Queria ficar nessa aqui mais não. (A1, 10 anos; o participante está repetindo o segundo ano)

A vida que eu vivo hoje tá boa. E no futuro pode ser melhor ou então pior. Melhor se eu saísse daqui [instituição], trabalhasse direito, arrumasse amigo, ganhar meu dinheirinho em paz. Pior... eu querer sair daqui [instituição], ficar com raiva e querer sair daqui do sítio e voltar pra rua. (A2, 12 anos)

Ser capoeirista. No lugar da droga aí eu ia pra capoeira. Aí quando eu crescer queria ser capoeirista. (A3, 12 anos)

Os resultados do presente estudo corroboram a teoria de que a situação de rua não se configura como condição ideal para o desenvolvimento saudável dos jovens. No entanto, constitui-se como uma possibilidade de manutenção de um funcionamento positivo, visto que a situação anterior de vida apresentava vulnerabilidade e risco potencialmente prejudiciais (Raffaelli et al., 2013). Apesar da história de vida dos participantes serem perpassadas por fatores de risco à sua saúde biopsicossocial, eles avaliaram suas experiências de vida percebendo-as como positivas. Seja pela condição atual ou por aspirações futuras, a satisfação, esperança e otimismo foram características que estiveram presentes em suas falas. Verifica-se que a felicidade não significa ausência de eventos adversos de vida, os quais tendem a ser avaliados a partir de afetos negativos, como apresenta estudos sobre o bem-estar subjetivo com adolescentes em vulnerabilidade social (Morais, 2009). Porém, além disso, os afetos positivos e a satisfação de vida colaboram para a percepção de que os jovens em situação de rua continuam a se desenvolver positivamente e dizem-se felizes.

### 3.2.2. Situações Relacionadas aos Afetos Positivos e Negativos

A pergunta motivadora “*Conte-me uma situação que aconteceu nos últimos dias em que você se sentiu...*” foi lançada para cada um dos afetos: divertido, contente, animado, incomodado, humilhado, magoado, irritado e alegre. Em seguida, foram apresentadas figuras (Anexo H) representativas dos contextos família, instituição, escola, amigos e rua, e fichas (Anexo I) com os oito afetos nomeados (divertido, contente, animado, incomodado, humilhado, magoado, irritado e alegre). Foram disponibilizadas para cada afeto cinco fichas iguais, a fim de possibilitar a escolha de o participante colocar os afetos em acordo com o número de contextos que ele avaliasse sentir determinado afeto. Depois de apresentar as cinco figuras e todas as fichas relativas aos afetos, solicitou-se aos participantes que identificassem em quais contextos sentiam cada afeto. Por fim, os participantes apontaram qual afeto sentiam a maior parte do tempo. Os relatos em resposta a esses questionamentos foram analisados categorizando-os por afeto e identificando as pessoas, os contextos e as atividades envolvidas, conforme se pode verificar na sequência.

#### 1. Divertido

Quando solicitado aos participantes uma situação em que se sentiam divertidos, eles identificaram eventos festivos, brincadeiras, danças, passeios, esportes, estudar e trabalhar como situações relacionadas a esse afeto. As pessoas envolvidas foram familiares, amigos, parceiros românticos e profissionais das instituições. Os contextos verificados foram a família, os amigos, a escola e a instituição. Apenas um adolescente (A6) identificou a rua como um contexto em que sentia o afeto divertido.

No dia das crianças. Teve pula-pula, brincadeira, futebol de sabão. Ganhei essa bola aqui. Ganhei presente. Meu padrinho veio. Me deu uma bolsa. (A1, 10 anos)

Na família a pessoa se diverte, brinca, estuda, faz um bocado de coisa (A2, 12 anos)

Na cavalaria. Lá eu me sinto muito divertido. Tem amigos que eu conheço. Colegas também. (A4, 16 anos)

O trabalho, tia. É massa. É massa, má, o cara trabalhar. Agora tem que tá com tempo. Show de bola. Tá ganhando dinheiro. De vez enquanto eu fico com uma

menina por lá no *shopping*... tem vezes que eu vou merendar lá, espero dar minha hora de ir embora... fico por lá. Show de bola. (A5, 17 anos)

## 2. Contente

Na fala dos participantes foi identificado o lazer, atividades laborais, estar na companhia da família e serviços oferecidos pelas instituições destinados às suas famílias como situações relacionadas ao afeto contente. As pessoas presentes nessas situações foram os amigos, familiares e profissionais das instituições. Os amigos, a família, a instituição e a rua foram identificados como contextos em que os participantes sentem o afeto contente.

Brincadeira, jogos... quando nós fomo pro cinema com os menino daqui... brincar, jogar, pular, tomar banho de piscina. (A1, 10 anos)

É porque eu falei com aquela lá, aí eu falei que... aí ela falou que ia ver pra ajudar minha família. (A2, 12 anos)

Meu pai saiu do hospital. (A3, 12 anos)

No abrigo eu acho muito legal porque a gente pode sair na hora que quer... é só pedir a Maria [coordenadora]... eu fico muito alegre. Também quando eu peço pra sair com os amigos pra ir no *shopping*. (A4, 16 anos)

Contente na família sabendo que todo dia eu tô dormindo com minha mãe, com meus irmãos. Saber que todo dia meus irmão tá bem, num tá passando fome... vai viver anos e anos na de boa. Eu fico contente. Sabendo que vou ganhar um dinheiro e divido com a minha mãe. (A5, 17 anos)

Na rua. Ir pra rua de noite... o que a gente faz é só fumar maconha mesmo. (A6, 17 anos)

## 3. Animado

O afeto animado esteve relacionado a situações de lazer com brincadeiras, jogos, passeios, eventos festivos e interações com amigos. As pessoas envolvidas foram os amigos e profissionais das instituições. Os contextos relacionados ao afeto animado foram os amigos, a família, a escola, a instituição e a rua.

Ficar andando na trilha, correndo... fico pegando fruta. (A1, 10 anos)

No dia das crianças. Teve um bocado de coisa aqui... teve festa, teve presente. Eu ganhei um kit, uma escova, uma pasta, ganhei um carro... ganhei um bocado de

coisa! Teve futebol de sabão, teve pula-pula, teve corrida de saco, teve futebol, um bocado de coisa... tava uns pessoal que veio de fora e a Raquel [psicóloga], os pessoal do quarto ano, tava o Henrique [diretor], um bocado de gente. Aí o almoço foi no refeitório, aí tinha algodão doce, um bocado de coisa. (A2, 12 anos)

Eu me sinto animado com os amigos, no abrigo e no colégio. Aqui [escola] eu me sinto animado porque na hora do recreio eu me divirto com meus amigos, jogo bola. Aqui [instituição] eu fico mais livre também... brincando com os amigos as brincadeiras que a gente gosta de tirar. E aqui [amigos] também quando tô com os amigos... chamar pra ir pra praia, se divertir um pouco. (A4, 16 anos)

#### 4. Incomodado

Os participantes identificaram o conflito entre os amigos, familiares e nas relações de trabalho e o preconceito contra o homoerotismo e a situação de rua como situações relacionadas ao afeto incomodado. Os amigos, familiares e pessoas da sociedade civil estiveram envolvidos. Os contextos verificados foram os amigos, a família, a escola e a rua. A instituição não foi apresentada como um contexto relacionado ao afeto incomodado.

Os menino arengando comigo. (A1, 10 anos)

Só na escola quando eu não sei alguma coisa. (A3, 12 anos)

Incomodado na rua e na família. Incomodado quando a pessoa assim, por exemplo, eu tô na beira-mar aí eu vejo um menino desse, aí eu falo: vai pra casa, menino... vai cuidar da vida. Aí eu fico incomodado da pessoa tá falando isso porque a pessoa tem uma casa e quer ser mais do que a pessoa, aí me acho incomodado. Só porque a pessoa não tem casa e ele tem, aí quer se achar mais do que o outro. Na família é quando a gente briga, aí volta pra rua porque não consegue compreender o que a família fala. Por mim, eu sou um deles. Quando minha família fala assim: "*Daniel, vai aprender a ser homem, ficar com menina que é muito mais melhor do que ficar com homem*". Aí eu pego... não, mas eu vou ser do jeito que eu sou. Aí eu pego e saio pra rua de novo com raiva. (A4, 16 anos)

Incomodado quando tô na rua, tô todo sujo aí passa uma gatinha... fica desprezando o cara né. (A5, 17 anos)

Rapaz, a única coisa que me incomoda mesmo é o patrão. O bicho é atrevido demais... é estressado. Mais estressado que eu... porque ele taca o grito no caba, né? Eu não escuto grito nem da minha mãe. (A6, 17 anos)

## 5. Humilhado

O afeto humilhado foi relacionado a situações de conflito com os profissionais das instituições, preconceito contra a situação de rua e precárias condições materiais. Os profissionais das instituições e pessoas da sociedade civil estiveram envolvidos. A família, a instituição e a rua foram identificadas como contextos em que os participantes sentem-se humilhados.

Na rua. Ficava sozinho. Ficava pedindo. (A1, 10 anos)

É... quando eu tô com pouca coisa, aí a pessoa... um dia eu já cheguei... nesse dia eu tava com pouca coisa, aí tava eu e meu amigo, aí nós tava na praia, aí eu tava pedindo, eu tava parece que era com quatro reais, aí meu amigo tava com cinco. Um pouco a mais do que eu, só um real. Aí eu fui pedir um... aquele negócio que vende na praia... pó de guaraná. Aí a mulher falou que era dois e cinquenta, aí eu fui comprar. Aí eu comprei, né? Aí na hora que eu tinha comprado... que eu ia comprar, que dei o dinheiro pra mulher, aí chega um cara e fala assim, fala que não podia vender pra nós não porque nós era de rua. Falando que o dinheiro era roubado. (A2, 12 anos)

Uma brincadeira que o Danilo [coordenador] fez dizendo que eu ia sair do sítio [instituição]. (A3, 12 anos)

Humilhado na rua e na família. Humilhado quando eu vejo alguém procurando comida dentro do lixo em vez de pedir alguém pra pagar alguma coisa assim pra comer e a pessoa não quer dar. Tem dinheiro e a pessoa não quer dar. Aqui [na família] é quase a mesma coisa, porque eles passam a maior necessidade do que passa na rua. Porque aqui não tem comida. Aí fica muito humilhado na família. Ou como a gente mesmo sai pra rua pra pedir dinheiro pra poder comprar alguma comida pra casa. (A4, 16 anos)

Quando esse bicho [educador social] passa na cara. Tipo assim, eu vou trabalhar e chego mais ou menos umas nove e meia. Aí ele fala assim: “*que é isso... tu sai seis horas do trabalho e vem chegar essa hora? Vai pra tua casa num sei o que e tal*”. Aí o cara tem só que engolir mesmo e ir simhora. O cara fica passando na cara. Num gosta do cara aí num quer ver o cara aqui dentro. Quer ver o cara na de pior, mas o cara é forte aí o cara dá a volta por cima. Aí o cara mostra pra eles que o cara não é o que eles pensavam da gente. Se algum menino pula o muro, aí eu penso assim: “*Vixe, o cara vai pra rua passar o mesmo que eu passei*”. Aí eu falo assim: “*Num pula não, cara*”. Aí o educador: “*Vai, eu te dou é o pézim*”. O educador em vez de ajudar faz é atrapalhar. Fica passando as coisas na cara do cara. Aqui é pelo governo, né? Não é eles tirando do bolso deles. Isso aqui é dos imposto. Cada centavo que a gente compra... assim um bombom, mas é isso mesmo. (A5, 17 anos)

## 6. Magoado

Os participantes relataram dificuldades de satisfação das necessidades básicas, conflitos na família e amigos, preconceito contra a situação de rua e apanhar de policiais como situações relacionadas ao afeto magoado. Os familiares, pessoas da sociedade civil e policiais estiveram envolvidos. Os contextos relacionados a sentir-se magoado foram a família, os amigos e a rua.

Em casa. Minha mãe me batia. (A1, 10 anos)

Às vezes quando eu vou pedir, a pessoa fala: “*Vai trabalhar, menino!*” Aí eu me sinto magoado. (A2, 12 anos)

Na família... a gente quer voltar, recuperar a família de novo e a família não quer porque você errou uma coisa muito errada que não possa voltar pra casa. (A4, 16 anos)

Fico magoado quando eu tô na rua... passo fome, num como direito, num tomo banho, apanho dos outros, apanho da polícia, apanho de todo mundo. (A5, 17 anos)

Me sinto magoado às vezes quando a negada [amigos] não me chama, porque toda vida que vou sair eu chamo, né? Fico naquela. (A6, 17 anos)

## 7. Irritado

O afeto irritado foi relacionado a conflitos com amigos, punições por desobedecer regras, realizar atividades domésticas, precariedade material, uso de drogas e abuso. Os profissionais das instituições, amigos e familiares estiveram envolvidos. A família, a rua, a instituição e os amigos foram identificados como contextos nos quais os participantes sentem o afeto irritado.

Ficar indo pro quarto. Nós fica brincando demais na hora do almoço. Aqui é diferente. Tem que se comportar, tem que obedecer ao educador, se não obedecer vai pro quarto. (A1, 10 anos)

Irritado porque às vezes eu brigo, às vezes eu bagunço e o educador me coloca no quarto. Eu nem pensei no meu erro, aí o educador tira minha mistura. Por isso. Ou quando... quando fica fazendo negócio de imoralidade com os menino. Às vezes os menino toma banho lá fora, aí o cara fica querendo olhar a bunda do outro. Tem gente que quer tomar banho, aí eles vão lá. Fica com negócio que vai só pegar manga, vai pegar alguma coisa. (A2, 12 anos)

Na rua. Eu fico irritado porque quando o cara tá com fome e num tem nada pra comer... fico com raiva. Quando não usa droga também. (A3, 12 anos)

Eu fico irritado na família e na rua. Porque na rua a gente passa necessidade de comida, aí a gente tem que ir atrás. Não tem um lugar pra estudar também, os abrigos tão tudo se fechando também. Aqui também [família] é a mesma coisa de lá... a pessoa fica passando necessidade... quase não tem comida também, come na rua... tem que ir atrás. (A4, 16 anos)

Quando dá preguiça pra eu lavar minhas roupas. Quando eu olho pro guarda-roupa assim que dá logo... arrepio logo. Podendo ter uma máquina pra ser mais rápido...o pessoal sabe nem pensar. (A5, 17 anos)

## 8. Alegre

Na fala dos participantes foi verificado que situações envolvendo atividades laborais, aprendizagem, lazer e relacionamento com familiares, amigos e parceiros românticos foram relacionados ao afeto alegre. Os amigos, parceiros românticos e familiares estiveram presentes nessas situações. Os contextos família, amigos, escola, instituição e rua foram relacionados ao afeto alegre.

Quando minha mãe fica me levando pra praia. Toma banho lá. (A1, 10 anos)

A pessoa faz o dever... o professor conta história pra nós, aí nós brinca, nós tudo junto no colégio. É... o professor tira brincadeira com nós, traz doce pra nós às vezes. Na escola a pessoa não fica com negócio de bagunçar. (A2, 12 anos)

Quando eu tô com uma pessoa. Quando eu tô com uma pessoa quando eu quero que ela esteja comigo... como o Renan pra mim... eu fico muito alegre. Quando tem alguma pessoa pra falar comigo, conversar as coisas que acontece. (A4, 16 anos)

Pensar nas coisas que eu fiz no passado de bom. Se apresentar de palhaço lá na barraca... já dei aula no Eusébio... Quixadá também já dei aula numa escola. A mulher contratava a gente, aí passava umas duas semanas tendo umas aulas... aí tinha uma festa daqui uns dois meses, aí a mulher contratava um mês antes... pra dar aula pros alunos... pra eles aprender pra apresentação... era massa demais! (A5, 17 anos)

## 3.3 Discussão

Assim como verificado na literatura, os afetos positivos e negativos dizem respeito a avaliações sobre experiências imediatas agradáveis ou desagradáveis, respectivamente. Portanto, são compreendidos numa perspectiva situacional, em que as

avaliações sobre as experiências dos indivíduos variam em acordo com as diferentes demandas circunstanciais (Snyder et al., 2009). Essa particularidade sobre os eventos vividos pode ser observada no relato dos entrevistados que se reportaram a eventos recentes vivenciados em seu cotidiano para descreverem os afetos estudados. Eventos festivos, atividades corriqueiras como jogar, brincar, estudar, trabalhar, realizar atividades domésticas e se relacionar com os amigos são exemplos de acontecimentos atuais experienciados pelos participantes.

A noção de que o bem-estar subjetivo é descrito a partir de percepções individuais sobre a própria vida é corroborada nesse estudo. As falas dos participantes, em resposta às situações ocorridas que remetiam a cada afeto investigado, correspondem a avaliações subjetivas de experiências pessoais. Ou seja, o bem-estar subjetivo tende a variar em acordo com a história de vida de cada pessoa e de como estas avaliam subjetivamente as experiências vividas. Isso pode ser verificado, por exemplo, quando é solicitado aos participantes que escolham em quais contextos (família, escola, instituição, amigos e rua) sentem os determinados afetos (divertido, contente, animado, incomodado, humilhado, magoado, irritado e alegre). As respostas variaram entre eles, na medida em que cada um se remeteu à sua história de vida e de como avalia as experiências vividas para apresentar quais contextos sentiam cada afeto. Dessa forma, existiram aqueles em que os afetos positivos predominaram sobre os afetos negativos no contexto da instituição, como também se obteve a resposta de um participante que avaliou negativamente a instituição atual, comparando-a com uma antiga em que ele dizia se sentir em casa.

Diferente da pergunta sobre as situações que ocorreram em que sentiam os afetos investigados, a presença das figuras representativas dos contextos elucidaram conteúdos da história de vida dos participantes que, por vezes, não eram tão atuais quanto às situações expostas na primeira questão. Essa tendência pode ter ocorrido pelo fato dos participantes não estarem inseridos, no momento, em todos os contextos apresentados. Apesar de muitos manterem contato com seus familiares, mesmo que de forma esporádica, nenhum dos envolvidos morava com suas famílias de origem. Os participantes que estavam em acolhimento institucional não mantinham contato com a rua e os que estavam em serviço aberto e na rua não estavam frequentando a escola.

Em ambas as questões (“*Conte-me uma situação que aconteceu nos últimos dias em que você se sentiu...*” e “*Em quais contextos [representados nas figuras] você se sentiu...*”), pode-se verificar que os afetos positivos envolveram brincadeiras, jogos,

esportes, passeios, festas, danças, atividades laborais, aprendizagem, conversar com amigos e parceiros românticos e estar com a família de origem. O relacionamento com os pares e a presença dos familiares foram relacionados a sentimentos agradáveis. Nota-se que os afetos animado, contente e divertido aproximaram-se na descrição dos participantes, no que diz respeito às pessoas, atividades e contextos elencados em cada afeto. Já os afetos negativos envolveram conflitos e brigas com amigos, familiares e profissionais das instituições, preconceitos da sociedade contra a situação de rua e o homoerotismo, punições por desobedecer regras, realizar atividades domésticas, sofrer violência física e sexual.

Pesquisas sobre o bem-estar subjetivo infantil têm verificado que relações com amigos e familiares são centrais para a compreensão desse construto. Num estudo que analisou entrevistas com crianças de 9 anos com objetivo de explorar os principais domínios e seus impactos sobre o bem-estar das crianças, obteve-se que passar tempo com a família e realizar atividades de lazer de forma livre com amigos estiveram associadas a emoções positivas. A falta de proximidade com a família devido ao trabalho dos adultos e os conflitos entre amigos tendem a ser negativas. Dessa forma, não apenas um tempo de qualidade em família influencia o bem-estar subjetivo, mas a quantidade de tempo em família também pode exercer influência sobre o bem-estar infantil. Assim como o tempo livre em detrimento do tempo atarefado com atividades curriculares e extracurriculares são preditores de bem-estar (McAuley, McKeown, & Merriman, 2012). Tal como nessa pesquisa, no presente estudo verifica-se que relações com familiares e amigos perpassam grande parte dos afetos investigados, seja positivos ou negativos. Haja vista a especificidade dos jovens em situação de rua, os quais estiveram ou estão em instituições, os profissionais destas também estiveram presentes nas situações relacionadas aos afetos pesquisados. Salienta-se que a rede social de apoio pode propiciar emoções positivas considerando-se a função de proteção que esta pode exercer.

Em outro estudo, exploraram-se fatores familiares (quantidade de tempo e coesão familiar) e não-familiares (variáveis demográficas e de contexto, escola, atividades de trabalho, lazer ativo, auto-estima e ambiente proximal – morar em área urbana ou rural e renda familiar) que contribuem para a felicidade entre estudantes com idades de 15 a 18. Os dados provêm da *Social and Cultural Situation and Mental Health Survey* (n = 905). Com base na análise de regressão, fatores familiares foram identificados como mais importantes do que os fatores não-familiares para explicar as

variações na felicidade dos adolescentes. Em relação ao domínio da família, aqueles que relataram tempo suficiente gasto com os membros da família e mais alto nível de coesão familiar foram avaliados como mais felizes (Gray et al., 2011). Destaca-se que a particularidade dos jovens em situação de rua não estarem residindo na casa dos seus familiares e, portanto, tendo limitado tempo gasto com a família de origem não se configura como fator determinante para elucidação de emoções negativas. Diferente disto, compreende-se que esses jovens estabelecem relações de apoio e afeto com seus pares e profissionais das instituições, além de manter contato, mesmo que esporádico, com suas famílias de origem (Morais et al., 2010). Sendo assim, um reduzido tempo vivido com a família de origem não se constitui como *a priori* de afetos negativos. Pois, ressalta-se que as relações afetivas em detrimento dos laços consanguíneos implicam no sentido de família dos indivíduos.

As famílias se compõem como núcleos sociais primários em que as crianças são inseridas, no qual ocorre as primeiras experiências de socialização, afetividade e apropriação de valores culturais. Dessa forma, as funções de socialização e de proteção exercidas nas famílias incidem sobre o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos (Bronfenbrenner, 2012; Minuchin, 1982). No que se refere ao bem-estar subjetivo, destaca-se que a quantidade e qualidade do tempo em família podem favorecer emoções positivas. Enfatiza-se, ainda, que o relacionamento familiar em detrimento de sua configuração possui maior expressividade sobre o bem-estar (Wagner et al., 1999).

Numa pesquisa foram investigadas possíveis relações entre satisfação com atividades de tempo livre e percepção do uso desse tempo (organização, quantidade, aproveitamento) e o bem-estar pessoal de 1588 adolescentes de 12 a 16 anos. Foi utilizado o *Personal Wellbeing Index* (PWI) e dois questionários que avaliam satisfação com atividades de tempo livre e percepção sobre o seu uso. Os resultados permitiram identificar associações entre o bem-estar pessoal de adolescentes e sua satisfação com atividades de tempo livre relacionadas à interação social (família e amigos), desenvolvimento de habilidades físicas (esportes e outros jogos) e intelectuais (estudar e pensar, ler) e a percepção de uso desse tempo (Sarriera et al., 2013). Esses resultados corroboram alguns autores que tem se dedicado a estudar a importância das atividades esportivas e de lazer para crianças e adolescentes. Num estudo sobre as publicações na área do bem-estar infantil foi identificado que a relação entre o esporte, o desempenho escolar e as interações sociais estão associadas ao bem-estar (Casas, González, & Navarro 2014).

Os resultados do presente estudo colaboram para a percepção de que as atividades esportivas e de lazer, envolvendo o uso apropriado do tempo livre e a interação com amigos e familiares estão relacionadas com o bem-estar subjetivo dos jovens. Como pode ser verificado no seguinte relato sobre sentir-se animado: “*Ir pra cavalaria. É massa lá. O cara pega o cavalo e se taca dentro do mato. Aí depois eu vou pro surf. Aí depois eu venho pra cá [instituição]. Ficar morgado sem fazer nada... só pensar besteira*” (A5, 17 anos). Ou mesmo quando esse participante diz ficar contente ao falar com uma profissional da antiga instituição onde morava:

Ela faz você ficar à vontade. Você mexe no *facebook*, faz o que quiser. Aqui o cara não pode fazer nada. Lá pelo menos tinha serigrafia, papel reciclado, informática, curso. Lá era a gente que fazia a janta... era bem dizer que tava dentro de casa. Tinha SKY, tinha televisão 32 polegadas, tinha videogame... tinha campo de futebol lá. (A5, 17 anos)

Nesse sentido, ressalta-se que a escolha de como usar o tempo livre e as interações sociais envolvidas tendem a promover bem-estar. No entanto, as condições ambientais também podem ser fatores influentes. O ambiente e a participação dos jovens na ocupação desses espaços têm sido abordados em algumas pesquisas com objetivo de investigar o planejamento de ambientes e *designs* como indicadores de bem-estar (Casas et al., 2014). Dessa forma, faz-se relevante o investimento destinado a espaços apropriados para o lazer (praças e áreas esportivas, por exemplo) e tecnologias (computadores, *internet*, etc.). A importância desses meios de comunicação também pode ser observada na fala a seguir:

Eu me sinto contente tando aqui no computador. Eu olho o *facebook*, converso com os amigos *online*. Eu acho muito massa conversar com os outros *online* porque tando lá perto de casa e eu tando aqui [instituição] converso com eles. Como é que tá lá em casa, como é que não tá. (A4, 16 anos)

O conteúdo relatado pelos participantes da presente pesquisa ao descreverem situações relacionadas aos afetos positivos confirma os resultados de que os maiores níveis de satisfação dos adolescentes envolvem escutar música, estar com os amigos e estar conectado à *internet*, enquanto que ficar em casa sem fazer nada se relaciona a menores níveis de avaliações positivas. Estar com familiares, com os amigos, participar de jogos, estudar, fazer esporte e ver televisão no tempo livre apresenta associações com o bem-estar pessoal dos adolescentes (Sarriera et al., 2013).

Em conjunto com as contribuições acima se faz relevante pontuar que essas atividades descritas como preditores de satisfação para os jovens podem elevar seu potencial na promoção de bem-estar quando associadas ao monitoramento de pais ou responsáveis. Visto que, por exemplo, o relacionamento com amigos e algumas atividades escolhidas pelos adolescentes para serem usufruídas no tempo livre podem ser prejudiciais, como exposto abaixo:

É porque faz tempo que eu conheço os pivete, né? Se criemo bem dizer junto, né? Os pivete nunca me desconsideraram, né? O que rola pra um, rola pra tudim, quando nós sai. Se der alguma coisa pro lado de um, né? Dá pro lado de tudim, porque eles são meus amigos, né? Quando a gente sai pra um canto, né? O que acontecer com um lá, tudim tem que se meter. Quem não se meter, né... for coisa boa ou coisa ruim. (A6, 17 anos)

O adolescente citado acima ao referir-se aos afetos positivos (divertido, animado, contente e alegre) relacionou-os a situações em que estava com seus amigos, seja na rua ou em festas à noite, locais onde costuma conversar com amigos, ouvir música e consumir maconha e bebida alcoólica. Além disso, o laço de amizade estabelecido por ele e seus pares envolve brigas, entre outros atos infracionais. A relação com familiares também precisa ser relativizada ao passo que a violência intrafamiliar e a negligência estão presentes no contexto familiar, inclusive de alguns dos participantes desse estudo, como já apresentado anteriormente, quando o participante (A1, 10 anos) diz sentir-se magoado: *“Em casa. Minha mãe me batia”*.

Este estudo segue em acordo com as pesquisas na área do desenvolvimento humano e da psicologia positiva que compreendem as pessoas para além dos riscos e fatores prejudiciais e apontam para os aspectos positivos e de proteção. Ambos não são excludentes, mas considerados em relação. Dessa forma, torna-se possível perceber as ambiguidades presentes nos relatos dos participantes, que hora apresentam, por exemplo, a família relacionada a afetos positivos e hora apresenta-a relacionada a afetos negativos. O mesmo participante (A1, 10 anos) mencionado acima, diz sentir saudades da mãe e que se sentiu feliz quando ela o levou para tomar banho de mar. A complexidade envolvida também é percebida pelo participante (A3, 12 anos), ao ser questionado quando se sente contente, relata: *“Na rua às vezes eu fico alegre quando eu encontro um amigo, às vezes os pessoal deixa eu brincar em algum canto... paga coisa pra mim”*. E ao ser perguntado quando se sente magoado, diz: *“Ao mesmo tempo na*

rua. Às vezes quando eu vou pedir, a pessoa fala: vai trabalhar, menino! Aí eu me sinto magoado”.

A análise das falas dos participantes acerca do bem-estar subjetivo envolvendo os fatores de risco e proteção contribuem para a compreensão complexa dos fenômenos que superam a relação linear (de causa e efeito) dos indicadores relacionados ao bem-estar. Dessa forma, a afirmação de que as relações familiares e com amigos, entre outras atividades e interações, são preditores de bem-estar precisam ser contextualizadas. De forma que seja possível a compreensão de falas que denunciam familiares e profissionais das instituições como violadores de direitos e relacionados a afetos negativos, mas que também o percebem como proteção e relacionados a afetos positivos. Aqui, não há a negação da existência de indicadores de bem-estar subjetivo. Ao contrário, os resultados apresentados corroboram pesquisas da área. Atenta-se, entretanto, para o fato de que, por exemplo, as relações familiares são indicadoras de bem-estar subjetivo, mas precisam ser contextualizadas. Visto que existem relações familiares que são percebidas negativamente e não apenas avaliadas de forma positiva pelos jovens.

No presente estudo, quando apresentado os contextos nos quais os participantes eram solicitados a identificar os afetos relacionados, a rua e a família foram os contextos mais associados aos afetos negativos quando comparados à instituição, a escola e os amigos. Porém, os afetos positivos não estiveram excluídos da rua e da família. Assim como, podem-se observar os afetos negativos nos demais contextos. Como já explicitado anteriormente, em fundamento, o bem-estar subjetivo é descrito por avaliações subjetivas acerca das experiências de vida. Dessa forma, os resultados das entrevistas desta pesquisa tendem a verificar que o contexto não é definidor isolado das experiências que envolvem os afetos positivos e/ou negativos. As situações e contextos analisados variam nas avaliações dos entrevistados ao relacioná-los aos afetos investigados, apresentando que tanto os afetos positivos quanto os negativos podem decorrer de experiências ocorridas num mesmo contexto, por exemplo, a família. Ou até mesmo ao longo de uma mesma situação, tal como descreve o participante (A3, 12 anos) ao ser questionado sobre uma situação em que se sente contente:

Quando eu fui pro *Beach Park* [parque aquático]. Mas eu não fiquei muito alegre não. Porque eu... nós tava no *Beach Park*, aí nós chegamo dez horas, aí só de dez às onze nós ficamo demorando lá. Aí os menino tava se separando, aí num dava pra perceber, só tinha dois ou era três educador, aí um bocado se

separaram e tinha que ser todo mundo junto. Aí como não tinha muita gente pra ficar olhando, aí ficamo quase toda pessoa indo no mesmo brinquedo... bom não. Aí mesmo na entrada num tem uma piscina de boia, né? Aí nós fomo tudo ali. Aí depois fomo num escorregadorzim que é amarelo. Aí depois quando os menino já tava desistindo, já tava ficando cansado, aí o educador se sentou tipo numa merendaria, aí o educador falou que nós podia ir brincar nos brinquedo. Ai só depois foi melhorando. Aí uma hora nos fomo embora. (A3, 12 anos)

A compreensão de que nem o contexto nem uma situação externa em si possuem a função de determinar as avaliações sobre o bem-estar subjetivo está em consonância com as principais e mais atuais teorias sobre o bem-estar subjetivo, categorizadas como *top-down*. Diferente das teorias iniciais (*bottom-up*) sustenta-se que as pessoas possuem predisposição para interpretar as situações de forma tanto negativa quanto positiva e essa característica influencia a avaliação de vida. Portanto, os fatores externos, situações, variáveis demográficas não são determinantes do bem-estar subjetivo. Além disso, este construto não é unitário, mas composto por afetos positivos e negativos que podem assumir diferentes associações. Possui, portanto, múltiplas facetas que devem ser avaliadas por meio de avaliações globais, experiências momentâneas de humor, fisiologia, memória e expressão emocional (Diener et al., 1999).

Quando questionados sobre *como se sentem a maior parte do tempo*, dentre os afetos investigados (divertido, contente, animado, incomodado, humilhado, magoado, irritado e alegre), quatro participantes referiram-se a afetos positivos (alegre) e dois apresentaram afetos negativos (irritado e triste).

Na maioria do tempo eu tô alegre. Aí eu brinco com os menino, jogo bola, brinco com o educador. (A2, 12 anos)

Sempre tô alegre. Estudar também... porque na rua era difícil estudar. (A3, 12 anos)

Triste. Porque eu queria tá em casa agora. Se eu tivesse em casa tava de boa. Tinha mais vontade até de se acordar pra trabalhar. Há se pudesse voltar o tempo pra trás! Em casa era outro sistema... é tudo mais fácil. (A5, 17 anos)

Irritado. Irritado quando não tem nada pra fazer. (A6, 17 anos)

Observa-se que os afetos positivos foram relacionados ao lazer (atividades realizadas no tempo livre, como: passear e jogar), brincar (atividade lúdicas) e relacionamento com pares. Sentir-se alegre associado a estudar aponta para um resultado diferente do encontrado num estudo realizado com adolescentes americanos

de famílias de baixa renda. Neste, o ambiente escolar mostrou-se preditor de afeto negativo (Vera et al., 2008). Essa discrepância pode ser explicada pelo mecanismo de comparação, denominado “*downward*”, através do qual os adolescentes utilizam comparações entre si e de situações anteriores para sustentar emoções positivas nas condições atuais (Wadsworth & Compas, 2002). Enfatiza-se que características pessoais de  *coping*, otimismo, entre outras, podem influenciar o bem-estar, tal como visto nos estudos de bem-estar subjetivo relacionados às teorias da personalidade (Diener et al., 1999).

O uso inadequado do tempo livre (“*não ter nada pra fazer*”, A6, 17 anos) e a insatisfação com condições atuais de vida foram relacionadas a afetos negativos. Esses resultados colaboram para a compreensão do uso apropriado do tempo livre e a proximidade familiar como preditores de bem-estar (Gray et al., 2011; McAuley et al., 2012; Sarriera et al., 2013). Compreende-se que a rede social pode favorecer emoções positivas nos jovens, visto que o espaço comunitário pode propiciar espaços de lazer (quadras e praças, por exemplo), assim como, a estrutura e profissionais das instituições podem atuar como fonte de apoio para os adolescentes. O participante (A5, 17 anos) relatou sentir-se triste ao dizer preferir estar com a família. Ressalta-se que o adolescente saiu de casa e não pode retornar por estar ameaçado de morte por um traficante de drogas. Além disso, compara a instituição atual com uma antiga, em que ele relatava se sentir em casa. Na atual, ele diz não receber apoio e incentivo dos profissionais e o espaço físico da instituição é descrito por ele como precário.

## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou caracterizar o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua a partir da análise dos fatores de satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo. Realizaram-se dois estudos, sendo o Estudo I de abordagem quantitativa e o Estudo II numa perspectiva qualitativa.

O uso de delineamento multimétodos permitiu identificar e caracterizar o bem-estar subjetivo de jovens em situação de rua, como também aproximar a pesquisadora dos significados e representações subjetivas do fenômeno em estudo (Creswell, 1994). Dessa forma, foi possível conhecer o bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua de forma tanto objetiva, através de níveis e variações identificadas nas análises estatísticas, assim como compreender como a população e as variáveis em estudo se apresentam a partir da percepção dos participantes. Em ambos foi possível considerar a realidade de vida dos participantes, seja através de escalas psicométricas ou dos relatos dos participantes acessados na entrevista estruturada ou mesmo da pesquisadora que redigiu suas impressões nos diários de campo.

A realização da coleta de dados dos dois estudos ocorreu de forma individual. Avalia-se que não poderia ter ocorrido numa formatação diferente (aplicação coletiva, por exemplo) ao visar à validade dos dados, pois se tratou de instrumentos que demandaram tempo, disponibilidade e atenção dos participantes e pesquisadores. Dessa forma, foi imprescindível a relação face-a-face entre o participante e os pesquisadores, possibilitando a garantia do entendimento dos participantes sobre as perguntas realizadas, avaliação de continuidade ou finalização da aplicação em outros encontros, como também facilitou a exposição de conteúdos que envolviam experiências, sentimentos e emoções negativas. Avalia-se que a proximidade participante-pesquisador é crucial em pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua, privilegiando-se a ética em pesquisa, na trajetória desses jovens encontram-se eventos de vida que denotam o sofrimento em seus discursos, assim como a felicidade por viver e se relacionar. Portanto, é papel do pesquisador que possui compromisso com o bem-estar e saúde dos participantes, facilitar a emersão dos conteúdos pesquisados, mas, prioritariamente, ressaltar as capacidades e potencialidades dos jovens.

O Estudo I abordou a caracterização do bem-estar subjetivo (satisfação de vida, afeto positivo e afeto negativo) em relação aos eventos estressores (número e impacto), rede de apoio (total de contatos e fator de proximidade) e variáveis sociodemográficas (idade e sexo). Nos resultados obteve-se que os participantes apresentaram altas médias para todas as variáveis em estudo, à exceção do total de contatos da rede de apoio que apesar de apresentar um bom número de contatos, quando comparado a estudos anteriores que utilizaram o Mapa dos Cinco Campos (Morais, 2009; Siqueira et al., 2010), essa média sofre um decréscimo. Destaca-se que os escores de afeto positivo, afeto negativo e satisfação de vida apresentam crianças e adolescentes em situação de rua que avaliam positivamente suas vidas, tanto em relação à dimensão afetiva quanto cognitiva.

Enfatiza-se que as médias dos afetos foram altas, porém as médias de afeto positivo foram superiores às de afeto negativo, portanto, sugere-se que os participantes sentiram com maior frequência os afetos positivos do que os negativos. Assim, as altas médias de satisfação de vida certificam a avaliação positiva dos jovens sobre suas vidas.

Outra justificativa encontra-se na relação da rede de apoio atuando como amortecedor dos eventos estressores (Morais et al., 2012). Em estudos anteriores (Morais, 2009; Dell’Aglia et al., 2010; Paludo et al., 2005) verificou-se que ambientes conflituosos sugerem a ocorrência de adversidades e que contextos de qualidade relacional podem funcionar como proteção. No presente estudo, a rede de apoio obteve fator de proximidade de “grande força” (ou seja, relações afetivas de qualidade), portando, indica-se que a rede de apoio (quando constituída de vínculos promotores de saúde) dos jovens em situação de rua pode ser favorável ao bem-estar.

As análises entre as cidades verificaram crianças e adolescentes em situação de rua que, no geral, não apresentaram realidades completamente destoantes. Salienta-se que os participantes de Fortaleza tenderam a apresentar maiores frequências de eventos estressores, afetos positivos e satisfação de vida. Entretanto, os participantes de Porto Alegre e Salvador também apresentaram maior frequência de afetos positivos do que negativos, indicando a prevalência de uma percepção sobre os aspectos positivos de suas vidas, assim como apresentam alta frequência de eventos estressores.

Verifica-se, com diferença não significativa, que Salvador tendeu a apresentar menores médias de afetos positivos e maiores médias de afetos negativos do que Fortaleza e Porto Alegre. A partir dos relatos dos diários de campo das equipes de pesquisa, identificou-se que a rede socioassistencial de Salvador se apresentou em

déficit quando comparada a Fortaleza e Porto Alegre no que diz respeito a uma articulação entre as instituições. Uma dificuldade de organização das instituições pode ter como resultado a revitimização dos jovens em situação de rua. Posto que transitar por diferentes espaços não possibilita um trabalho continuado de apoio e fortalecimento de seus atributos positivos pessoais e dos demais contextos no quais estão inseridos. Nesse sentido, verifica-se que uma maior organização e articulação da rede de apoio podem implicar numa maior ocorrência de experiências protetivas e exposição de emoções positivas de crianças e adolescentes em situação de rua.

No Estudo II buscou-se compreender o significado de bem-estar subjetivo para crianças e adolescentes em situação de rua a partir da realização de estudos de casos múltiplos. Esta estratégia de pesquisa permitiu a análise cruzada das situações e comportamentos de seis adolescentes em situação de rua. Dessa forma, foi possível acessar o sentido de bem-estar subjetivo para os jovens em situação de rua, identificando as situações, as pessoas e os contextos envolvidos em cada afeto investigado, assim como os fatores relacionados à satisfação de vida.

Os participantes deste estudo foram encontrados em diferentes locais para a realização das entrevistas, o que possibilitou a investigação de possíveis diferenças na avaliação do bem-estar subjetivo em acordo com o contexto específico de cada adolescente. Os instrumentos utilizados mostraram-se adequados, mesmo para serem aplicados na rua. Em alguns locais foi possível apresentar todas as figuras e fichas ao mesmo tempo. Em outros, visto as condições ambientais (praça pública, por exemplo) foi investigada cada figura em separado. Porém, anteriormente, foi explicitada a existência de todos os cinco contextos assim como das fichas relativas aos afetos, buscando minimizar as diferenças na aplicação dos instrumentos entre os ambientes de pesquisa.

O uso de figuras facilitou a exposição dos conteúdos relacionados aos afetos investigados. A visualização dos contextos em figuras e das fichas nomeando os afetos tornou o momento de coleta de dados lúdico e dinâmico. Além disso, os adolescentes foram instruídos a escolherem de acordo com a preferência os afetos que iriam abordar. Esta livre escolha e o manuseio dos objetos envolveram os adolescentes numa participação ativa, diminuindo possibilidades de cansaço e desinteresse durante a entrevista. Da mesma forma aconteceu com a utilização do desenho para acessar conteúdos relativos à satisfação de vida. Nota-se que a utilização de estratégias metodológicas que abordem o conteúdo no contexto de forma lúdica e experiencial é

favorável à obtenção da validade de pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua. Em relação à postura do(a) pesquisador(a), ressalta-se que a pesquisa com essa população exige criatividade, tanto no que se refere à aplicação de instrumentos quanto à adequação das metodologias aos diferentes contextos, redefinindo e reajustando métodos ao visar, em primazia, o bem estar dos participantes.

Nas entrevistas verificou-se que os afetos positivos envolveram momentos em que os participantes estavam à vontade, se relacionando e engajados em atividades, em interação com as pessoas e o meio de forma a potencializar os atributos desenvolvimentais. Ou seja, foram situações positivas promotoras de desenvolvimento, que proporcionaram o exercício das características geradoras, de competência e demanda, tal como aborda Bronfenbrenner et al. (2006).

Os Estudos I e II apontaram que os fatores externos não são determinantes, numa relação linear de causalidade, do bem-estar subjetivo. Cada indivíduo percebe o bem-estar subjetivo em sua idiossincrasia. Ou seja, os eventos estressores como a violência física, sexual e emocional, por exemplo, são adversidades potencialmente prejudiciais ao desenvolvimento e ao bem-estar dos participantes. Entretanto, estas não são consideradas individualmente. Existem outras variáveis que podem atuar de forma a minimizar os possíveis prejuízos.

A rede de apoio demonstrou-se como proteção na medida em que proporcionou experiências e emoções positivas. Algumas relações estabelecidas com as pessoas e os contextos evidenciaram a negligência, violência, entre outras adversidades que podem influenciar negativamente o bem-estar subjetivo. Por isto, a necessidade de contextualizar a rede de apoio antes de constatar-la exclusivamente como proteção. Destarte, as experiências positivas na rede de apoio podem ter funcionado como proteção, visto que, no geral, a vivência de eventos negativos de vida não influenciaram em decréscimo os afetos positivos e satisfação de vida.

Outro fator influente na percepção do bem-estar subjetivo para os jovens em situação de rua verificou-se na satisfação de vida, funcionando como reguladora das emoções. Este resultado evidenciou-se nos altos níveis de bem-estar subjetivo no estudo de delineamento quantitativo, assim como nas falas dos participantes no estudo qualitativo, que em maioria relataram sentir na maior parte do tempo o afeto positivo “alegre” e avaliaram-se como satisfeitos com suas vidas.

Embora o presente trabalho tenha evidenciado a visão positiva que os jovens em situação têm de suas vidas, no que se refere ao bem-estar subjetivo, descrevem-se

felizes e satisfeitos, reflete-se que os riscos vivenciados por essa população estão presentes no seu cotidiano. A violação de direitos é clara nos resultados quantitativos e qualitativos, identificando experiências que denunciam a vulnerabilidade dos participantes e seus familiares.

A experiência de atribuir maior importância aos aspectos positivos da vida em detrimento dos negativos ou mesmo de deixar-se invadir pelas virtudes e qualidades humanas, reconhecendo a beleza e o afeto presente nas relações com as pessoas e os ambientes e não apenas o que faz sentir-nos tristes, magoados, etc. revela-se na capacidade de “ver dentro da alma” (Seligman, 2002, p. 4). A partir desta, o autor afirma a necessidade de criação das qualidades humanas através da potencialização das forças pessoais, auxiliando-as a viverem suas vidas, amortecendo suas fraquezas e as tempestades da vida. Trata-se, portanto, de ir além do que consertar o que está errado na trajetória de vida de crianças e adolescentes em situação de rua. Trata-se de identificar e cultivar suas qualidades mais fortes, incentivando seus recursos, seus talentos e ajudando-os a encontrar ambientes em que se pode viver melhor essas qualidades positivas. Acrescenta-se a necessidade de criação de ambientes adequados ao florescimento e fortalecimento das qualidades dos jovens em situação de rua. Ou seja, contextos de proteção que possibilitem experiências positivas de bem-estar, que empoderam e agregam virtudes, capacidades e habilidades às crianças e adolescentes em situação de rua.

Esta dissertação referiu-se a jovens que se sentem amorosos, carinhosos, felizes e satisfeitos com suas vidas. Que existem fatores de risco, situações de violência, uso de drogas, mas isto não limita os jovens em situação de rua a viverem tristes, deprimidos e abandonados. Estas características negativas podem representar um estereótipo de jovens em situação de rua pertencente ao imaginário social, o que dificulta a população em geral compreender as crianças e adolescentes em situação de rua em suas emoções positivas e satisfeitas com suas vidas, apesar das adversidades. Desnaturalizando a situação de rua assim como as características pejorativas e estereotipadas, ressalta-se a perspectiva de crianças e adolescentes em situação de rua autores de suas vidas e que com o auxílio de uma rede de apoio protetiva podem superar a situação de vulnerabilidade e dos riscos enfrentados na vida cotidiana.

A ênfase sobre os processos positivos de crianças e adolescentes em situação de rua especificamente sobre o bem-estar subjetivo apresenta-se como contribuição para a área do bem-estar subjetivo e do desenvolvimento em contextos de adversidades. Posto

que se abordou o bem-estar subjetivo numa realidade específica, a situação de rua, com seus significados, concepções e organização social própria desse contexto, assim como numa relação complementar, na qual analisou-se os fatores positivos na relação com os riscos ao desenvolvimento. No que diz respeito ao campo do desenvolvimento em contextos adversos, acrescentou-se uma concepção positiva e psicossocial de crianças e adolescentes em situação de rua. Esta analisou os indicadores de bem-estar subjetivo nas dimensões afetivas e cognitiva, sendo estes componentes de uma percepção positiva dos jovens em situação de rua sobre suas vidas.

Indicam-se algumas limitações e sugestões para pesquisas futuras. O estudo de delineamento transversal possibilitou o conhecimento das variáveis investigadas num momento específico do tempo. Uma pesquisa de natureza longitudinal poderia compreender os processos positivos dos jovens ao longo do tempo, verificando possíveis implicações dos eventos estressores em relação com o bem-estar subjetivo em momentos posteriores. Outra limitação expõe-se nos resultados de comparação entre as cidades, visto que se obteve diferença entre as cidades para algumas variáveis, uma análise mais detalhada dos contextos das três capitais pesquisadas poderia subsidiar argumentos e discussões mais aprofundadas sobre os motivos das diferenças encontradas. Aponta-se também uma sugestão para o estudo qualitativo de forma a sistematizar a compreensão do bem-estar subjetivo a partir da abordagem bioecológica. No presente estudo, verificaram-se as situações, pessoas e contextos relacionados ao bem-estar subjetivo. Porém, numa sistematização de coleta e análise de dados em acordo com a proposta PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo) poderia analisar-se o bem-estar subjetivo nessas quatro dimensões do desenvolvimento.

Apesar de suas limitações, o presente trabalho constitui-se numa visão complexa do desenvolvimento em condições de vulnerabilidade, transpondo-se de uma abordagem limitada ao levantamento de indicadores de risco vivenciados por essas populações para o conhecimento dos indicadores positivos que potencializam o desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, M.; Castro, M. G.; Pinheiro, L. C.; Lima, F. S.; & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO
- Alves, P. B., Koller, S. H., Silva, A. S., Santos, C. L., Silva, M. R., Reppold, C. T. & Prade, L. T. (2002). Atividades cotidianas de crianças em situação de rua. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 305-313.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.
- Arpini, D. M., Quintana, A. M., & Golçalves, C. dos S. (2010). Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. *Psicologia Argumento*, 28(63), 325-336.
- Arteche, A. (2003). *O impacto do trabalho nas variáveis coping e bem-estar subjetivo em uma amostra de adolescentes* (Dissertação de Mestrado). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/2640>
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. (L. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70, Livraria Martins Fontes (Originalmente publicado em 1977).
- Brito, R. (1997). *Uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua: subsídios para uma intervenção comunitária*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.
- Brito, R. & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: A. M. Carvalho (Ed.). *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp. 115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In R. M. Lerner & W. Damon (Org.), *Handbook of child psychology* (Vol.1, pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In B. L. Friedmann & T. D. Wacks (Orgs.), *Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts* (pp. 3-30). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21<sup>st</sup> century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (2006). The Bioecological Model of Human Development. In R. M. Lerner & W. Damon (Org.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. (6th ed., Vol 1, pp. 793-828).
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2005).

- Bryant, B. K. (1982). An index of empathy for children and adolescents. *Child Development*, 53, 413-425.
- Campos, R., Raffaelli, M., Ude, W., Greco, M., Ruff, A., Rolf, J., Antunes, C. M., Halsey, N., & Greco, D. (1994). Social networks and daily activities of street youth in Belo Horizonte, Brazil. *Child Development*, 65, 319-330.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, 15(4), 679-84.
- Casas, F., González, M., & Navarro, D. (2014). Social psychology and child well-being. In Ben-Arieh, A., Casas, F., Frones, I., Korbin, J.E. (Eds.), *Handbook of child well-being: Theories, methods and policies in global perspective*. Springer Book Archives.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 515-524.
- Conceição, M. I. G., & Sudbrack, M. F. O. (2004). Estudo sociométrico de uma instituição alternativa para crianças e adolescentes em situação de rua: construindo uma proposta pedagógica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 227-286.
- Creswell, J. W. (1994). *Research desing: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage.
- Damásio, B. F., Pacico, J. C., Poletto, M., & Koller, S. H. (2013). Refinement and psychometric properties of the eight-item brazilian Positive and Negative Affective Schedule for Children (PANAS-C8). *J. Happiness Stud*, 14(4), 1363-1378.
- De Antoni, C., Hoppe, M. W., Medeiros, F. & Koller, S. H. (1999). Uma família em situação de risco: Resiliência e vulnerabilidade. *Interfaces: Revista de Psicologia*, 2(1), 81-85.
- Dell'Algio, D. D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes* (Tese de Doutorado). Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2909>
- Dell'Algio, D. D., & Hutz, C. S. (2004). Depressão e Desempenho Escolar em Crianças e Adolescentes Institucionalizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(3), 341-350.
- Dell'Algio, D. D. & Siqueira, A. C. (2010). Preditores de Satisfação de Vida de Jovens em Situação de Vulnerabilidade no sul do Brasil. *Psicodebate* (Buenos Aires), 10, 213-230.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Diener, E. (1996). Subjective well-being in cross-cultural perspective. In G. Hector, *Key issues in cross-cultural psychology: selected papers from the Twelfth International Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology*. San Diego: Academic Press.
- Diener, E., Suh, E. & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25-41.

- Diener, E. D., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, *125*(2), 276-302.
- Diener, E., & Seligman, M. (2002). Very happy people. *Psychological Science*, *13*(1), 81-84.
- Diener, E. (2009). Subjective well-being. In E. Diener (Ed.), *Assessing Well-Being: The Collected Works of Ed Diener, Social Indicators Research Series*, *37*, 11-58.
- Diener, E. (2012). New findings and future directions for subjective well-being research. *The American Psychologist*, *37*(november), 590-597.
- Eschiletti-Prati, L., Paula Couto, M. C. De, Moura, A. Da S, Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Revisitando a Inserção Ecológica: Uma proposta de sistematização. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, *21*, 160-169.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). *Lei n. 8.069. de 13 de julho de 1990*. Brasília, DF: Ministério da Justiça.
- Fergus, S. & Zimmerman, M. A. (2005). Adolescent resilience: a framework for understanding healthy development in the face of risk. *Annual Reviews of Public Health*, *26*, 39-419.
- Gehring, T. M. *Family System Test (FAST)*. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers, 1993.
- Giacomoni, C. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação* (Tese de Doutorado). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/3158>
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, *12*(1), 43-50.
- Giacomoni, C. H. & Hutz, C. S. (2006). Escala de Afeto Positivo e Negativo para crianças: Estudo de construção e validação. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, *10*(2), 235-245.
- Gomes, M. A., & Pereira, M. L. D. (2003). O adolescente e a rua: encantos e desencantos. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, *3*(1), 106-120.
- Gomes, M. A., & Pereira, M. L. D. (2005). Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, *10*(2), 357-363.
- Gray, R. S., Chamratrithirong, A. P., Prasartkul, U., & Prasartkul, P. (2011). Happiness Among Adolescent Students in Thailand: Family and Non-Family Factors. *Social Indicators Research*, *110*(2), 703-719.
- Haack, K. R., Vasconcellos, J. dos S. de L., Pinheiro, S. D., & Prati, L. E. (2012). Resiliência em Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, *5*(2), 270-281.
- Hoppe, M. (1998). *Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Hutz, C. M., & Koller, S. H. (1996). Questões sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de rua. *Estudos de Psicologia*, *2*(1), 175-197.

- Hutz, C. M., Koller, S. H., & Bandeira, D.R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP: Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida*, 12, 79-86.
- Hutz, C. S. & Koller, S. H. (1999). Methodological and ethical issues in research with street children. *New Directors for Child and Adolescents Development*, 85, 59-70.
- Koller, S. H., & Hutz, C. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. *Coletâneas da ANPEPP*, 1, 11-34.
- Koller, S. H. & De Antoni, C. (2004). Violência familiar: Uma visão ecológica. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 293-310). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Koller, S. H. (2011). Psicólogos de rua. In S. H. Koller (Eds.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 23-46). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kristensen, C. H., Dell’Aglío, D. D., Leon, J. S. & D’Incao, D. B. (2004). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação*, 8, 45-55.
- Kristensen, C. H., Leon, J. S., D’Incao, D. B., & Dell’Aglío, D. D. (2005). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação em Psicologia*, 8(1), 45-55.
- Laurent, J., Catanzaro, S. J., Joiner, T. E., Rudolph, K. D., Potter, K. I., Lambert, S., Osborne, L., & Gathright, T. (1999). A measure of positive and negative affect for children: Scale development and preliminary validation. *Psychological Assessment*, 11, 326-338.
- Lucchini, R. (2003). A criança em situação de rua: uma realidade complexa. In I. Rizzini (Ed.), *Vida nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (p. 45-86). Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola.
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in developmental psycho-pathology. In B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (Vol. 8, pp.1-52). New York: Plenum Press.
- McFarlane, A. H., Bellissimo, A., & Norman, G. R. (1995). Family structure, family functioning and adolescent well-being: the transcendent influence of parental style. *Journal of Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 36(5), 847-864.
- McAuley, C., McKeown, C., & Merriman, B. (2012). Spending Time with Family and Friends: Children’s Views on Relationships and Shared Activities. *Child Indicators Research*, 5(3), 449-467.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mondell, S., & Tyler, F. B. (1981). Child psychosocial competence and its measurement. *Journal of Pediatric Psychology*, 6(2), 145-154.
- Morais, N. A. (2005). *Um estudo sobre a saúde de adolescentes em situação de rua: o ponto de vista dos adolescentes, profissionais de saúde e educadores* (Dissertação de mestrado). Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7392>

- Morais, N. A. (2009). *Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: entre o risco e a proteção* (Tese de doutorado). Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16660>
- Morais, N. A., Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2010). Crianças e adolescentes em situação de rua: história, caracterização e modo de vida. In N. A. Moraes, L. Neiva-Silva, & S. H. Koller (Eds.), *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 35-61). São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Paludo, S., & Koller, S. H. (2010). Famílias de crianças e adolescentes em situação de rua. In N. A. Moraes, L. Neiva-Silva, & S. H. Koller (Eds.), *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 177-197). São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Koller, S. K., & Raffaelli, M. (2010). Eventos estressores e indicadores de ajustamento entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. *Universitas Psychologica*, 9(3), 315-330.
- Morais, N. A., Moraes, C. A., Reis, S. & Koller, S. H. (2010). Promoção de saúde e adolescência: um exemplo de intervenção com adolescentes em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 507-518.
- Morais, N. A., Koller, S. H. (2011). Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In S. H. Koller (Eds.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 95-111). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Koller, S. H., & Raffaelli, M. (2012). Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Universitas Psychologica*, 11(3), 779-791.
- Morais, N. A., Raffaelli, M., & Koller, S. H. (2012). Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o continuum risco-proteção. *Avances em Psicologia Latinoamericana*, 30(1), 122-140.
- Morais, N. A., Koller, S. H., & Raffaelli, M. (in press). Inserção Ecológica na pesquisa sobre trajetórias de vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade social: identificando fatores de risco e proteção. In S. S. Paludo & S. H. Koller (Eds.), *Inserção ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moura, Y. G., Silva, E. A., & Noto, A. R. (2009). Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia em Pesquisa*, 3(01), 31-46.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2004). *Políticas públicas de/ para com as juventudes*. Brasília: UNESCO.
- Paludo, S. (2008).  *Emoções Moraes e Gratidão: Uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de jovens que vivem em situação de risco pessoal e social* (Tese de Doutorado). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/14289>
- Paludo, S. & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 187-195.
- Paludo, S. & Koller, S. H. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20.

- Paludo, S., & Koller, S. H. (2008). Toda criança tem família: criança em situação de rua também. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 42-52.
- Paludo, S., & Koller, S. H. (2011). Inserção Ecológica no espaço da rua. In S. H. Koller (Eds.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 223-248). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pollard, E. L., & Lee, P. D. (2003). Child well-being: a systematic review of the literature. *Social Indicators Research*, 61, 59-78.
- Poletto, M. (2007). *Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade* (Dissertação de Mestrado). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/10812>
- Poletto, M. (2011). *Bem-estar subjetivo: um estudo longitudinal com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social* (Tese de Doutorado). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/31938>
- Poletto, R. C., & Koller, S. H. (2002). Rede de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza. *Psico-PUCRS*, 33 (1), 151-176.
- Poletto, M., Wagner, T. M. C., & Koller, S. H. (2004). Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 241-250.
- Polletto, M., Koller, S. H., & Dell’Aglío, D. D. (2009). Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 455-466.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2011). Subjective well-being in socially vulnerable children and adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 476-484.
- Raffaelli, M. (1999). Street youth in Latin America: A developmental review. *Interamerican Journal of Psychology*, 32, 7-28.
- Raffaelli, M., Koller, S. H., Reppold, C. T., Kuschick, F. M. B., & Bandeira, D. R. (2001). How do Brazilian street youth experience “the street”? analysis of a sentence completion task. *Childhood*, 8(3), 396-415.
- Raffaelli, M., Koller, S. H., & Morais, N. A. (2007). Assessing the development of Brazilian street youth. *Vulnerable Children and Youth Studies*, 2, 154-164.
- Raffaelli, M., Morais, N. A., & Koller, S. H. (2013). Children at Risk: The Case of Latin American Street Youth. In: A. Ben-Arieh; F. Casas e J. Korbin (Orgs.) *Handbook of Child Well-Being: Theories, Methods and Policies in Global Perspective* (pp. 2653-2668). Germany: Springer.
- Ribeiro, J., Koller, S. H., & Camino, C. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para o uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 43-53.
- Rizzini, I., Barker, G. & Cassaniga, N. (2000). *Criança não é risco, é oportunidade: fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária/Instituto Promundo.
- Robson, C. (1993). *Real World Research: a resource for social sciences and practitioner-researcher*. Oxford: Blackwell.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598-611.

- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21(2), 119-144.
- Samuelsson, M., Thernlund, G., & Ringström, J. (1996). Using the Five Field Map to describe the social network of children: a methodological study. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 327-346.
- Santana, J. P. (2003). *Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua: objetivos atribuídos por seus dirigentes e pelos jovens atendidos*. (Dissertação de Mestrado). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/2162>
- Santana, J. P., Doninelle, T. M., Frosi, R. V., & Koller, S. H. (2005). É fácil tirar a criança da rua, o difícil é tirar a rua da criança. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 10(2), 165-174.
- Sarriera, J. C., Paradiso, A. C., Abs, D., Soares, D. H. P., Silva, C. L., & Fiuza, P. J. (2013). O bem-estar pessoal dos adolescentes através do seu tempo livre. *Estudos de Psicologia*, 18(2), 285-295.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. de S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.
- Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York: Oxford University Press.
- Siqueira, A. C., Tubino, C. de L., Schwarz, C., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 176-190.
- Siqueira, A. C. & Dell'Aglio, D. D. (2010). Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 407-415.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 2007).
- Souza, T. de J. (2013, junho). O movimento nacional de meninos e meninas de rua e a conquista dos direitos: o marco do movimento social em prol da garantia dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. In *III Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais: Expressões socioculturais da crise do capital e as implicações para a garantia dos direitos sociais e para o Serviço Social*. Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Strack, F., Argyle, M., & Schwarz, N. (1991). *Subjective well-being: an interdisciplinary perspective*. Oxford u.a.: Pergamon Press.
- Stueve, A., O'Donnell, L. N., Duran, R., San Doval, A., & Blome, J. (2001). Time-space sampling in minority communities: Results with young Latino men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 91, 922-926.
- Vera, E., Thakral, C., Gonzales, R., Morgan, M., Conner, W., Caskey, E., Bauer, A., Mattered, L., Clark, S., Bena, K., & Dick, L. (2008). Subjective well-being in urban

- adolescents of color. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 14(3), 224-233.
- Wadsworth, M. & Compas, B. (2002). Coping with family conflict and economic strain. *Journal of Research on Adolescence*, 12(2), 243-274.
- Wagner, A., Ribeiro, L. de S., Arteche, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner, *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões* (pp. 19-35). Porto Alegre: Artmed.
- Waiselfisz, J. J. (2013). *Mapa da violência 2013: mortes matadas por armas de fogo*. Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos – CEBELA, Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais – FLACSO.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4.ed. Porto Alegre: Bookman.
- Yunes, M. A. M., Arrieche, M. R. de O., Tavares, M. de F. A., & Faria, L. C. (2001). Família vivida e família pensada na percepção de crianças em situação de rua. *Paidéia*, 11(20), 47-56.

## ANEXO A. ENTREVISTA DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA

Participante: \_\_\_\_\_ Data: // Local: \_\_\_\_\_ Entrevistador: \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_

### A. HISTÓRIA PESSOAL E FAMILIAR

1. Em que data você nasceu?(dd/mm/aaaa) \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_
2. Onde você nasceu?:
3. Durante sua vida com quem você já morou?
4. Quais os locais que você morou durante a sua vida?
5. Com quem você morava antes de sair de casa ( somente para adolescentes que estão/estiveram em situação de rua)?
6. A) Quantas pessoas trabalhavam na sua casa?  
B) Qual salário, aproximadamente, de sua família?
7. Como era a relação entre as pessoas da sua família?
8. Você sofreu algum tipo de violência física, emocional ou sexual antes de sair de casa?
9. A) Você sabe onde mora a sua família?  
B) Você mantém algum tipo de contato com sua família?  
C) Com que frequência? Quando foi a última vez que você teve contato com alguém da sua família?

### B. SAÍDA DE CASA (ou ficar muito tempo na rua, ou ter uma experiência de risco na rua)

1. Quando começou a ir para a rua?
2. Quais foram os motivos que lhe levaram a ir para a rua?
3. Inicialmente, o que você fazia na rua?
4. Você se considera/considerava um adolescente de rua?
5. Se sim, quais acontecimentos ocorreram para você perceber que já era um adolescente de rua?

### C. VIDA NAS RUAS (Atual ou anterior)

1. Onde você dorme/dormia quando fica/ficava na rua?
2. Como faz/fazia para conseguir dinheiro?
3. Como você faz/fazia para conseguir comida?
4. O que você faz/fazia durante o dia? E à noite?
5. E nos finais de semana?
6. Você já sofreu algum tipo de abuso violência, emocional ou sexual na rua?

### D. EXPERIÊNCIA ESCOLAR E DE TRABALHO

1. Está frequentando alguma escola? Se sim, qual série? Como está sendo o seu desempenho na escola?
2. Se não, em que série parou e como era seu desempenho?
3. Quais foram as razões que levaram você a deixar a escola?
4. Você está trabalhando? Se sim, onde?

5. Se sim, quanto você ganha? Quantas horas trabalha?
6. Já teve outro trabalho, o que você fazia? Quanto você ganhava?

#### **E. HISTÓRICO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO**

1. Quais as instituições que você frequenta atualmente?
2. Quais as atividades que você participa na instituição?
3. Quais os motivos que te levam a frequentar as instituições?
4. Já esteve abrigado em alguma instituição?
5. Já fugiu/evadiu dessa instituição? Quantas vezes? Quais os motivos?

#### **B. SAÍDA DE CASA** (ou ficar muito tempo na rua, ou ter uma experiência de risco na rua)

1. Quando começou a ir para a rua?
2. Quais foram os motivos que lhe levaram a ir para a rua?
3. Inicialmente, o que você fazia na rua?
4. Você se considera/considerava um adolescente de rua?
5. Se sim, quais acontecimentos ocorreram para você perceber que já era um adolescente de rua?

#### **C. VIDA NAS RUAS** (Atual ou anterior)

1. Onde você dorme/dormia quando fica/ficava na rua?
2. Como faz/fazia para conseguir dinheiro?
3. Como você faz/fazia para conseguir comida?
4. O que você faz/fazia durante o dia? E à noite?
5. E nos finais de semana?
6. Você já sofreu algum tipo de abuso violência, emocional ou sexual na rua?

#### **D. EXPERIÊNCIA ESCOLAR E DE TRABALHO**

1. Está frequentando alguma escola? Se sim, qual série? Como está sendo o seu desempenho na escola?
2. Se não, em que série parou e como era seu desempenho?
3. Quais foram as razões que levaram você a deixar a escola?
4. Você está trabalhando? Se sim, onde?
5. Se sim, quanto você ganha? Quantas horas trabalha?
6. Já teve outro trabalho, o que você fazia? Quanto você ganhava?

#### **E. HISTÓRICO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO**

1. Quais as instituições que você frequenta atualmente?
2. Quais as atividades que você participa na instituição?
3. Quais os motivos que te levam a frequentar as instituições?
4. Já esteve abrigado em alguma instituição?
5. Já fugiu/evadiu dessa instituição? Quantas vezes? Quais os motivos?

## ANEXO B. INVENTÁRIO DE EVENTOS ESTRESSORES

Participante: \_\_\_\_\_ Data: //    Local: \_\_\_\_\_ Entrevistador: \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_

*Agora eu vou ler para você uma lista de coisas e eu quero que você me diga se alguma delas aconteceu com você nos últimos seis meses. Você deverá responder sim ou não a cada evento mencionado (apresentar a escala).*

Nada Estressante	Um pouco Estressante	Mais ou menos Estressante	Muito Estressante	Totalmente Estressante
1	2	3	4	5

*Aconteceu*

*Avaliação*

- |   |   |           |
|---|---|-----------|
| 1. Começou a dormir em um lugar novo                                      | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 2. Cumpriu medida socioeducativa em privação de liberdade                 | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 3. Começou a viver/morar com novas pessoas (familiares, amigos)           | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 4. Hospitalizado por acidente/doença                                      | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 5. Voltou a morar na casa da família                                      | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 6. Teve problema grave de saúde   | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 7. Morte de um amigo próximo ou parceiro romântico                        | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 8. Terminou com o namorado/namorada                                       | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 9. Começou a sair com novo namorado (a)                                   | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 10. Foi vítima da violência física  | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 11. Foi vítima de violência sexual  | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 12. Foi ameaçado de morte   | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 13. Morte do pai ou da mãe  | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 14. Morte de membro da família (sem serem os pais)                        | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 15. Parou de ver um amigo próximo ou grupo de amigos                      | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 16. Parou de estudar  | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 17. Começou (recomeçou) a estudar   | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 18. Teve um filho   | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 19. Começou a frequentar uma instituição                                  | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 20. Deixou de frequentar uma instituição                                  | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 21. Começou a realizar alguma atividade para conseguir dinheiro           | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 22. Parou de realizar alguma atividade através da qual conseguia dinheiro | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |
| 23. Outros eventos principais da vida (escreva)                           | <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim | 1 2 3 4 5 |

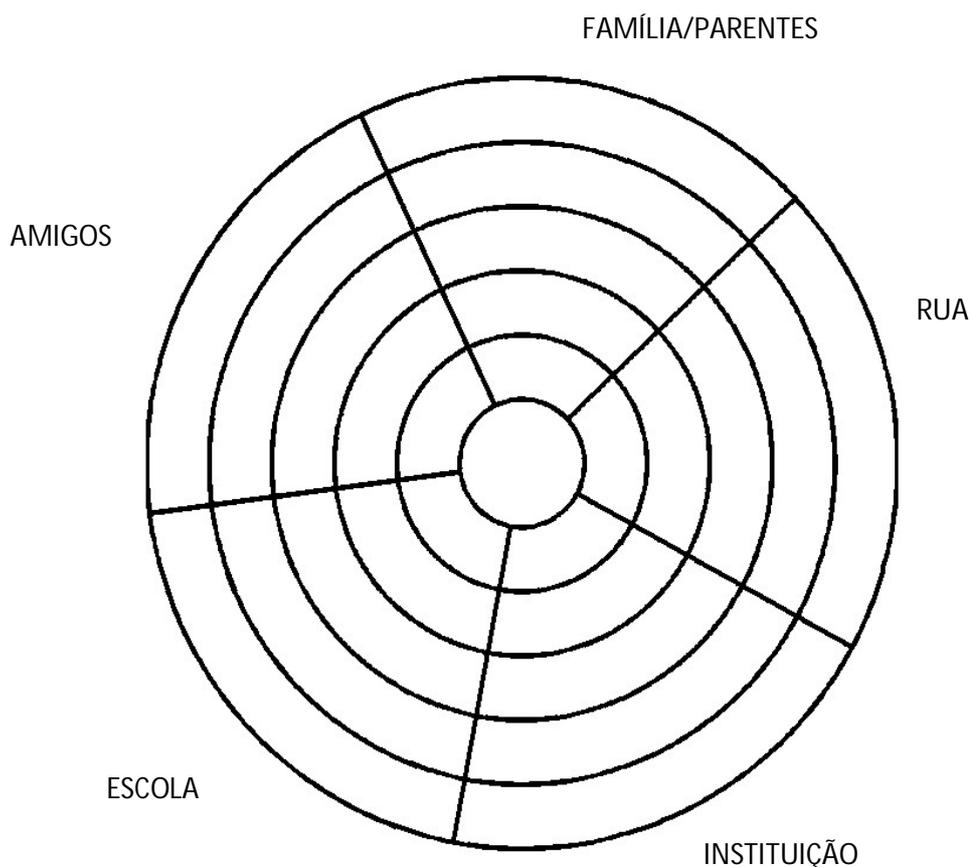
## ANEXO C. MAPA DOS CINCO CAMPOS (REDE DE APOIO)

Participante: \_\_\_\_\_ Data: // Local: \_\_\_\_\_ Entrevistador: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

IDADE:

DATA DE APLICAÇÃO:

TEMPO DE DURAÇÃO:



### Folha de Registro do Mapa dos Cinco Campos

**Família/Parentes**

Ordem de escolha:

1      2      3      4      5

Pessoa/Relação	Nível	Gênero M/F	Par/Adulto	Conflito S/N	Rompimento S/N
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					





## ANEXO D. ESCALA DE AFETO POSITIVO E NEGATIVO

Participante: \_\_\_\_\_ Data: / / Local: \_\_\_\_\_ Entrevistador: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

*Gostaríamos de saber como você tem se sentindo ultimamente. Não há respostas certas ou erradas. O que é realmente importante é que você responda com sinceridade. Eu vou ler um número de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Depois de cada palavra você deve responder o quanto você tem sentindo isso ultimamente, por exemplo "feliz": o quanto você tem se sentido feliz (apresentar a representação da escala, e perguntar por cada afeto).*

Exemplo:

Você tem se sentido <b>feliz</b> :				
<b>(1)</b>	<b>(2)</b>	<b>(3)</b>	<b>(4)</b>	<b>(5)</b>
<b>Nem um pouco</b>	<b>Um pouco</b>	<b>Mais ou Menos</b>	<b>Bastante</b>	<b>Muitíssimo</b>

Afeto	1	2	3	4	5	Afeto	1	2	3	4	5
1. Irritado	<input type="checkbox"/>	18. Esperto	<input type="checkbox"/>								
2. Divertido	<input type="checkbox"/>	19. Humilhado	<input type="checkbox"/>								
3. Magoado	<input type="checkbox"/>	20. Forte	<input type="checkbox"/>								
4. Contente	<input type="checkbox"/>	21. Deprimido	<input type="checkbox"/>								
5. Perturbado	<input type="checkbox"/>	22. Amoroso	<input type="checkbox"/>								
6. Carinhoso	<input type="checkbox"/>	23. Desanimado	<input type="checkbox"/>								
7. Nervoso	<input type="checkbox"/>	24. Corajoso	<input type="checkbox"/>								
8. Feliz	<input type="checkbox"/>	25. Incomodado	<input type="checkbox"/>								
9. Triste	<input type="checkbox"/>	26. Decidido	<input type="checkbox"/>								
10. Animado	<input type="checkbox"/>	27. Assustado	<input type="checkbox"/>								
11. Furioso	<input type="checkbox"/>	28. Esforçado	<input type="checkbox"/>								
12. Alegre	<input type="checkbox"/>	29. Envergonhado	<input type="checkbox"/>								
13. Culpado	<input type="checkbox"/>	30. Cuidadoso	<input type="checkbox"/>								
14. Participativo	<input type="checkbox"/>	31. Delicado	<input type="checkbox"/>								
15. Preocupado	<input type="checkbox"/>	32. Impaciente	<input type="checkbox"/>								
16. Satisfeito	<input type="checkbox"/>	33. Interessado	<input type="checkbox"/>								
17. Chateado	<input type="checkbox"/>	34. Amedontrado	<input type="checkbox"/>								

## ANEXO E. ESCALA DE SATISFAÇÃO DE VIDA

*Agora eu vou ler para você cinco frases, com as quais você pode concordar ou discordar. (apresentar a representação da escala).*

Discordo Fortemente	Discordo um Pouco	Nem Discordo Nem Concordo	Concordo um Pouco	Concordo Fortemente
1	2	3	4	5

- 1. A sua vida está próxima do seu ideal
- 2. As suas condições de vida são excelentes
- 3. Você está satisfeito com a sua vida
- 4. Até agora você tem conseguido as coisas importantes que você quer na vida
- 5. Se você pudesse viver a sua vida de novo você não mudaria quase nada

## ANEXO F. CARTA DE ACEITE DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

### PARECER N.º. 397/2011

**Projeto de Pesquisa:** O impacto da vida na rua em adolescentes de Fortaleza, Ce: um estudo longitudinal sobre risco e proteção.

**Pesquisador Responsável:** Normanda Araújo de Moraes

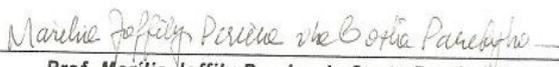
**Data de apresentação ao COÉTICA:** 03/11/11

**Registro no COÉTICA:** 11-523

**CAAE:** 0526.0.037.165-11

**Parecer:** Aprovado na data 08/12/11

**Obs.:** O(a) pesquisador(a) deverá apresentar uma cópia do relatório final ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza.

  
**Prof. Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba**  
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

## ANEXO G. TERMO DE CONCORDÂNCIA PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “O impacto da vida na rua em adolescentes: Um estudo longitudinal sobre risco e proteção”. O objetivo principal do estudo é identificar o impacto da vida na rua sobre dimensões físicas, comportamentais e psicológicas de adolescentes em situação de rua da cidade de Porto Alegre. O estudo prevê a participação de adolescentes entre 13-17 anos, de ambos os sexos, os quais deverão participar de três momentos de coleta de dados, com intervalos de seis meses entre uma e outra. A coleta de dados deverá acontecer no espaço da rua e em instituições da rede de atendimento específica a essa população.

As crianças e adolescentes participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem prejuízo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes, bem como das instituições envolvidas. Todo o material desta pesquisa ficará sob responsabilidade dos pesquisadores responsáveis e após a elaboração do relatório final, será lacrado e armazenado na coordenação do Projeto, que se situa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dados individuais dos participantes coletados no processo de pesquisa não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, mas haverá uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para as instituições.

Uma vez que a coleta de dados deverá envolver a inserção de pesquisadores (estudantes da graduação do curso de Psicologia e psicólogos formados) por um período estendido de tempo (um ano e meio) nas ruas e instituições da cidade e dada, sobretudo, a condição de vulnerabilidade pessoal e social em que se encontra a população estudada, acredita-se que é de fundamental importância que o Ministério Público tome conhecimento da realização desse estudo e, mais do que isso, que autorize a sua realização. Adianta-se que, caso essa autorização seja recebida, o próximo passo deverá ser a apresentação da proposta de pesquisa à rede de atendimento à infância/adolescência em situação de rua da cidade, a quem também será apresentado um termo de concordância. Acredita-se que com esse trabalho poderá se contribuir para a avaliação e elaboração das políticas sociais dirigidas a essa população, juntando-se aos esforços das instituições que já estão empenhadas nessa tarefa.

Diante do exposto, solicitamos a autorização do Ministério Público para a realização desse estudo.

Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a coordenadora Profa. Dra. Sílvia Helena Koller, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queiram contactar com nossa equipe, isto poderá ser feito pelo telefone (51) 3316-5150 (Profa. Sílvia) ou (51) 8236-3104 (Normanda Araujo de Moraes). Caso tenha alguma dúvida, o Comitê de Ética em Pesquisas da UFRGS está à disposição no telefone (51) 3316-3629.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Data

\_\_\_\_\_

Coordenador(a) Local do Projeto

Concordamos que os adolescentes em situação de rua da cidade de Porto Alegre participem do presente estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável do Ministério Público

## ANEXO H. TERMO DE CONCORDÂNCIA PARA AS INSTITUIÇÕES

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “O impacto da vida na rua em adolescentes: Um estudo longitudinal sobre risco e proteção”. O objetivo principal do estudo é identificar o impacto da vida na rua sobre dimensões físicas, comportamentais e psicológicas de adolescentes em situação de rua da cidade de Porto Alegre. O estudo prevê a participação de adolescentes entre 13-17 anos, de ambos os sexos, os quais deverão participar de três momentos de coleta de dados, com intervalos de seis meses entre uma e outra. A coleta de dados deverá acontecer no espaço da rua e em instituições da rede de atendimento específica a essa população.

As crianças e adolescentes participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem prejuízo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes, bem como das instituições envolvidas. Todo o material desta pesquisa ficará sob responsabilidade dos pesquisadores responsáveis e após a elaboração do relatório final, será lacrado e armazenado na coordenação do Projeto, que se situa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dados individuais dos participantes coletados no processo de pesquisa não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, mas haverá uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para as instituições.

Uma vez que a coleta de dados deverá envolver a inserção de pesquisadores (estudantes da graduação do curso de Psicologia e psicólogos formados) por um período estendido de tempo (um ano e meio) nas ruas e instituições da cidade e dada, sobretudo, a condição de vulnerabilidade pessoal e social em que se encontra a população estudada, acredita-se que é de fundamental importância que esta Instituição tome conhecimento da realização desse estudo e, mais do que isso, que autorize a sua realização.

Diante do exposto, solicitamos a autorização da Instituição para a realização desse estudo.

Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a coordenadora Profa. Dra. Sílvia Helena Koller, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queiram contactar com nossa equipe, isto poderá ser feito pelo telefone (51) 3316-5150 (Profa.

Sílvia) ou (51) 8236-3104 (Normanda Araujo de Moraes). Caso tenha alguma dúvida, o Comitê de Ética em Pesquisas da UFRGS está à disposição no telefone (51) 3316-3629.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Data

\_\_\_\_\_

Coordenador(a) Local do Projeto

Concordamos que os adolescentes em situação de rua da Instituição participem do presente estudo.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Responsável do Ministério Público

## ANEXO I. ENTREVISTA ESTRUTURADA

### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Data:

Local:

### II - PERGUNTAS

#### 2.1 Percepções sobre os afetos positivos e negativos

2.1.1 Conte-me uma situação que aconteceu nos últimos dias em que você se sentiu:

- a) divertido
- b) contente
- c) animado
- d) incomodado
- e) humilhado
- f) magoado
- g) irritado
- h) alegre

2.1.2 Como você se sente a maior parte do tempo?

#### 2.2 Percepções sobre a satisfação de vida

2.2.1 Você está satisfeito com sua vida?

2.2.2 Você pode desenhar como você imagina sua vida ideal?

2.2.3 Você está próximo do ideal?

2.2.4 Quais diferenças existem entre o seu ideal e sua vida de hoje?

2.2.5 Você faria alguma coisa diferente do que fez até hoje em sua vida? O que?

2.2.6 Você tem conseguido as coisas importantes que você quer na vida? O que?

ANEXO J. FIGURAS DOS CONTEXTOS







ANEXO L. FICHAS DOS AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS

ANIMADO	CONTENTE
ALEGRE	DIVERTIDO

HUMILHADO	MAGOADO
IRRITADO	INCOMODADO